

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

ANDRÉ PEREIRA DO AMARAL

MANIFESTO PELA ESCRITURA POÉTICA

SÃO PAULO

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES

ANDRÉ PEREIRA DO AMARAL

MANIFESTO PELA ESCRITURA POÉTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP para obtenção de título de Mestre em Artes.

Linha de pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientadora: Profª. Dra. Luiza Helena da Silva Christov

SÃO PAULO

2018

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

A485m Amaral, André Pereira do
 Manifesto pela escritura poética / André Pereira do Amaral. -
 São Paulo, 2018.
 153 f. : il. color.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luiza Helena da Silva Christov.
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual
Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Poética. 2. Arte e literatura. 3. Literatura e sociedade.
I. Christov, Luiza Helena da Silva. II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 801

AMARAL, André Pereira do. *Manifesto pela escritura poética*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018

Data da defesa: 05 de maio de 2018

Membros componentes da banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Luiza Helena da Silva Christov
(Instituto de Artes / UNESP/ Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Luiza Marcondes Garcia
(PUC-SP/Faculdade SESI-SP de Educação/ Titular)

Prof^ª. Dr^ª.. Rita Luciana B. Bredariolli
(Instituto de Artes / UNESP/Titular)

Suplentes:

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno (Universidade Federal de Sergipe)

Prof. Dr Mario Fernando Bolognesi - (Instituto de Artes / UNESP)

Para as pessoas que insistem em semear a poética de outro mundo possível

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha vó Dozinha que ao me benzer rabiscou escrituras invisíveis em mim, marcando meu corpo na crença da cura pela palavra.

Gratidão à Cida, minha mãe, pelo imenso amor e por me acalantar com histórias. Percebo, até mesmo na minha letra, sua influência em mim.

Gratidão ao Tião, meu pai, por cada hora-extra trabalhada para que tivéssemos uma casa. Por ler tantos livros em Tupi Paulista e me dizer da importância dos estudos.

Gratidão àquela que me vê e ao meu ver me melhora, Veronica Avellar, minha companheira atenta e acolhedora. Que bom que você está por perto!

Às professoras e professores que ampliaram minha forma de perceber o mundo, Ruth, Sandra e Leni (ensino fundamental da EMEF Aurélio Arrobas Martins); Estela (história no ensino médio EE Cidade de Hiroshima); Érica (cursinho Pró-usp); Equipe do cursinho Sintaxe.

Aos aprendizes da Casa de Cultura e Cidadania, Fábricas de Cultura e Programa Vocacional por me ensinarem e renovarem minha esperança.

À Luiza Christov, orientadora e defensora da experiência, por suas palavras de morder, por seus conselhos-chão e pela mensagem: “eu confio em você”.

Às professoras Rita Bredarioli e Rejane Coutinho e ao professor Sérgio Romagnolo pelas contribuições das disciplinas.

Aos companheiros e companheiras das disciplinas do Programa de Pós-Graduação do IA-UNESP por tantas trocas e construções.

Ao grupo de pesquisa Vozes e suas narrativas de potência.

À Camila e Renata, companheiras de mestrado, por me lembrarem das datas e pelo compartilhar de alegrias e angústias.

Aos professores Alberto Roiphe Bruno e Ana Luiza Marcondes Garcia pela leitura atenta que qualificaram esta pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa-manifesto, escrita por um poeta-pesquisador, é dividida em capítulos pares (normativos) e capítulos ímpares (narrativos) que são sintetizados nos enunciados do manifesto.

Estabelece o conceito de profanas escrituras como forma de resistir à gramática do poder e analisa o que fundamenta a escritura poética. Propõe o ensino do letramento poético e da alfabetização autoral no combate a sub-alfabetização e marca a importância da literatura ser lecionada como arte.

Por fim, traz relatos de experiências educativas com diferentes grupos em equipamentos culturais da periferia de São Paulo.

Palavras-chave: Manifesto; Escritura; Poética

RESUMEN

La presente investigación-manifiesto, escrita por un poeta-investigador es dividida en capítulos pares (normativos) y capítulos impares (narrativos) que se sintetizan en los enunciados del manifiesto.

Establece el concepto de profanas escrituras como forma de resistir a la gramática del poder y analiza lo que fundamenta la escritura poética. Propone la enseñanza del alfabetismo poético y de la alfabetización autoral en el combate a la sub-alfabetización y marca la importancia de la literatura ser enseñada como arte.

Por fin, trae relatos de experiencias educativas con diferentes grupos en equipamientos culturales de la periferia de São Paulo.

Palabras clave: Manifiesto; Escritura; Poética

MANIFESTO PELA ESCRITURA POÉTICA

*

A escritura poética é semente de um tempo que quer nascer.

Precisamos de sabedoria de parteira para facilitar nascimentos.

*

A escritura poética é uma epistemologia do sul. Busca outra concepção de mundo atenta às contribuições dos povos indígenas originários, das comunidades quilombolas, das produções das periferias urbanas, outras escrituras que sobrevivem a constantes tentativas de silenciamento.

*

Procura-se o nome artístico do mundo.

*

É necessário compreender profundamente o código para modificá-lo. Adentrar as escrituras institucionais para superá-las. Travar a batalha com a linguagem sem perder de vista as condições materiais desiguais. Defender o direito à dignidade, à alimentação, segurança, moradia e também bens simbólicos, fruição estética, direito e acesso a manifestações artísticas. Para esfacelar a democracia e manter os privilégios do mercado é necessário exilar um povo de suas narrativas de potência. Esconder a flor que o poeta viu nascer no asfalto. Esconder o beijo dado no asfalto. Esconder os corpos e só mostrar o asfalto. As profanas escrituras veem e cantam as flores. Veem os beijos onde a gramática do poder só vê asfalto.

*

Trabalhadoras e trabalhadores das letras, uni-vos!

Os que não tiveram caderno de caligrafia. Que não ocuparam cargos de poder. Os assalariados. Os que hão de unir seus garranchos em torno de uma mesa com ou sem chá. O antro dos mortais da literatura nacional. Numa casa com quintal, não numa réplica de palácio, a literatura será celebrada com festa, a língua será a convidada de honra, a rainha do maracatu que dançará ao ritmo de poemas-tambor. Para a comilança, serão produzidos textos com sabor. Sabor dos doces no tacho de Cora Coralina, do munguzá de Patativa de Assaré, dos araticuns maduros de Manoel de Barros.

*

A ficção, a simbologia e as narrativas míticas não se opõem a razão e ao verdadeiro como sugere a racionalidade ocidental. A escritura poética é irmã da oralidade e permanece atenta a esta forma de entendimento do mundo. Os primeiros contadores de histórias eram também as pessoas que detinham a comunicação com os espíritos, com o mistério, com os ancestrais. Nossos genes de forma atávica carregam não somente fenótipos que determinam nossas características físicas, mas também o interesse em acessar o mundo e aprender com ele por meio de narrativas.

*

A escritura poética presta muita atenção nos sonhos. E toda forma de construção de conhecimento humano, talvez seja isso. Sonhar outras existências.

*

Promover a escrita em atividades de criação com a palavra é tão importante quanto garantir a alfabetização, daí a utilização dos termos letramento poético e alfabetização autoral para designar esta proposição dialógica que une o entendimento do código com a fruição e a criação estética.

*

No muro da educação está pixado: Para que(m) serve teu conhecimento?

*

A escritura poética é descolonial. É a possibilidade de construção e acesso ao imenso legado cultural brasileiro. Possibilidade de gerar empatia a sujeitos históricos demonizados pelo racismo institucional.

*

É escritura que não se quer estagnada. Que se move buscando outros pontos. Que se modifica pelas pessoas que encontra. Pelos textos lidos nos olhos cansados. Que só aceita entrar na academia se carregar a poeira da rua. Textos que habitam corpos. Pesquisa que se faz em estações e avenidas, radiais, marginais. Nas páginas rebocadas das casas periféricas, referências bibliográficas. No fone de ouvido que embala a viagem, filosofia contemporânea.

*

A beleza da literatura não se resume ao objeto livro. Tampouco a estilística ou determinada forma de escrita. A beleza da literatura reside na sua capacidade de diálogo atemporal entre seres diversos, entre pessoas de diferentes culturas, pontos de vista, pensamentos e desejos. Na sua possibilidade de gerar conhecimento e empatia, que são elementos fundamentais no combate a barbárie gerada pela ignorância humana.

*

Devemos batalhar pelo terreno da imaginação, pois até esta terra foi colonizada, controlada e manipulada. Num mundo que consome imagens e narrativas num ritmo frenético, a literatura é um espaço de resistência de imaginários. Uma literatura que seja tudo, menos chique. Chique é um adjetivo que marca um conceito elitista que perdura em nossa sociedade estruturada na criminalização da pobreza. E se os pobres não escreverem suas próprias narrativas sempre serão culpabilizados.

*

A poesia quer ser silêncio. A escrita quer ser voz. Nascidas da impossibilidade, quando se esgotam as palavras explicativas, quando a vida toca o sem sentido é só por meio da palavra poética que algo sutil se reconstitui como o canto de uma benzedeira que impede que uma ferida continue sua trilha pelo corpo.

*

Num mundo cada vez mais enfermo, onde pessoas tomam doses cavalares de ódio diário (entregues em domicílio), recitar um verso olhando para os olhos de alguém é uma medida preventiva revolucionária. A poesia é capaz de curar.

SUMÁRIO

Prólogo- primeiras linhas	15
I. Quando o poeta-pesquisador tece outras linhas de pesquisa	22
II. A gramática do poder	29
III. Quando o poeta-pesquisador conta da professora que lhe deu um nome artístico	41
IV. As profanas escrituras	44
V. Quando o poeta-pesquisador propõe a criação da ABLP	54
VI. Fundamentos da escritura poética	56
VII. Quando o poeta-pesquisador sonha com Paulo Freire e acorda com a dissertação em sua mente	67
VIII. Sub-alfabetização, letramento poético e alfabetização autoral	71
IX. Quando o poeta-pesquisador se depara com uma pergunta: para que(m) serve teu conhecimento?	84
X. Em busca de uma literatura decolonial no Brasil	88

XI. Quando o poeta-pesquisador reflete sobre sua escritura deslocada	100
XII. Soube que vocês nada querem escrever:	
do poema-provocação ao poema-abraço	104
XIII. Quando o poeta-pesquisador anseia por uma literatura que não seja chique	121
XIV. Estudos pra nascer palavra	125
XV. Quando o poeta-pesquisador se lembra dos jovens de hoje	134
Epílogo - linhas finais	139
Carta a você que me lê	142

Prólogo- primeiras linhas

A você, que inicia a leitura desta pesquisa, ainda que não compartilhemos o mesmo tempo-espço, proponho que avancemos juntos, logo nas primeiras linhas. O que nos une é um pacto invisível que é selado por quem escreve e por quem lê, a cada vez que se inicia uma nova leitura. Tal pacto torna possível que um texto seja mais que uma sequência combinatória de determinado código alfabético. Permite que ele possua o poder de evocar, de criar mundos e existências. Se um texto, etimologicamente, é algo que é tecido, solicito que traga sua linha para tecermos juntos os sentidos desta dissertação. Ao final, talvez, tenhamos um pequeno tapete de entrada que, ao impedir a poeira das palavras gastas grudadas nas solas do cotidiano, possa anunciar o “bem-vindo” de uma casa onde habita a poesia, com palavras que moram junto com a gente. Mas, pode ser que discorde dele e que não queira colocá-lo na entrada. Se for o caso, desfaça-o (feito Penélope à espera de Odisseu).

Refaça, transforme - com as linhas que são tuas.

Com as linhas que são minhas, costurarei diferentes linhas de pesquisa, partindo de um fio primordial: a função humanizadora da literatura (conceitualizada por Antonio Candido) estendida ao conceito de escritura poética como prática humanizadora. A este fio serão tecidos autores e autoras diferentes para pensarmos juntos novas formas de manifestar a linguagem numa fundamentação teórica alicerçada por pessoas atentas à formação de saberes experienciais e não-hegemônicos. Muitos fios irão compor nossa trama:

O neologismo *Palavramundo* e o legado de Paulo Freire.

Os conceitos de escritura e literatura de Roland Barthes.

Os percursos de defesa da experiência em Walter Benjamin, Jorge Larrosa e John Dewey.

Estudos atravessam esta pesquisa, influenciam, dialogam, mas ela se configura, sobretudo, como um ato de criação.

O chão onde ela é erguida é a própria experiência do poeta-pesquisador.

Ao se manter atento a potência literária na construção de saberes, os poetas são as estruturas desta construção.

Seu mestre de obras é Manoel de Barros e de sua poética são extraídos conceitos basais para a dissertação como o transver (olhar da imaginação que se movimenta e reinventa o mundo) sua noção de erro, de desgramática, seus desenhos verbais. O homem-pássaro Patativa do Assaré tem seu pouso garantido nas próximas páginas ao encarnar a noção de escritura poética como experiência corpórea. Carlos Drummond de Andrade, contribuiu com um texto basal para este estudo: “A educação do ser poético”.

Cora Coralina e Carolina Maria de Jesus nos trarão em suas profanas escrituras, acervos de aprendizado humano.

Convido você, então, a abrir comigo as veredas para o diálogo entre a arte e a educação, entre a escuta e a escrita.

Nas próximas estradas, poetas e formadores irão dialogar com as minhas e com as suas ideias, com o poeta, com o educador, com o pesquisador e com as experiências de criação com os jovens.

Luiz Fernando Veríssimo escreveu uma crônica que reflete sobre algo curioso: grande parte das coisas que viciam são escritos, em língua portuguesa, com a letra inicial *C*. Cita os exemplos: cocaína, crack, computador, chocolate, café, cigarro, cachaça, Coca-Cola.

Nesta pesquisa, as palavras iniciadas com a letra *E* pediram passagem:

Emancipação, existência, estudos, estética, ética, encontro, encantamento, empatia.

Além das três palavras balizas da pesquisa: Escritura, ensino e experiência.

Engraçado e estranho, não?

Eis a organização pensada para esta dissertação. São três eixos:

O primeiro narra experiências do poeta-pesquisador e o que o moveu à pesquisa. Disserta sobre o que se denominou como gramática do poder, sobre as profanas escrituras e os fundamentos da escritura poética.

O segundo eixo reflete sobre o ensino da escritura poética e literatura, a busca por um ensino descolonial de literatura brasileira e os conceitos de sub-alfabetização, letramento poético e alfabetização autoral.

A parte final relata experiências com o ensino de escritura poética na periferia de São Paulo em diferentes equipamentos culturais.

A dissertação é composta por capítulos pares (argumentativos) e capítulos ímpares (narrativos).

A leitura desta pesquisa se pretende experiência. Partindo da convicção de que o leitor é também coautor do texto que lê, sua leitura é autônoma.

Pode continuá-la ou não.

Pode ler rapidamente ou com vagar.

Pode devorar ou degustar.

A escolha em trançar as linhas ou lê-las separadas.

Em ler somente uma parte.

Em ler somente esta introdução e a conclusão é inteiramente sua.

Retomo aqui os direitos inalienáveis do leitor, escritos por Daniel Pennac:

1.O direito de não ler.

2.O direito de pular as páginas.

3.O direito de não terminar de ler o livro.

4.O direito de reler.

5.O direito de ler não importa o quê.

6.O direito ao “bovarysme” (doença textualmente transmissível).

7.O direito de ler não importa onde.

8.O direito de “colher aqui e acolá”.

9.O direito de ler em voz alta.

10.O direito de se calar.

Importante ressaltar que ambas as partes compõem a pesquisa. Não há uma parte que esteja em detrimento da outra. São complementares. Ambas defendem que a escritura poética é uma contribuição potente na construção do conhecimento.

Durante o percurso de nossa existência, nos deparamos com diversos substantivos que denotam funções e que estruturam nossa identidade. Dizer de nós mesmos seria uma árdua tarefa se não pudéssemos recorrer a eles. Dos muitos que me dei e que me deram, dois ajudam a adentrar o lugar onde olho o mundo: poeta e educador.

Ambos têm suas especificidades, mas também muitos pontos que se tocam. Esta pesquisa é a busca por um encontro entre a poesia e a educação. Daí seu anseio de ser um manifesto pela escritura poética. Para isso, se fez necessário atravessar a pesquisa em sua estrutura. O desafio foi fazer com que sua forma expressasse também o objeto que ela investiga. Não queria que a escrita se reduzisse a um tema. A ideia era que ela deflagrasse outra organização de construção do pensamento, mesmo se inserindo no contexto do texto acadêmico. Ser metodologicamente rigoroso, sem que isso significasse apagar a experiência do sujeito que a escreve. Sem que reproduzisse determinado *modus operandi* padronizado acerca do como se escreve uma dissertação.

A pesquisa se dá num momento alarmante, com visões estreitas sendo reproduzidas de forma ineficaz. Somos o país que mais mata no mundo. Que mais consome ansiolíticos. E esses dados estão amplamente conectados a outros:

- ❑ O Brasil é o segundo país do mundo em que as pessoas mais têm a percepção equivocada sobre a realidade.¹
- ❑ 30% da população brasileira nunca comprou um livro²

¹ Fonte: Pesquisa "Os Perigos da Percepção", realizada pelo instituto Ipsos Mori (2016). Extraído da matéria:

<http://m.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1941021-brasil-e-2-pais-com-menos-nocao-da-propria-realidad-e-aponta-pesquisa.shtml>

² Fonte: 4ª edição da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", desenvolvida em março de 2016 pelo Instituto Pró-Livro.

- ❑ Brasil levará 260 anos para atingir nível de leitura dos países ricos (dado que precisa ser relativizado dado os interesses de quem o produziu, mas que não deixa de ser sintomático)³
- ❑ A alfabetização não avançou e não cumpriu a meta estipulada com a ONU.⁴
- ❑ O analfabetismo é maior entre pessoas pretas e pardas (dado que marca a influência do racismo estrutural na desigualdade de acesso à educação)⁵

Estes dados são recentes e não estão aqui assustar, mas sim, para delimitação de um ponto de partida. Mais do que enumerá-los é preciso saber como interpretá-los. Obviamente, podemos apontar excelentes iniciativas no ensino de escrita e leitura mas, pela excepcionalidade, acabam por reforçar a necessidade de se repensar a educação, em sua base.

Esta dissertação propõe alguns eixos de trabalho com a escrita, expressos no manifesto. A leitura e análise de seus catorze enunciados compõem a síntese deste trabalho.

Num momento de grande adesão de discursos autoritários e comportamento fascista, precisamos que diferentes áreas do conhecimento eduquem para a solidariedade, para a ética e consciência crítica. Os EUA, maior produtor de artigos científicos do mundo, também é o país onde há mais massacres e chacinas nas escolas. A educação apartada de uma visão ampla de respeito e compaixão com os semelhantes não nos redime de tais atrocidades. Precisamos poetizar para humanizar a educação.

³ Fonte: *World Development Report*, relatório publicado anualmente pelo Banco Mundial (2018). Extraído da matéria do portal DW: <http://www.dw.com/pt-br/brasil-levar%C3%A1-260-anos-para-atingir-n%C3%ADvel-de-leitura-de-pa%C3%ADses-ricos/a-42776739>

⁴ Na declaração de Dacar “Educação para Todos”, elaborada pela Cúpula Mundial da Educação em 2000 e que compõe os objetivos do Relatório da Unesco, os países deveriam reduzir o analfabetismo em pelo menos 50% até 2015

⁵ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2016. Extraído da matéria: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/analfabetismo-entre-pessoas-pretas-e-pardas-e-mais-que-o-dobro-d-o-que-entre-as-brancas-diz-ibge.ghml>

Carecemos de outra organização social. Outra forma de se perceber e se relacionar com o planeta. Outro idioma que nos faça declamar o respeito à dignidade de todas as mulheres e homens. Outras escrituras que se manifestem para que retomemos a capacidade de sonhar e lutar por um projeto solidário de humanidade.

Precisamos de pesquisa, mas precisamos também, sobremaneira, de poesia.

De formulação de um imaginário de empatia.

Precisamos escutar o outro. Ler sua escritura.

Defender o conhecimento como direito e não como mercadoria.

São essas linhas de utopia e horizonte que movem esta pesquisa.

A você que, imagino, ainda está aí, eis o chão que pisamos.

Reveja se na entrada de nossa habitação existe um tapete novo, alinhavado com suas linhas mentais enquanto lia e com as primeiras linhas da pesquisa.

Bora continuar tecendo.

Acerca do mundo e desta pesquisa lhe desejo:

Boas leituras!

Referências bibliográficas

BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo. Editora Perspectiva, 1977

HOMERO. Odisseia. Tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes - 25º ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2015

PENNAC, Daniel. Como um romance. Editora L&PM, 2008

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Tudo que vicia começa com C, 2012

<https://social.stoa.usp.br/briannaloch/tudo-que-vicia-comeca-com-c>.

I. Quando o poeta-pesquisador tece outras linhas de pesquisa

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Carlos Drummond de Andrade

Depois do aviso sobre a organização da dissertação, iniciamos o primeiro capítulo ímpar. Narrativo e, nem por isso, menor ou adendo ao texto que virá na sequência.

Poeta e pesquisador são duas funções que cumpro no mundo. O poeta- pesquisador desta pesquisa é um eu-lírico que se perdeu nos corredores da academia. Ao sair de um livro de poesia, errou o trajeto de volta e acabou entrando nesta dissertação. Ao me deparar com tal presença, o elegi como guia errante dos capítulos ímpares. Ele age feito uma criança curiosa. Estranha a naturalização do desenvolvimento de um texto acadêmico. Tem o poder clownesco de apontar as contradições enquanto ri de si mesmo, de ser leve e de lembrar que por trás da formalidade e da burocracia, a pesquisa é um jogo. Quando as peças se encaixam monta-se uma imagem. Aberta a decifrações e interpretações, a imagem formada se altera com os olhares que a miram no transcurso temporal.

Agora que você me acompanha, quero lhe mostrar outras linhas. Quero me aproximar como se fosse possível fazermos desta leitura, um bate-papo - gostaria, inclusive, de poder ouvir suas considerações.

Evocarei minhas memórias para que possa imaginar meu lugar de fala e de escrita, pois sem uma narrativa, ainda que sintética, de minha experiência, esta pesquisa não será integralmente compreendida, pois ela nasce da palavra-corpo, de tudo que atravessei e de tudo que me atravessou na busca pela palavra poética que seja um encontro ético entre seres humanos, sem silenciamentos.

Quando nasci,contam meus pais, tive graves problemas de saúde. Meus pais me levaram a diversos médicos, gastaram o que não tinham para ouvir que clinicamente eu era saudável. Então porque não crescia?

Minha mãe, decidida a me curar, procurou outros tratamentos, me levando a mulheres benzedadeiras (para espantar a doença sem nome que eu tinha).

Deu certo!

Passei a crescer e engordar e não tive mais os problemas de saúde. Fui curado por um tratamento espiritual. Fui curado por palavras. Palavras encantadas que saíam das bocas das benzedadeiras.

A escritura poética é semente de um tempo que quer nascer. Precisamos da sabedoria de parteira para facilitar nascimentos. Para construirmos moradas em nossas próprias histórias.

A história da doença logo após meu nascimento é a que mais ouvi em minha vida. É como se ela me precedesse, habitasse o que, posteriormente, se construiria como minha identidade, antes mesmo de mim.

Conto ela, porque me vejo nela.

Acredito na capacidade da linguagem tocar e recriar o mundo. Mesmo na simplicidade de recursos financeiros, meus pais cultivavam o hábito da leitura, o contato com formas de dizer e escrever. Minha mãe contava histórias e despertava nos filhos, o desejo de vencer dragões, construir reinos e viver aventuras.

Fui criado na periferia da zona leste de São Paulo, num bairro que leva o inusitado nome de Gleba do Pêssego. Estudei em escola pública e tomei contato com a palavra desencantada. A palavra reduzida a cópia e reprodução. Mas, eu já estava vacinado com a palavra encantada. Ela já habitava meu corpo. Excetuando o encontro com algumas professoras (sobretudo com um acontecimento singular que ocorreu no ensino fundamental, relatado no capítulo III) minha ânsia pela palavra poética teve que sobreviver ao período escolar.

Quando, aos treze anos de idade, iniciei um curso de teatro num projeto social, encontrei um lugar para expandir a poesia que eu, timidamente, guardava dos olhos do mundo. Tomei contato com outra forma de se ensinar, de se pensar, de se estar no mundo. Estiquei esta linha e, desde então, é com ela que faço meu fazer.

Trabalho na periferia da cidade, lugar de minha construção e afeto. Minha trajetória de escritor e artista educador se uniu a palavra que vazou das escrituras juvenis, nos

projetos sociais onde lecionei e ainda leciono. Encontrei jovens com a mesma ânsia poética que eu sentia. Eu também alterei minha relação com a escrita ao tomar contato com a arte e educação. Atualmente, ao ministrar oficinas de escritura poética, tento possibilitar um espaço em que a criação com a palavra seja possível. Despertar e reencantar a escritura, tirando a obrigatoriedade utilitarista e incentivando a expressão da linguagem, que é uma capacidade humana.

Neste ponto, trarei um foco para sua atenção. Perceba que as ideias que estamos construindo emergem de diversos sinais gráficos que são postos linearmente. Não sei em que superfície você os visualiza. Se num papel ou numa tela. Por ter sido alfabetizado na língua portuguesa, ao vê-los você produz sonoridades em sua mente que decodificam tais sinais. Após determinado período de contato com tal conhecimento, naturalizamos seu funcionamento sem conservar a lembrança de quando olhávamos para tais sinais sem compreendê-los. Ou, como já ouvi de algumas crianças aprendizes, não nos lembramos do tempo que “só sabíamos ler figuras”.

Proponho uma experiência. Procure um texto de uma língua que você não domina. Pode ir, quando voltar retome deste ponto. O texto ainda estará aqui te esperando.

Foi? E, aí?

Já tinha se esquecido da sensação de olhar um texto e perceber o que ele é em sua materialidade, sem a camada de compreensão de seus fonemas e grafemas? Provavelmente, você se sente acolhido de volta a esta leitura de um idioma que domina. Guarde a sensação de estranhamento. Ela será importante na sequência desta leitura. A sensação do não saber, do ser exposto a sinais que diversas pessoas compreendem e que para você não passam de traços ou figuras sem referentes. Uma espécie de mistério velado a seus olhos que são plenamente capazes de perceberem os sinais, mas não possuem os saberes necessários à decodificação. Esta ainda é a sensação de quase treze milhões de brasileiros diante de um texto escrito em português, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgada em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O sentimento dos iletrados. Excluídos do templo sacro da civilização ocidental. A civilização letrada.

Vamos ao título da dissertação.

Manifesto é forma, mas também verbo. É gênero literário, mas também ação social.

Nesta pesquisa me uno aos homens e mulheres que no percurso histórico escreveram manifestos.

No cerne da transformação que acredito, a escritura poética. É por ela que manifesto.

Uma pergunta que você talvez tenha feito mentalmente ao ler o título:

Por que escritura e não escrita?

As palavras são sinônimos na língua portuguesa, mas, como aprendi logo no primeiro semestre de linguística, sinônimos não possuem equivalência absoluta, pois a alteração fonética e fonológica altera a relação com a palavra, ainda que semanticamente possuam a mesma acepção.

Bem, vamos lá.

Não a escolhi pela acepção de registro de imóvel, ainda que este significado converse com a pesquisa, que não deixa de ser uma forma de registrar.

Existe o conceito de escritura em Roland Barthes que aparece em suas obras *O grau zero da escritura* (1953); *O prazer do texto* (1973); e a palestra inaugural que virou livro *Aula* (1978). Gosto da noção barthesiana que aparece em “*Aula*”, que a escritura faz do saber uma festa, mas o que me fez adotar o termo foi um conjunto de outros fatores estéticos, semânticos e fonéticos. Além de considerar que a palavra está menos gasta, gosto de como soa a palavra, em seu diálogo fonético com as palavras literatura, ossatura, estrutura, cultura. Termos que se relacionam também semanticamente. Também considero que a palavra carrega uma ideia processual, um termo que remete a um fazer e menos a um objeto estanque de ensino. Escritura parece querer nos lembrar que ela é ação de um corpo integral, sem a dicotomia corpo/mente.

Esclarecido os termos manifesto e escritura, importante esclarecer o que está sendo compreendido como *poética*. O termo é empregado retomando a etimologia da palavra grega *poiesis* como criação. A escritura poética é a que é praticada como criação. O termo, desta maneira, é utilizado em seu sentido amplo e não no sentido estrito de gênero literário. O professor Anatol Rosenfeld (1965) no texto “*A teoria dos gêneros*”

elucida as duas acepções dos gêneros: a substantiva e a adjetiva. Considerando esta diferenciação, o termo poética nesta pesquisa se refere ao significado adjetivo⁶.

Escritura poética é a que estuda e pratica a potencialidade criadora da palavra em oposição a um estudo que enfatiza a escrita como prática de cópia e função utilitarista de registro.

Esta pesquisa é uma sobreposição de trabalho criativo e investigativo.

Revela e é revelada.

Partimos da linha primordial de que a escritura poética é uma prática que humaniza, pois faz do texto um encontro, não uma ordem. Deixemos para as propagandas as palavras de convencimento. Uma pesquisa em arte deve se preocupar mais em refazer as perguntas do que em proclamar respostas.

Umberto Eco, em seu livro *Como se faz uma tese* (1980) escreveu que uma pesquisa não é para o examinador, é para toda a humanidade. Ao final, depois de diversos capítulos acerca de normatização e metodologia científica, ainda faz uma consideração inusitada: Que uma tese faça o pesquisador se divertir.

Umberto Eco, talvez, estivesse pensando no comprometimento gerado quando nos divertimos com uma atividade. Uma pesquisa necessita de intenso engajamento e esforço. Nem sempre será divertido, mas tampouco necessita ser um peso. Se estiver conectada a algo primordial na experiência de quem pesquisa, comunicará a muitos.

Entendo que é esta noção coletiva - de escrever para toda a humanidade - que deve guiar o artista-pesquisador. Para além de uma prepotência com seu estudo, imaginar que na aparente solidão da feitura de seu trabalho acadêmico ele pode convocar vozes ancestrais que somarão, em cânone, ao som de sua voz. Poder abrir os braços da pesquisa para que ela abrace pessoas que não possuem acesso a Universidade, que está longe de ser universal.

Escolhi realizá-la porque me encontrei com a Luiza (orientadora) e percebi em sua fala uma valorização do saber da experiência. Anteriormente, eu havia feito uma disciplina como aluno especial na letras - FFLCH-USP e resolvi não efetivar minha inscrição para

⁶ Nesta segunda acepção, os termos adquirem grande amplitude podendo ser aplicados mesmo a situações extraliterárias. Pode-se falar de uma noite lírica, de um banquete épico ou de um jogo de futebol dramático (pg.19)

o mestrado, porque me deparei com um incômodo: eu não me via no que pretendia pesquisar. Não me via no trabalho que tinha que escrever, no prazo que havia de cumprir de palavras que desconheciam minha trajetória.

Em 2014 enviei um e-mail ao professor da disciplina que realizei, com cópia para a professora que havia me orientado a permanecer pesquisando na pós-graduação. Eis um trecho da mensagem:

Apesar do interesse que tenho pelo tema, ele está totalmente afastado de meu campo de atividade profissional, que, aliás, não pretendo abandonar. Sempre morei na periferia de São Paulo. Trabalho com arte-educação, em projetos sociais em bairros próximos ao que resido. Minha investigação tem se dado em outro território, através do corpo a corpo com o fazer, através da experiência e troca com outros profissionais e aprendizes - e isso não está contemplado na minha possível escolha de pesquisa, o que dificulta ainda mais sua realização (...) percebo agora, que tenho buscado algo que está distante, sem notar atentamente para algo que já realizo, já pesquiso e, sobretudo, me dedico.

Retomo este histórico para firmar que nesta pesquisa que aqui se inicia, eu me vejo. Quando olhei o que já realizava, notei o que fazia e ao que me dedicava, percebi uma pesquisa. Percebi uma busca.

Essa é a busca. A palavra que cria e habita outro mundo possível.

Eis a pesquisa e o manifesto.

Eis o início de nossa jornada.

Eis um incentivo à literatura. Possibilitar a experiência da beleza no contato com a produção criadora da escritura. Possibilitar um ambiente onde seja possível a criação com a palavra. Onde emergja a *Palavramundo*.

Já que ainda está aí continuarei explicando (que etimologicamente significa *dobrando para fora*) o que se pretende com este estudo. O próximo capítulo é par e lhe relembro que sua organização é distinta dos capítulos ímpares.

Os capítulos pares são mais sérios, mas não se assuste com eles.

Dê uma chance para que eles digam a que vieram.

Continuemos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro, Editora Record, 52ª edição, 2003

BARTHES. Roland. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés Editora Cultrix - São Paulo, 2013

_____. **O grau zero da escritura** -Tradução de Heloysa de Lima Dantas , Anne Arnichand e Álvaro Lorencini - Editora Cultrix - São Paulo, 1971

_____. **O prazer do texto**. Tradução de Jacob Guinsburg- Editora Perspectiva - São Paulo, 2015

ECO. Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1977

FREIRE, Paulo; **DONALDO**, Macedo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 51ª edição- São Paulo. Cortez

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2008

II. A gramática do poder

A linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder
Maurizio Gnerre

Toda tentativa de rebater, desafiar ou vencer a imposição da escritura passa obrigatoriamente por ela.
Poder-se -ia dizer que a escritura termina absorvendo toda a liberdade, porque só no seu campo se
desenrola a batalha de novos setores que disputam posições de poder.
Ángel Rama

Este capítulo parte de uma inquietação: perceber o funcionamento sintático e a utilização semântica de quem detém o poder. A hipótese aqui esboçada é a de que não seria possível a manutenção exploratória somente detendo o acervo bélico e os meios de produção. Partindo do trecho citado da obra de Ángel Rama, se existe uma escritura (a do cartório) que absorve a liberdade humana, devemos rastrear uma que liberte.

No século XXI, num mundo que ainda desconhece todas as mudanças cognitivas causadas pelo convívio com a tecnologia, as informações se conectam e transitam com rapidez pela internet. Tal avanço não está imune ao controle econômico. Sua utilização e regulamentação depende de estruturas que atendam a interesses das corporações que visam controle e lucro. Nossa sociedade realiza atualmente uma distopia híbrida. Um misto de controle semântico como a “novafala” do Grande Irmão previsto por George Orwell em *1984* (1949) com a falsa sensação de liberdade de *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley. O admirável mundo novo capitalista controla as formas de compreensão e apreensão da realidade social. Imersos nas mesmas redes virtuais o mundo se reduz, se padroniza emoldurado em telas que estampam anúncios de que as fronteiras se romperam para que pudéssemos formar uma aldeia global.

Para um sistema, baseado na insustentabilidade da utilização de matérias primas e fontes energéticas se perpetuar ele, obrigatoriamente, deve se reinventar, amalgamando outros modos de pensamento e convertendo ideias em produtos que movam mais consumo. Para o capitalismo do século XXI é crucial o controle dos meios de comunicação. Não basta ser o sistema hegemônico, ele tem que ser comunicado e compreendido ideologicamente como um sistema superior criado pela humanidade e que ultrapassa o fracasso de outros modos de vida. Daí a demonização que os grupos midiáticos capitalistas fazem cotidianamente das experiências socialistas, comunistas, anarquistas ou de qualquer outra forma de organização social não-capitalista. O fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim e outros marcos de declínio das tentativas de organização comunista não sinalizam uma vitória meramente econômica, mas sobretudo, simbólica. O capitalismo venceu a disputa narrativa e se tornou um sistema que realiza a façanha de ser defendido por quem, por ele mesmo, é explorado. Eis a mutação da dureza capitalista para a desfaçatez liberal que visa convencer de que não existe mais classe trabalhadora e sim uma legião de empreendedores. De *self-made-man* a *self-sold-man*. De homem que se fez a homem que se vende. Alicerçado por um sistema jurídico controlado pelo mercado, o neoliberalismo camufla seu controle total dos meios de produção e comunicação em democracia, gerando a sensação de que escolhemos nossos governantes e somos filhos da liberdade. A liberdade neoliberal. A felicidade da droga soma⁷ convertida a espera por mais um *like* no Facebook que libere dopamina e faça com que a pessoa que postou algo, se sinta aprovada. Amplificaram nossas vozes, enquanto nossa cerca estreitava. Viramos uma sociedade que grita para convertidos do mesmo curral. Buscamos talvez, para citar outra obra de Orwell, a revolução dos bichos.⁸ Para nossa genuína libertação, o primeiro passo é deixar de seguir uma cartilha que nos deram e que propõe nossa extinção. Perceber que estamos cercados e que alguém é dono da cerca parece ser um bom começo. Para isso, proponho analisarmos brevemente a gramática do poder. Perceber sua existência e aplicação.

⁷ Soma é o nome dado a droga da felicidade do livro Admirável Mundo Novo

⁸ A revolução de bichos (1945)

O termo gramática do poder se refere a sistematização das estruturas de manutenção de privilégios por uma classe dominante. Tais estruturas do sistema capitalista já foram amplamente esmiuçadas por sociólogos como Karl Marx e Max Weber, em análises sólidas e distintas sobre as características deste sistema. O ponto aqui observado, ainda que tenha sido apontado nas análises citadas, não poderia ser integralmente pesquisado dada a distância temporal e as mutações de tal sistema desde o lançamento destas duas obras sociológicas basais.⁹

Se, grosso modo, Weber analisa os fundamentos religiosos do denominado “*espírito do capitalismo*” e Marx, atém-se aos aspectos econômicos utilizados na dominação da classe proletária, longe de querer realizar um estudo sociológico profundo, sinalizo um aspecto contemporâneo de mutação capitalista que interessa especificamente ao que está sendo investigado. Trata-se da utilização da linguagem e da narrativa como mecanismos arquitetados para legitimar, perpetuar e até mesmo naturalizar o *modus operandi* capitalista. Os fundamentos econômicos e religiosos de tal sistema são amalgamados pelo mesmo fio que os conecta: o fio narrativo, sua sintaxe e semântica manipuladas no que o linguista Noam Chomsky, referindo-se a Grande Mídia, denominou como *consenso fabricado*.¹⁰ Daí resulta a escolha pelo termo gramática, entendendo-o na acepção de sistematização e normatização da linguagem narrativa na fabricação ideológica.

O poder alterou sua gramática. O sistema capitalista revigorou-se no termo neoliberalismo. É este o atual enunciado do poder. Neoliberal, escondido como pensamento conciliador e neutro que ataca qualquer pensamento que se opõe sobre o peso de ser um pensamento ideológico (como se o próprio neoliberalismo não fosse uma ideologia).

Assim, o que investigamos neste capítulo é a linguagem e sua organização e manipulação narrativa que compõem uma “utilização fascista” da língua, separando-a

⁹ O Capital - Karl Marx (1867-primeiro volume)

A ética protestante e o espírito do capitalismo Max Weber (1905)

¹⁰

Noam Chomsky e a Mídia - O Consenso Fabricado

(*Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media*, 1992)

da noção barthesiana que a língua, ela toda, seja fascista,¹¹ pois há de se considerar que as línguas existiam antes do fascismo, ainda que sua configuração seja expressão de poder, considero um equívoco entregarmos este fundamental território e decretar que ele pertence somente aos que desejam manter o próprio poder, a opressão e a violência.

Se existe uma língua fascista, existe também uma língua libertária. Se existe a escritura da opressão, centralizada e protegida por batalhões vernaculares e canônicos, necessita-se perceber a escritura libertária, estudar sua existência, suas manifestações e defender seu ensino.

A escrita é uma forma de poder.

Sua invenção, datada da Idade do Bronze, estabeleceu o marco divisório entre História e Pré-história. A escrita da História, enquanto campo de conhecimento, ao materializar em registro o que antes era memória, foi mobilizada para gerar narrativas de construção identitária, fundamentais no processo de criação dos estados nacionais.

Em comunidades regidas pelo saber oral, a palavra falada possui a instância de legitimação e julgamento. Nas sociedades letradas, a palavra escrita adquire a primazia normativa.¹² Da esfera laica da legislação ocidental, passando pelas religiões monoteístas, o verbo só adquire instância superior quando “está escrito”.

Está escrito na bíblia. No alcorão. Na constituição.

Se está escrito, deve ser seguido. As leis não são desenhadas. A palavra, em sua plasticidade interpretativa e arbitrariedade fonética, pode ser manipulada segundo interesses que atendam a manutenção do status quo vigente. Dito de outra maneira, regular e naturalizar a língua impede a consciência acerca de sua construção, pois alguém só luta contra uma forma de opressão, após se reconhecer oprimido. Tal jogo de forças sociais é travado também na estrutura da linguagem. O conhecimento gramatical e a proficiência escrita se tornam privilégios que determinam a inclusão ou exclusão a espaços que poderiam gerar mobilidade social. Dos vestibulares a oportunidades de trabalho, um ensino público defasado se converte em projeto perverso de manutenção

¹¹ Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer (BARTHES, 1978)

¹² Uma referência é o livro “As consequências do letramento de Jack Goody e Ian Watt (1963)

de desigualdades. Um cartaz invisível e simbólico está colado nas entradas das universidades: “Proibida a entrada de iletrados”. O sociólogo Jessé Souza utiliza o termo subcidadania para designar o tratamento dado a população pobre no Brasil¹³. Partindo de tal definição, unindo-o ao conceito de alfabetização, será estudado nos capítulos posteriores o conceito que denomino de “sub-alfabetização” - ferramenta obsoleta que limita a formação crítica e integral, em outras palavras, o que se oferece aos subcidadãos é uma sub-alfabetização. Incapaz de interpretar os textos que são pré-requisitos para os espaços de acesso ao conhecimento, o subcidadão se vê alienado de tal gramática.

Ao analisar as instituições escriturárias, observa-se que existe um embate com as escrituras erguidas fora de seus domínios. Tal embate não é meramente terminológico, mas profundamente político e histórico - afinal, é fundamental a lembrança de que manipular a escrita é alterar a história.

No Brasil, um caso sintomático ocorreu em 2016. Ao nomear o processo que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, as palavras impeachment e golpe foram mobilizadas. A utilização de uma ou de outra implicava alteração na forma de compreensão do fato. O termo golpe possui um vasto histórico no país. Em 1888 não foi golpe, foi proclamação da República. Em 1964 não foi golpe, foi revolução. Em 2016 não foi golpe, foi impeachment. E a concentrada imprensa brasileira, nos três casos, tratou de contribuir com aqueles que tomavam o poder. A insistência de grande parte da mídia pelo termo impeachment enfatizava que o processo estava tramitando dentro da legalidade e que não havia ruptura da ordem democrática, afinal o rito constitucional estava sendo seguido. Os maiores jornais do país possuem uma cartilha de uso sintático. As manchetes enfatizam o sujeito na oração quando a notícia trata de uma acusação a um político inimigo da linha editorial. Quando a acusação recai sobre um político parceiro, usa-se um roteiro pré-definido: o título passa a voz passiva, relativa-se o enunciado e o sujeito da oração (quando não está oculto) se converte em uma instituição, uma pessoa jurídica e não física. Junta-se a esta manipulação uma população com alto índice de

¹³ SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

analfabetismo funcional que gera defasagem na capacidade de interpretação de textos, e temos o que Rubens R.R Casara (2017) nomeou como o empobrecimento do imaginário no Estado-Pós-Democrático:

Trata-se de umas das principais causas do crescimento do pensamento autoritário na sociedade brasileira. Sem o empobrecimento do imaginário, consequência necessária da adesão à razão neoliberal, o Estado-Pós-Democrático não teria surgido.

CASARA, Rubens R.R. *Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2017.pg.79

O fato de Casara ser um juiz e realizar uma batalha pela marcação de um termo que demonstra que a ruptura democrática foi realizada, simboliza o esforço de várias pessoas dentro das esferas de poder em resistir à barbárie. O fato dele ter sido perseguido por suas convicções demonstra que sua tese está correta. O judiciário brasileiro é o sintoma de uma elite que criminaliza a pobreza.

Termos do popular e sabiamente denominado “juridiquês” dos magistrados foram engendrados para afastar a população da compreensão do que fundamentava a acusação contra uma presidenta eleita. Ao final, os que pregam a cartilha do mercado se mostraram mais influentes que a escolha das eleições e um país em convulsão social ainda não entendeu o que são pedaladas fiscais, termo dicionarizado nos bastidores dos que decidem.

Diante do texto, escrito e normativo, estamos diante da gramática do poder. São as “palavras que pretendem” que regulam e justificam ações, que discursam para as massas, que estampam as capas de revistas e estabelecem a narrativa hegemônica.

No filme brasileiro *Narradores de Javé* (2004) , dirigido por Eliane Caffé, a imposição de legitimação pela escrita é trabalhada de forma muito hábil. No enredo, a pequena cidade de Javé será inundada, devido à construção de uma hidrelétrica. O pequeno povoado se reúne e alguns moradores anunciam que a cidade só será salva se for tombada pelo patrimônio histórico. Se a história de sua fundação estiver escrita (e não somente contada de boca em boca). Para impedir a inundação, somente o livro. O saber oral não faz história.

Ao registrar e disseminar os saberes, a escrita possibilitou que os avanços de determinada comunidade se perpetuassem. O espaço da biblioteca passou a sintetizar o acúmulo de conhecimento humano no percurso histórico.

Houve um tempo em que homens acreditaram que ao acenderem as luzes do conhecimento racional, a sombra da ignorância humana se dissiparia. Tempo que a literatura foi requisitada a auxiliar na criação de uma nova ordem mundial, que estabeleceu seu centro econômico na Europa. Os ideais patrióticos foram erguidos sobre um cânone literário que permitiu amalgamar características que uniam pessoas num conceito de nacionalidade.

Contudo, a inteligência da espécie, convertida na criação de uma enciclopédia exemplar não impediu as duas guerras mundiais e centenas de mortos assassinados por homens “ilustrados”.

“Nunca houve um monumento da cultura que também não fosse um monumento da barbárie”, nos lembra Walter Benjamin (1940)¹⁴. Antes de decidir pela morte de milhares, Adolf Hitler ouvia Wagner e lia muito. Joseph Goebbels formulava sua mostra de cinema. No alicerce do projeto de destruição em massa, a idealização estética. A Europa iluminista foi também a genocida. O avanço de estudos filosóficos e a proliferação artística não “humanizaram” as estruturas de poder (ou o poder é demasiado humano). A psicanálise, o marxismo e as vanguardas artísticas apontavam para um movimento de ampliação de consciência e busca de transformação da vida humana. Mas, no mesmo período, o totalitarismo também ampliou sua forma de manipulação das narrativas e burocratização do mal,¹⁵ com a criação de um estado que mesmo sendo autoritário e genocida, não deixou de ser esteta.

O acervo de diversos textos e fontes de conhecimento não garantiu a humanidade um estado de bem-estar social. A máxima marxista de que os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras, mas o que importava era modificá-lo¹⁶ não previa que na lacuna em disputa acerca do “como” se daria tal modificação, muita barbárie iria ocorrer.

¹⁴ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. Tese 07

¹⁵ ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal

¹⁶ MARX, K. Teses Sobre Feuerbach (1845)

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2018), propõe uma nova tese onze de Marx.¹⁷, retirando de sua formulação o que considera equívocos epistemológicos persistentes no pensamento ocidental. O primeiro, é que é difícil sustentar que os filósofos e suas concepções de mundo somente interpretaram o mundo, sem preocupação em modificá-lo. O mundo, antes e depois de Marx, continua sendo um espaço de construção e luta constante. Boaventura aponta que “são as interpretações dominantes que legitimam, possibilitam ou facilitam as transformações sociais levadas a cabo pelas classes dominantes”. O segundo equívoco se dá na dicotomia cartesiana natureza/sociedade. Boaventura sinaliza que “como dizem os povos indígenas das Américas, “a natureza não nos pertence, nós pertencemos à natureza”. Segundo o sociólogo, tal dicotomia serve ao próprio capitalismo ao legitimar a exploração da natureza por conceber a humanidade apartada dela.

Isto significa que os grupos sociais mais radicalmente excluídos pela sociedade capitalista, colonialista e patriarcal, muitos dos quais foram considerados resíduos do passado em vias de extinção ou de branqueamento, são os que, do ponto de vista das epistemologias do sul, nos estão a indicar uma saída com futuro, um futuro digno da humanidade e de todas as naturezas humanas e não-humanas que a compõem. Sendo parte de um esforço colectivo, as epistemologias do sul são um trabalho em curso e apenas embrionário. No meu próprio caso, penso que até hoje não dei conta de toda a riqueza analítica e transformadora contida nas epistemologias do sul que tenho vindo a propor. Tenho salientado que os três modos principais de dominação moderna – classe (capitalismo), raça (racismo) e sexo (patriarcado) – atuam articuladamente e que essa articulação varia com o contexto social, histórico e cultural. Mas não tenho dado atenção suficiente ao facto de este modo de dominação assentar na dualidade sociedade/natureza, e de tal modo que sem a superação desta dualidade nenhuma luta de libertação poderá ter êxito.

Em face disto, a nova tese onze devia ter uma formulação do tipo: “os filósofos, filósofas, cientistas sociais e humanistas devem colaborar com todos aqueles e aquelas que lutam contra a dominação no sentido de criar

¹⁷ SANTOS, Boaventura Sousa. A nova tese onze de Marx (2018)

formas de compreensão do mundo que tornem possível práticas de transformação do mundo que libertem conjuntamente o mundo humano e o mundo não-humano”. É muito menos elegante que a tese onze original, mas talvez nos seja mais útil.

SANTOS, Boaventura Sousa. A nova tese onze de Marx.

Publicado originalmente no portal Carta Maior, no dia 08/01/2018.

Situo esta pesquisa como uma “epistemologia do sul” no campo dos estudos da escritura poética. A busca por outra concepção de mundo atenta às contribuições dos povos indígenas originários, das comunidades quilombolas, das produções das periferias urbanas, das outras escrituras que sobrevivem a constantes tentativas de silenciamento.

A luta pela emancipação social é também linguística e literária. É na esfera da linguagem, nas palavras de ordem, na escrita normativa, na legislação cooptada, na manipulação dos livros ditos sagrados que a barbárie inicia seu processo de recrutamento. Para evitá-la não basta substituir os textos por outras palavras de ordem. Faz-se necessário não reproduzir seu *modus operandi*. Não impor narrativas. Driblar a lógica textual. Criar perguntas e quando esbarrar em respostas estanques, duvidar. Estar atento a outras escrituras que brotam, ainda que em condições desfavoráveis, que existem, resistem e anunciam a beleza poética em terrenos áridos.

Para construir outra forma de se estar no mundo, respeitando a diversidade de existências, não basta estar diante do texto. Se faz necessário não pretendê-lo modelar e inequívoco. Perceber sua materialidade e a pluralidade de interpretações possíveis, enquanto busca ouvir em sua trama as vozes de seu tempo. Pensar numa literatura que não lhe retire a carne, não promova assepsia, nem queira legislar sobre a ordem e o bem. Talvez convocar a oralidade, o saber não escrito para dialogar com as estruturas alfabéticas. A escritura poética estranha e desnaturaliza os fios dos textos, permitindo outras tramas.

Não mais o projeto iluminista da salvação pela palavra racional. Não mais as cartilhas. Não mais a criação de heróis idealizados. O mundo em rede confronta e se choca com a ideia do modo de ser nacional.

Cabe a literatura na contemporaneidade não mais reforçar identidades nacionais e sim, revelar as fissuras, os rasgos nas bandeiras puídas das civilizações, a tinta de sangue que escorre nos escombros que já foram templos. Se o anjo da história¹⁸ não consegue voltar e acordar os mortos, talvez o da literatura consiga. Talvez não seja um anjo.

¹⁸ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. Tese 09

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. Eichman em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal.

Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das letras, 1999

BARTHES. Roland. Aula. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Móises. São Paulo,

Editora Cultrix, 2013

BENJAMIN. Walter. Obras escolhidas I . Magia e técnica, arte e política. Tradução

Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1994

_____**História da literatura e ciência da literatura.** Tradução: Helano

Ribeiro; Manoel Ricardo de Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro - 7 letras, 2016

CASARA, Rubens R.R. Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos

indesejáveis. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2017

FISCHER, Steven Roger. História da escrita. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo.

Editora UNESP, 2009

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências

humanas /; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª Ed. — São Paulo: Martins Fontes,

1999

GNERRE, Maurizzio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1991

HUXLEY. Aldous. Admirável mundo novo. Tradução Vidal de Oliveira e Lino

Vallandro - 15ª ed - Rio de Janeiro, Editora Globo, 1987

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. XI. São Paulo: Martin Claret. 2004

ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo, Companhia das letras, 2009

_____**A revolução dos bichos.** Tradução Heitor Aquino Ferreira. São Paulo, Companhia das letras, 2017

RAMA, Ángel. A cidade das letras, tradução Emir Sader - 1ªed. São Paulo. Editora Boitempo, 2015

SANTOS, Boaventura Sousa. A nova tese onze de Marx.

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-nova-tese-onze-/4/39082>.

Publicado originalmente no portal Carta Maior, no dia 08/01/2018.

III. Quando o poeta-pesquisador conta da professora que lhe deu um nome artístico

Não falei para você dar uma chance aos capítulos ditos mais sérios que eles têm coisas a dizer.

O que achou do amigo par?

Provocativo, não?

Que fazer uma pausa, beber uma água, comer alguma coisa, pode ir.

Não?

Voltemos, então.

Neste ponto do percurso, divido com você uma experiência. No primeiro capítulo falei um pouco de minha trajetória como aluno de escola pública da periferia de São Paulo e como, na maior parte do tempo, tomei contato com o ensino da palavra com ênfase na cópia. Guardei para este capítulo uma história que aconteceu em minha infância e que se opõe a esta perspectiva de redução e reprodução escrita. Um exemplo de exceção. Tenho por esta história e por sua protagonista professora, um carinho imenso. Reflito bastante o quanto este acontecimento foi de extrema importância para os caminhos que escolhi trilhar posteriormente. Vamos a ela.

Ela se passa no ano de 1994. Eu havia iniciado no ensino fundamental na escola municipal Aurélio Arrobas Martins. Entre muitos eventos ocorridos neste ano, me recordo de ser ano de Copa do Mundo de futebol, realizada nos EUA. Ainda trago em mim a sonoridade da voz de meu pai me explicando a importância deste evento e as chances do Brasil na competição. Lembro da TV colocada no quintal da casa de meu tio na Gleba do Pêssego na partida final contra a Itália, quando coletivamente, nossa família sofreu junto até o jogador italiano Roberto Baggio chutar a bola pra longe na última cobrança de pênalti. Esta movimentação cultural atravessava profundamente o cotidiano escolar na periferia de São Paulo. Nós, as crianças leitoras, líamos os jogos e como eles afetavam a rotina dos adultos. Líamos as bandeirinhas penduradas, as

calçadas e ruas pintadas de verde e amarelo, os álbuns de figurinhas das seleções, aprendíamos a desenhar o cachorro que era mascote da Copa. Atenta a estas leituras e a empolgação de nossos corpos quando adentrávamos a sala, a professora Ruth solicitou um pequeno texto relatando a abertura e o primeiro jogo do Brasil contra os EUA. Ela conduzia as aulas com muita sensibilidade. Recordo de uma proposta em que solicitou aos alunos que trouxessem caixinhas de fósforo que estivessem vazias. Ela então chamava um por um a sua mesa e pedia que disséssemos uma palavra que gostaríamos de aprender a escrever. Ela anotava a palavra num papelzinho, guardava na caixinha e pedia que praticássemos a grafia da palavra. Um dia, compartilhou conosco que a palavra mais solicitada na sala foi shopping. Acho sintomático este dado. O gigante mercado e seu processo de fetichismo da mercadoria hipnotiza ainda na infância. Entre tantas palavras possíveis no vasto repertório da língua portuguesa, a palavra mais requisitada foi “shopping”, estrangeira, desejada e de difícil grafia.

Eu havia escolhido a palavra blusa, não sei bem qual era a minha dúvida e o porquê da escolha. Talvez a sonoridade do “*blu*” ou a dúvida se era com “s” ou “z”.

Na semana seguinte, após a entrega dos textos sobre a estreia do Brasil na Copa, aconteceu o fato que me marcou profundamente. A professora comentou sobre os textos e disse que iria passar mais um texto na lousa que também falava do jogo de abertura e que era para todos copiarem.

Após as primeiras frases, fui ficando tenso, num misto de exaltação e nervosismo. Em silêncio eu percebia o que estava ocorrendo, mas algo em mim duvidava que fosse possível. Quando terminou de copiar o texto na lousa, a professora Ruth escreveu a frase que ainda está gravada em mim:

Autor: André do Amaral

Ela então disse a todos os alunos que o texto era de um aluno da sala. Revelou que o texto havia sido escrito por mim. Toda a sala voltou os olhos para minha presença tímida. Naquele momento, me deparei com o poder das palavras. Fui notado por todos, simplesmente porque juntei um bocado delas num papel.

Esta professora com um gesto simples e atento, me deu um nome artístico quando eu ainda tinha sete anos.

Infelizmente, não mais a encontrei.

Gostaria de agradecê-la, mostrar esta pesquisa e as poesias que escrevo, assinadas com o nome artístico que ganhei de presente por sua leitura generosa.

Para uma pesquisa que visa a revisão do olhar acerca da alfabetização como reprodução mecânica. Para o entendimento de que a língua é poética e que seu ensino passa pelo oferecimento de experiência estética, há que se ficar atento a ações como a da professora Ruth. Em seus encontros havia espaço para autoria, curiosidade, leitura de mundo e poesia. Tudo isso numa escola pública periférica, no fundão da zona leste da cidade. Marco neste capítulo a constatação de que cada sujeito que encontra e expressa verdadeiramente sua palavra, se depara com as palavras que o precederam, o incentivaram e o ensinaram. Contra os silenciamentos e os descasos da precarização do ensino público, ações como as da professora Ruth devem ser defendidas por políticas públicas e estudos que comprovem a efetividade dessas práticas.

Esta dissertação-manifesto caminha nesse sentido.

IV. As profanas escrituras

Quando a vida humilha a vida, a vida resiste e se rebela. E tanto o corpo como a linguagem são vivos.

Jorge Larrosa Bondía

Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina Maria de Jesus

O conjunto de escrituras que se contrapõe a gramática do poder cria um movimento espiral dentro do próprio sistema, uma possibilidade de hackeamento de linguagem. Este movimento denomino como “profanas escrituras”, utilização do código visando sua superação.

A palavra “profano”, etimologicamente, deriva do latim *profanus* que significa *fora do templo*. É este sentido da raiz da palavra que esta pesquisa retoma. As profanas escrituras são as que estão fora do templo e o templo é o escriturário institucional. O templo, não no sentido religioso, mas antes na sua acepção de instituição reguladora. Assim são igualmente instituições as gramáticas normativas, o sistema legislativo incluindo as constituições dos países e os livros que alicerçam religiões. As escrituras que formam o que aqui se denomina como “*gramática do poder*”, conjunto de palavras que se pretendem inequívocas e que moldam o comportamento cultural de bilhões de pessoas. Que estabelecem os parâmetros para que diversas comunidades interpretem os acontecimentos e ajam em consonância com o que “*está escrito*”.

A gramática do poder é o epicentro da racionalidade ocidental que classifica o mundo segundo suas concepções historicamente situadas, porém manifestas como universais. A

constante formulação do pensamento europeu que iguala o pensamento mítico a noção de ingenuidade e a tipologia de um ser bárbaro carrega os elementos a qual tematicamente se opõe, pois no cerne do projeto de civilização racional do Ocidente foram cometidos diversos crimes contra a humanidade. Parece prudente questionar quem são os bárbaros e a que projeto servem os ditos civilizados, pois ao analisarmos brevemente a história da cultura ocidental se mostra evidente que na pretensa racionalidade há muita barbárie. E no terreno dos ditos bárbaros há muita racionalidade. Uma imensa falácia é propagada toda vez que utilizamos a palavra mito como sinônimo de mentira, toda vez que associamos barbárie aos povos originários e civilizado como alguém superior, normalmente vestido com traje social. Enquanto imaginamos um bárbaro que não saber ler, nem escrever, atos bárbaros são realizados por homens chamados de “*Vossa Excelência*”. A cultura erguida sob os pilares da palavra escrita ao mesmo tempo em que disseminou conhecimento e difundiu costumes, silenciou os povos do saber da oralidade. Daí a necessidade de que a escritura, já tão cultuada, se profanize, para abarcar outras vozes. Se oralize para, dialeticamente, carregar a missão de sua própria incapacidade, buscar a remissão da oralidade que ela mesma silencia. Quem explicita este movimento sabiamente é Amadou Hampate Bá (1977);

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro (...) Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.

A tradição viva. in Introdução à Cultura Africana. Lisboa: Edições 70, 1977

Uma escrita que se dá como testemunho humano e não como apagamento e rechaço do saber oral, afinal a construção desse imaginário é um projeto. Assim como é um projeto justificar ações terríveis por constarem nas “*Sagradas Escrituras*”, normatizando o absurdo.

Outra normatização do absurdo é o sacrossanto espaço literário brasileiro, a ABL.

Grande parte da Academia Brasileira de Letras se converteu, tristemente, à revelia de Machado de Assis e Guimarães Rosa, num local de encontro de compadrio de poderosos juristas, jornalistas e políticos com pretensões literárias. Esbarro nesse texto num poço mais fundo do que pude antever. Antes de se criticar a formação do cânone é preciso, dialeticamente, defendê-la, porque nem isso foi realizado integralmente. Existe sim um cânone que se estabeleceu por meio da pesquisa e do ensino das universidades, mas nas outras esferas institucionais como a ABL o que está ocorrendo é um apagamento de seu objetivo fundante que, segundo estatuto de 1897 é a cultura da língua e da literatura nacional.

Deveríamos discutir criticamente a escolha de escritores e escritoras e não a ausência deles num espaço destinado à literatura. Tampouco a justificativa de quem ocupa alguma cadeira, mesmo que não seja escritor, é um notável na sua área não se sustenta ao se observar minimamente quem já ocupou uma cadeira por lá. Mais um marco cultural foi cooptado. O silêncio de parte da crítica literária e das universidades só facilita com que os espaços culturais se convertam em ilhas para que pequenos grupos mantenham seus privilégios.

O caso soa tão absurdo que, ironicamente, me parece necessário lutar por uma ABL legítima para depois criticar sua concepção. Analisá-la atualmente, excetuando alguns representantes, é observar como a gramática do poder no Brasil corrói e mercantiliza as instituições antes que elas se fortaleçam. Não por acaso, nomes fundamentais para a adoção do neoliberalismo no Brasil ocupam suas cadeiras por critérios que não se assumem ideológicos e sim fundamentados nas contribuições dos representantes. Quais critérios, para além dos éticos, ao menos os estéticos, de tais presenças num antro canônico literário?

Não há resposta plausível. A ABL é o símbolo de uma elite que gasta verba pública na vestimenta de posse dos imortais, enquanto parte da cidade do Rio de Janeiro não tem acesso a saneamento básico. Melancólica tentativa de reprodução da ilustração francesa. Não por acaso, em outra Academia na mesma cidade, a carioca de Letras, um professor e pesquisador de literatura afirmou em um evento de “homenagem” a escritora Carolina Maria de Jesus, que sua obra não podia ser considerada literatura. Sua fala é sintomática ao afirmar que se trata de um relato espontâneo de uma pessoa que não tinha condições de existir por completo e de que intelectuais paulistas disseram que se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever.

Eis o receio dos intelectuais. Democratizar as vozes. Derrubar a barreira que separa o “relato da favelada” da literatura. Mesmo “não existindo por completo” ela fez literatura e isso parece, além de improvável, insuportável aos que visam a manutenção de um pensamento hegemônico e a utilização de régua que só medem seus pares.

Carolina Maria de Jesus é uma presença profana na literatura nacional. Fintou a fome feito Garrincha chamando um zagueiro pra dançar. E ainda marcou um golão!

Ter uma existência profana e ainda realizar algo de significativo pela literatura nacional, somente usando nossa atávica ginga e a capacidade de drible. Ao fintar a normatização, surge a escritura poética. Profana, do lado de fora, escancarada, estabelecendo outras relações e carregando consigo outras vozes.

As profanas escrituras formam um corpus que rasga a linguagem para que nela caibam outras sonoridades. Patativa que canta mesmo na seca, Carolina que escreve para enganar a fome, Cora que faz poesia com a paciência de quem faz doce. São narrativas abertas, condensados de vida, utilizam o vocabulário da experiência e geram a função humanizadora definida por Antonio Candido.

A escritura poética transgride a gramática e se converte em metáfora de outra forma de pensamento e construção humana que, ao ser poética, é também brecha, desvio do muro vernacular capitalista e nisso consiste sua força solidária e emancipatória.

Ao criar com a língua, fundasse um novo idioma. O idioma dos profanos, apartados do templo da gramática e que marcam uma relação de reinvenção da língua oficial, promovendo a construção de saberes que se alicerçam em bases experienciais e

compõem um acervo poético vasto. Contação de histórias, diários, contos, cordéis, raps, repentos, emboladas, poesias declamadas em saraus e slams.

A palavra que marca sua percepção de mundo para além do controle institucional. Que promove letramento, amalgamado por experiência estética. Que promove uma empatia pedagógica ao se contrapor a um discurso hegemônico de criminalização da pobreza e representação estereotipada de atores sociais.

O templo linguístico, além de cerrar as portas de sua liturgia para os marginalizados, envia agentes que os vigiem, que desqualifiquem seus saberes e práticas. A escola pública, espaço da pluralidade, não pode amplificar o discurso dogmático. A premissa constitucional é de que deve ser laica e inclusiva. Não pode servir ao apagamento e rechaço das escrituras da juventude sob o pretexto de obedecer a uma grade curricular.

Ao ver a festa das letras emergirem fora do templo, palavras não dicionarizadas dançando e poemas sendo arremessados contra o muro, surge o processo de retoma do controle.

E qual a forma de retomar o poder?

Segmentar o que não se puder cooptar e reduzir sua manifestação. Somente os validados pelas instâncias críticas poderão receber o sacro nome *Literatura*.

Considerando que literatura é termo plural e vasto, utilizo a síntese proposta por Terry Eagleton (1976) na obra “*Teoria da literatura: uma introdução*”, na qual o autor propõe que literatura, mesmo não sendo uma categoria objetiva, pode ser caracterizada com um conjunto de textos que não obedecem a temáticas pré-definidas, e em que em determinado momento são validados e legitimados como sendo de alto valor estético.

Ainda que os critérios de definição não sejam estanques e se alterem no tempo, são também instituições que regulam e definem as obras que serão consideradas *literatura*. É comum que as profanas escrituras ganhem adjetivos que a segregam da literatura ponto, sem epítetos. Daí a profusão de termos: marginal, negra, indígena, periférica, regional. Compreendo que alguns termos marcam posições políticas e não os considero de forma alguma sem legitimidade, acontece que a literatura branca patriarcal do ocidente não vem marcada histórica, nem identitariamente. É *Literatura*, somente. O restante até fura a bolha, mas não entra no camarote. Pelo contrário, recebem uma

etiqueta que a distinguem como algo inferior. E os critérios da formação do cânone prestam contas à gramática do poder. Alguns críticos e escritores frequentam o mesmo templo. Contudo, fora do templo há uma infinidade de corpos. Cavam e inventam linguagens, porque o que anseiam falar fratura o idioma gramaticalizado. São os maltrapilhos e seus garranchos. Estão para além de dialetos, gírias, pixações, ou os ditos vícios de linguagem. Estão dançando numa fronteira e lá encontram a literatura, pois a literatura é um espaço fronteiro. Enquanto alguns professam a liturgia do poder e estão onde sempre ambicionaram estar: dentro do templo, outros preservam as marcas de sua origem corpórea que habitava a rua, a roça.

Se para Roland Barthes (1978), a literatura é a única forma de ouvir a língua fora do poder, a trapaça da língua¹⁹, considero fundamental analisar que dentro de sua multiplicidade, muitas obras literárias somente engrossam o caldo que alimenta este mesmo poder. Não é a literatura isenta de contradições e reproduções. É um terreno de disputas, daí a necessidade de diversidade de publicações atentas à representatividade e pluralidade narrativa.

Para pensarmos a ampliação do terreno da literatura, importante estabelecer distinção de três momentos do texto literário: a produção, a validação e a publicação.

A produção, ou seja, o período em que o texto é escrito, não carrega a certeza acerca de sua validação. Diversos escritores e escritoras tiveram suas obras rechaçadas quando eram vivos e legitimadas depois que morreram. No ato da escritura poética o texto em si é profano, oriundo de uma necessidade expressiva.

O momento da validação pode ser pouco depois da publicação da obra ou com séculos de distância. Uma das formas de realizar sua medição é analisar a quantidade de textos críticos produzidos sobre o livro. A crítica literária cumpre o papel de balizar e exercer influência sobre as leituras acerca do texto. Trata-se, em síntese, de textos sobre o texto. Estas camadas textuais que estabelecem filtros anteriores ao contato com a obra são de extrema importância, mas também podem ser limitadoras e até mesmo excludentes. Esta agência reguladora e definidora de critérios literários é chamada de cânone.

¹⁹ Mas a nós (...) só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.

A palavra cânone deriva da palavra grega *kanon*, espécie de régua de medição. A palavra é utilizada na acepção eclesiástica para determinar os livros que compõem a bíblia. Na acepção da crítica literária, mantém-se a ideia de régua que define os parâmetros, para a Igreja, das escrituras que formam o sagrado livro, e para a crítica literária, as escrituras que formam o conceito de literatura.

Assim, de certo modo, é impossível escapar das instâncias e das instituições quando se escreve. A própria técnica de adoção do código alfabético pressupõe concordância com tais instâncias. Algo como os termos de ciência e concordância que aceitamos ao possuir um smartphone ou criar um perfil numa plataforma privada de rede social virtual. Para ter uma conta ou possuir determinado produto é necessário clicar que aceita, mesmo que tenhamos discordâncias.

A escritura poética é profana no ato de sua gênese, no instante de sua produção. Uma mulher ou um homem decidem travar uma batalha com a própria existência e extrair dela sentidos expressos por meio de um texto. Neste momento, não há como prever a recepção da obra. Por vezes, sequer sabem se ela será publicada ou não. É o estado de criação. A escritura irrompe num fluxo no qual seus criadores mobilizam diversas técnicas acerca do código, costuradas a diversas percepções sobre o mundo e a vida.

No ato da criação não é a palavra conceito, institucionalizada, normatizada que é expressa, e sim a que carrega em sua composição a tentativa de vencer o próprio código que lhe possibilita existência. A que se quer para além de si mesma. A que toca a pele do mundo.

A defesa do termo profanas escrituras é a defesa da palavra poética em seu estado criador. Em seu momento de experiência, em seu atravessamento. Palavras de morder, como diz a professora que orientou esta dissertação, Luiza Christov.

Porém, mesmo em sua etapa de criação, ela não está imune a diversos interesses. Existe um mercado literário que encomenda obras com potencial de se tornarem *best-sellers*. Refiro-me, portanto, ao estado de criação genuíno de pessoas que criaram suas obras, inicialmente, sem serem demandadas.

Quando, num momento posterior, são legitimadas pelas instâncias críticas, ainda que não percam a potência estética, são utilizadas com diferentes finalidades, podendo

inclusive ser validadas para validarem, ou seja, alçadas ao status de obras canônicas por servirem a interesses ideológicos específicos num processo de “adestramento” da força que irrompe da palavra quando ainda pinga, quando a tinta ainda tá fresca, quando ainda não foi cooptada pelo capitalismo editorial.

Eis a retomada da gramática do poder. Para além do controle do código, mesmo quando escrituras conseguem hackear suas bases, a terceira etapa do caminho do texto, a publicação, esbarra nos modos de produção inconciliáveis com qualquer proposta que lhe promova abalo.

Se uma escritura profana, produzida por alguém apartado do direito à dignidade, não for questionada na formação do cânone, não for diminuída pela crítica literária especializada e alcançar reverberação no campo das pesquisas acadêmicas, na última peneira (a publicação) o poder irá filtrá-la, impedindo que seja compreendida como motivador de emancipação.

A estrutura capitalista controla os meios de produção e edição das obras. Livros que defendem a extinção do capitalismo geram lucros para o sistema que almejam combater. Para além da romantização com o objeto, livros são produtos e produtos dependem de empresas que o fabriquem. Acontece que livros podem ser perecíveis, mas as ideias que defendem são mais difíceis de serem barradas.

Ainda que as profanas escrituras dependam da gramática do poder para serem validadas e publicadas, suas ideias florescem quando alcançam olhares e mentes e isso não é pouco. Uma estrutura começa a ruir quando as pessoas que trabalham para sua manutenção percebem suas injustiças. Outra forma de se viver e de entender a convivência coletiva passa pela criação de possibilidades. Por isso é necessário compreender profundamente o código. Para modificá-lo. Adentrar as escrituras institucionais para superá-las. Travar a batalha com a linguagem sem perder de vista as condições materiais desiguais. Defender o direito à dignidade, à alimentação, segurança, moradia e também bens simbólicos, fruição estética, direito e acesso a manifestações artísticas. Para esfacelar a democracia e manter os privilégios do mercado é necessário exilar um povo de suas narrativas de potência. Esconder a flor que o poeta viu nascer no asfalto. Esconder o beijo dado no asfalto. Esconder os corpos e só mostrar o asfalto. As

profanas escrituras veem e cantam as flores. Veem os beijos onde a gramática do poder só vê asfalto.

Referências bibliográficas

ASSARÉ. Patativa. **Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino.** Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 7º edição, 1989

BÁ, Hampate, **A tradição viva in: in Introdução à Cultura Africana.** Lisboa: Edições 70, 1977

BARROS, Manoel. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES. Roland. **Aula.** Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés Editora Cultrix - São Paulo, 2013

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Linguagem e educação depois de Babel.**Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** tradução de Waltensir Dutra. Martins Fontes, 2006

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo, Editora Ática, 1999

V. Quando o poeta-pesquisador propõe a criação da ABLP

Não há como saber se você, que neste momento lê este capítulo, está lendo esta pesquisa seguindo a linearidade dos capítulos. Se for este o seu caso, se está aqui e já leu quatro capítulos, acredito que eles modificaram sua leitura e criaram um caminho de conceitos, diálogos, rupturas, descobertas e discordâncias. Mas se escolheu este para ler primeiro porque pratica a leitura transgressora ou pela curiosidade de saber o que diacho é a ABLP, acho ótimo.

Refiro-me, neste meu agora irrepetível, a “você” que projeto sem compartilhar o mesmo instante. Esta tentativa de diálogo, ainda que estruturada numa impossibilidade, não se configura como algo frustrante. É antes, exercício de aproximação com o desconhecido. Escrever e ler simultaneamente movido por um desejo de compartilhar existência e experiência.

Neste capítulo, superando uma concepção meramente analítica, serei propositivo. Dito de outra maneira, tive uma ideia enquanto escrevia um capítulo par. Normalmente é assim que nascem os capítulos ímpares, irrompem no meio do fluxo normativo solicitando presença. Vamos a minha proposta:

Proponho a criação da ABLP (Academia Brasileira de Letras Profanas).

Onde caibam escritoras e escritores sem fardão.

Os que não tiveram caderno de caligrafia.

Que não ocuparam cargos de poder.

Os assalariados.

Os que hão de unir seus garranchos em torno de uma mesa com ou sem chá.

O antro dos mortais da literatura nacional.

Situada numa casa com quintal não numa réplica de palácio, na ABLP a literatura será celebrada com festa, a língua será a convidada de honra, a rainha do maracatu que dançará ao ritmo de poemas-tambor. Para a comilança, serão produzidos textos com

sabor. Sabor dos doces no tacho de Cora Coralina, do munguzá de Patativa, dos araticuns maduros de Manoel de Barros.

Serão feitos saraus e não tertúlias.

Os mortais, diferentemente de seus companheiros eternos, irão ocupar escolas e não cadeiras. Uma escritora ou escritor para cada escola construindo intervenções poéticas.

Trabalhadoras e trabalhadores das letras, uni-vos!

Que a poesia nos furte de uma vida enfadonha, empolada.

As letras profanas fazem rodopio feito pião pintado a guache.

Adquirem variadas formas feito o elástico na perna das crianças.

Há mais corpos fora que dentro do templo.

Corpos de linguagem, corpos-poema.

Suas escrituras gravuradas no tecido do mundo rompem o cotidiano de uma gramática que nos quer impotentes, sedados.

Se a ABL é o símbolo sacralizado das letras fixadas no seu vocabulário ortográfico, urge a criação de um espaço para as profanas escrituras que pensarão a literatura em suas letras vivas, defenderão a cultura brasileira em sua pluralidade de manifestações e exaltarão a potência poética, não a financeira.

A ABLP há de ser um espaço de celebração da língua e da cultura nacional.

Da literatura que pulsa num povo que mesmo sendo saqueado, canta, escreve, narra sua própria batalha.

Celebração da resistência que emerge das palavras ancestrais.

Palavras de benzer.

Que manifestam outro poder.

Poder de cura.

Poder de encantamento.

VI. Fundamentos da escritura poética

Eu só passei mesmo seis meses de escola (...) agora saí escrevendo e lendo (...) Então me vali do próprio livro. Não do livro didático, gramática, essas besteira por aí. Não, não queria. Era lendo, era curiosidade de saber o que era minha terra, minha gente

Patativa do Assaré

Eu escrevo porque não sei

Mia Couto

Ao notar que o poder opera uma gramática podemos auxiliar para que ela seja superada. Podemos criar textos que não reproduzam uma relação de reificação e reprodução sintática. Neste texto farei um apontamento sobre alguns aspectos que configuram o ato da escritura criadora.

Dedico-me a elaborar o que denomino como *fundamentos da escritura poética*, analisando os elementos que possibilitam que a escritura poética seja manifestada sem o peso do auto boicote ou da memória negativa que algumas pessoas acionam quando ouvem que irão escrever.

Os enunciados de Mia Couto e Patativa do Assaré sintetizam a ideia central deste capítulo: a fundamentação da escritura poética não se dá em manuais ou gramáticas. A experiência de vida oferece os elementos primordiais para sua prática.

Escrever poeticamente é partir para uma busca de sentidos que não se domina previamente. Escrever porque procura, não porque sabe.

Assim como Georges Picard (2008) defendo que todo mundo devia escrever:

Todo mundo devia escrever para si mesmo, na concentração e na solidão: um bom meio de saber aquilo que se sabe e de entrever aquilo que se ignora sobre o mecanismo do próprio cérebro.

PICARD, Georges. *Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina do pensamento*. Tradução Marcos Marcionillo. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. pg.15

A ideia de Picard da escrita como disciplina de pensamento se baseia no fato de que se pensamos linguagem, utilizar a linguagem escrita é realizar uma prática do pensar. Jorge Larrosa (2002) em seu texto: *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* explicita o fato de pensarmos palavras:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME

Dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, como diz Larrosa, é a trilha da palavra poética que se configura como uma narrativa aberta, imagética e não fechada, sectária. A ficção, a simbologia e as narrativas míticas não se opõem a razão e ao verdadeiro como sugere a racionalidade ocidental. Não se trata de conceitos estanques acerca da verdade ou mentira, e sim, da capacidade de transmissão e construção de aprendizados e experiências. Trata-se de configurar um legado da espécie que, ao mesmo tempo que é externo e pré-existente a um ser humano quando ele nasce, é também formador da própria estrutura cognitiva herdada geneticamente pelos ancestrais.

No capítulo II, apontei que o escriturário determina a organização política, econômica e social adotada em diversos países atualmente e que sua não-adoção significa exclusão de seu espectro de seres como sujeitos de direitos, noção difundida por e para os letrados. Por isso que o presente estudo não se manifesta pela escritura genérica e sim, pela escritura poética, por entender que ela é irmã da oralidade e permanece atenta a

esta forma de entendimento do mundo.

Os primeiros contadores de histórias eram também as pessoas que detinham a comunicação com os espíritos, com o mistério, com os ancestrais. Nossos genes de forma atávica carregam não somente fenótipos que determinam nossas características físicas, mas também o interesse em acessar o mundo e aprender com ele por meio de narrativas.

Transgredir, etimologicamente, significa *dar um passo além*. Se pensamos a gramática como um terreno, uma pessoa que nunca praticou a escritura, nunca atravessou a demarcação de terra imposta pelas grades normativas. Para escrever poeticamente, para construir um texto literário, se faz necessário ir ao limite demarcado e *dar um passo além*. O texto literário, fruto de uma prática de escritura, é uma zona de conflito, de embate entre os pedidos que emergem do texto e as fronteiras linguísticas que o vigiam. Entre muros e cercas, como um pássaro que pousa num arame farpado, surge sutilmente a poesia, inconclusa. Somente ao atravessar a fronteira normativa, encontraremos a escritura. O texto literário provoca a convivência com a pergunta.

Ao não se encerrar, ele abre espaço para conviver com a experiência empírica do leitor.

No confronto entre o mundo percebido e o mundo lido, emerge um saber.

Uma nova forma de lidar com o conhecimento.

Como nesse lindo trecho do poema “*Todas as vidas*” de Cora Coralina:

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
Enxerto de terra,
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira

***CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.
São Paulo. Editora Global, 1988***

Cora transgride a palavra *analfabeta* no próprio ato de escrever o poema.

Seu texto é corpo e sua necessidade expressiva irrompe profanando um saber que, aparentemente, não deveria ser utilizado por uma analfabeta.

É sintomático o fato de que grandes poetas não finalizaram o ensino fundamental ou que abandonaram os estudos de crítica para continuarem criando. Não temos problemas na produção de textos porque pensamos linguagem. A trava consiste numa memória negativa do ato associado a um momento estressante. Se, ao me deparar com um pensamento discursivo que mobiliza meu imaginário sou interrompido com um enunciado corrigindo um erro de acento ou o uso da vírgula, a ênfase na convenção legislativa do código interrompe a pesquisa imaginativa interna que estava sendo elaborada. A palavra poética estava nascendo exatamente porque houve um estado de relaxamento e atenção que lhe permitiu ser acessada.

Assim como não faz sentido cobrar o texto decorado por um ator ou uma atriz se a cena executada é uma improvisação, não faz sentido apontar correções no momento em que o texto está sendo construído. A depender do contexto e da finalidade do texto, a revisão e correção poderão ser trabalhadas numa etapa posterior.

Os textos internos não estão enclausurados, mas sim, em constante troca de estímulos com o meio. Somos seres sociais e ainda que na contemporaneidade as condições materiais, infelizmente, ainda sejam desiguais, vivemos num mundo que se urbanizou rapidamente e ampliou o acesso a ferramentas tecnológicas o que alterou as noções de interação verbal numa realidade de redes sociais e trocas virtuais.

Segundo relatório da ONU *Perspectivas da urbanização mundial* (2014)²⁰ mais da metade da população mundial vivem em áreas urbanas. Alguns autores denominam “*revolução tecnológica*” as profundas mudanças dos últimos anos. Quanto a escrita, ela é afetada por uma tensão dialética: ela modificou a tecnologia e está sendo modificada por ela.

20

<http://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050> - Acesso 19/12/17

Sem a invenção e desenvolvimento da escrita não haveria linguagem de programação de computadores. Com o avanço da programação e de softwares de inteligência artificial talvez não haja mais algumas categorias escritas ou funções destinadas a escrita desenvolvida por mente humana.

Neste ponto, podemos diferenciar a escrita automatizada de robôs e algoritmos da escrita humana, analisando alguns casos de utilização da escrita desenvolvida com auxílio de inteligência artificial.

A série estadunidense *Stranger Things* (2016) foi escrita a partir de análises de informações coletadas pelos algoritmos da plataforma de streaming Netflix. Foi escrita compilando referências de outras obras audiovisuais que geraram engajamento no público assinante.

Um romance escrito por um programa de inteligência artificial foi selecionado para as finais de um prêmio literário no Japão. Os avaliadores consideraram a obra bem estruturada, apesar dos problemas na configuração das personagens.²¹

Outro exemplo interessante é o caso do robô Tay (um bot- programa de computador que imita o comportamento humano) criado pela Microsoft para interagir na plataforma Twitter com o objetivo de aprender sobre a denominada geração Y ou millenials (nascidos entre 1979- 1995), interagindo com jovens entre 18 e 24 anos. Em apenas um dia, ele negou o Holocausto, apoiou genocídio e chamou uma mulher de puta. Seus comentários e seu perfil foram apagados e a empresa divulgou apenas que está realizando ajustes. Outras plataformas estão realizando os testes com bots.²²

Diversos softwares de escrita já são capazes de reproduzirem padrões textuais não só técnicos, mas também criativos. Um ensino que caracterize a língua, exclusivamente como código, se tornará obsoleto, pois a escrita automatizada dos robôs entrega resultados de forma mais rápida. Analisando estes fatores, qual a importância de estudar a escritura poética, se a escrita alfabética caminha para ser superada?

Penso que é exatamente este fator que aumenta sua relevância.

²¹ Matéria publicada na revista Galileu

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2016/03/historia-escrita-por-programa-de-inteligencia-artificial-e-classificada-em-concurso.html> - acessada dia 16/01/18

²² Matéria publicada no jornal “El país”:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/24/tecnologia/1458855274_096966.html - Acesso dia 16/01/18

Retomemos o caso já citado do robô Tay. O que foi oferecido ao jovem Tay?

O conhecimento técnico do código. Por meio de acúmulo e comutação de informações ele criou uma síntese. Descontextualizada, pasteurizada e acrítica- como parte das informações que circulam pela internet, difundidas por humanos. Ele normalizou enunciados de discurso de ódio em opinião.

Um robô nos deflagrou um fator de extrema relevância: no campo do reducionismo, das frases feitas, do compartilhamento ansioso de fake news, o fascismo triunfará. Para combatê-lo, somente processos educativos que ofereçam condições de construção de conhecimento e não reprodução de opiniões prontas. Urge compreendermos que o ensino da escritura deve ser mais que junção de palavras - nisso os algoritmos são de fato muito mais velozes.

O que fundamenta a escritura poética é seu interesse pelo processo, seu não encerramento no resultado, a comunicação de um ponto de vista, o compartilhar de uma emoção, sua capacidade de diálogo, sua promoção de encontros.

Ela é humana, em sua intensidade e vulnerabilidade e estamos num tempo de restaurar um projeto de humanidade solidária.

Na busca por propiciar um espaço de criação com a palavra nos encontros que conduzi, fui criando enunciados e argumentos que organizei para registrar e contribuir com a expansão da prática de escritura poética.

Eis os fundamentos:

O eu-plural

O ato da escrita é plural na própria constituição cognitiva do ato. Quando alguém escreve está, concomitantemente, ouvindo seus enunciados mentais. Trata-se de uma maneira de materializar o processo cognitivo abstrato. Disso resulta que a pessoa que realiza tal ato com frequência exercita uma capacidade de organização dos pensamentos. Escrever é um ato que envolve múltiplas camadas. De certo modo, podemos considerar que a escrita põe em curso uma simultaneidade de identidades para o mesmo sujeito, o que denomino como o eu-plural da escritura. Quando uma mulher ou

um homem escrevem, eles não utilizam somente o conhecimento acerca do próprio código, mas antes, mobilizam suas experiências, suas memórias, evocam imagens e sensações. Ao produzir um texto escrito autoral ocorre um fenômeno interessante de desmembramento de ações simultâneas, quem escreve também se lê e edita o que escreveu. Analisemos as características do eu-plural:

O eu-escriptor: É o que cria. Que quer comunicar e escrever. O que busca expressão.

O eu-leitor: O primeiro a ler as palavras do escritor e a operar como filtro. Após breve análise do que leu, decide ou não pela continuidade do ato.

O eu-editor: O último a surgir se o texto obtiver aval do eu-leitor. Irá propor cortes, alteração de palavras e, por vezes, o título do texto.

Devemos nos encontrar com o eu-leitor e fazê-lo escutar nossos apontamentos, pois ele se torna um juiz carrasco no processo de escolarização. Não consegue ler nossas produções sem um imenso julgamento, sem prova e cheio de convicção acerca do que estamos escrevendo. No ato de criação com a palavra devemos reservar a ele um lugar de leitor ativo, sem deixar com que seu julgamento nos paralise.

Ao eu-editor, uma proposta: deixa o eu-escriptor livre e só depois venha com suas alterações.

Perceber a simultaneidade e desmembramentos quando escrevemos, torna o ato mais leve.

Consciente da necessidade de reconstrução lúdica que manifestamos espontaneamente, poderemos retomar a escrita como uma brincadeira, um jogo.

O vocabulário da experiência

O que permeia a obra de Cora Coralina é a sua percepção sobre o contexto vivenciado, suas memórias, a sinestesia de suas lembranças. É com esse vocabulário que ela

constrói seus poemas. Goiás de Cora, Ceará de Patativa, Mato Grosso de Manoel, são territórios experienciados. Sabemos mais de cada um desses estados por meio da obra poética que carrega não só informações e características geográficas e culturais, mas também sensações, cheiros, sons, vida enfim, condensada em versos. Assim como aprendemos mais sobre uma cidade quando conhecemos seus moradores e ouvimos suas histórias do que quando consultamos um guia ou locais turísticos.

O vocabulário da experiência deveria ser o primeiro a ser acessado em qualquer ato educativo, um imenso acervo disponível em cada mente.

Nas oficinas que ministro, os *estudos pra nascer palavra*, tento fazer com que as pessoas acessem o acervo deslocando o pensamento, desautomatizando os padrões expressivos.

Este vocabulário é constantemente subjugado como se fosse inferior, como se fosse mais importante escrever algo falacioso na norma culta do que uma imensa verdade humana num verso singelo.

Precisamos criar processos que valorizem, que deem primazia a poética expressa nos corpos, não nos manuais.

O estado de atenção

Temos que entender que tempo não é dinheiro. Essa é uma brutalidade que o capitalismo faz como se o capitalismo fosse o senhor do tempo. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida.

Antonio Candido

O tempo na escritura poética é um tempo recuperado, um tempo que pode ser nosso e não do sistema a qual pertencemos.

Poesia é anti-ansiedade.

É preciso desacelerar, perceber a respiração e desenvolver um estado de atenção.

Eis um ato de resistência a um modo de produção que devora nossa temporalidade.

A escritura poética é uma prática que enfatiza o tempo presente.

A escrita-cópia que reproduz conceitos cristalizados acerca dos conteúdos das

disciplinas escolares dá lugar a uma observação aguda dos elementos materiais que constituem o espaço onde se leciona.

Como diz Candido, o tempo é o tecido da nossa vida.

Somente atentos, bordaremos linhas e costuraremos seus fios.

O estado de atenção é a conexão consigo e abertura para o estado criador.

Nas palavras de Manoel de Barros é *desimportar as horas*.

O enunciado poético

Poesia gera poesia.

Aprendamos a língua materna não porque consultamos uma gramática, mas porque somos expostos a ela. Estamos imersos nela, nas falas das pessoas que interagem conosco.

A inevitabilidade expressiva da troca nos mobiliza ao aprendizado.

Da mesma maneira, o enunciado poético é o procedimento de ler poesia para gerar a proposta de uma prática. Ao invés de uma explicação ou um enunciado de exercício, o disparador de um poema é outro poema, visando acesso e fruição do estado de atenção gerado pela escuta ativa.

Sintetizando os fundamentos teremos uma escritura poética criada por um *eu-plural* com seu *vocabulário da experiência* mobilizado pelo *estado de atenção* gerado por um *enunciado poético*. E todo esse processo que preencheu algumas linhas deste texto, talvez dure alguns minutos.

São distintos tempos.

Uma mente artificial já é capaz de gerar um texto mais rápido.

No mundo dos algoritmos e da reprodução, não há espaço para essas desimportâncias.

Num mundo que precisa se humanizar, recuperar as contribuições de modos de vida sustentáveis e afetuosos, é primordial refazer as escolhas e lutar pela emancipação do *tecido do tempo*.

Em tempos velozes, escolher a pausa.

Em tempos de importâncias gritadas, um sussurro leve e desimportante ao pé do ouvido.

Em tempos de certezas impostas, incertezas poéticas.

Em tempos automatizados, uma dança desengonçada.

Em tempos de fundamentação jurídica, enunciados poéticos.

Em tempos de juridiquês, o vocabulário da experiência.

Em tempos reducionistas, um eu-plural e poético.

São fundamentos.

São fundamentais.

Referências bibliográficas

ASSARÉ. Patativa. **Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino.** Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 7º edição, 1989

BARROS, Manoel. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada em julho de 2001 por Leituras SME

CANDIDO, Antonio. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Antonio-Candido-inaugura-biblioteca-do-MST-e-fala-da-forca-da-instrucao/2/11075>. Acesso 05/04/18

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 6º ed. São Paulo. Editora Global, 1988

COUTO, Mia. **Narrativa e incerteza** in: Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos. 32ºed- Bienal de São Paulo, 2016

PICARD, Georges. **Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina do pensamento.** Tradução Marcos Marcionillo. São Paulo, Parábola Editorial, 2008

VII. Quando o poeta-pesquisador sonha com Paulo Freire e acorda com a dissertação em sua mente

Eu estava refletindo muito sobre os caminhos da pesquisa.

Numa noite, no início do ano de 2017, eu tive um sonho inspirador. Sonhei que Paulo Freire ministrava uma aula e que eu e minha orientadora acompanhávamos atentos.

Não me lembro o que Freire abordava, nem o que eu e Luiza fazíamos.

Guardei em mim a sensação.

Uma sensação prazerosa de tomar contato com o mistério.

De perceber que a escrita da pesquisa trilharia também caminhos bifurcados e não somente a organização linear e planejada dos capítulos e seus prazos. Aquele dia (por não ser um dia em que tinha que trabalhar) eu pude me dedicar a escrita. É como se o sonho tivesse organizado diversas questões com as quais convivi durante o processo de pesquisa.

Acordei com enunciados e apontamentos na mente.

Recordei da pesquisa de um amigo, Arthur Iraçu, que escreveu uma dissertação que aborda como o povo Xavante recolhe cantos tradicionais em seus sonhos. Talvez o contato e o encantamento com outras formas de construção de conhecimento, tenha aberto canais perceptivos para esta experiência.

Esta dissertação é fruto de experiência e pesquisa, mas também da capacidade resistente de sonharmos com os mestres. De escutar as vozes ancestrais quando o caminho parecer demasiado confuso.

Talvez eu tenha recolhido parte desta pesquisa em sonho.

O sonho de Paulo Freire.

O sonho de Luiza Christov.

O sonho dos que vieram antes.

Renata Martins, amiga cineasta, publicou em sua página do Facebook, um trecho do artigo da escritora Walidah Imarisha que remeteu a potência da experiência do sonhar

como forma de reinventar a realidade. Imarisha, poeta e educadora, afirma que ela e sua parceira de trabalho são existências sonhadas. Mulheres pretas que não são propriedade.

Sabemos que estamos vivendo uma ficção científica. Somos o sonho das pessoas negras escravizadas, a quem foi dito que seria " irrealista" imaginar um dia em que elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas negras recusaram a confiar seus sonhos ao realismo e, em vez disso, elas nos sonharam. Assim elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos"

IMARISHA, W. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. trad. Jota Mombaça. pg.8

Considereei este trecho de uma beleza que dilacera. Imarisha e sua análise brilhante me reforçam a importância da imaginação na construção de outro mundo possível. Se não recolhermos nos sonhos outras formas de vivermos e nos relacionarmos, se não tecermos em nossa literatura outras texturas, se não “*curvamos a realidade*”, teremos que nos curvar perante ela.

O mundo será reformulado por nossa força de criação.

Por nossa capacidade de considerar outras inteligências e saberes em nossas práticas e instituições.

Paul McCartney afirma ter sonhado com a melodia da canção Yesterday.

O cientista russo Dmitri Mendeleiev sonhou com uma organização de elementos químicos. Acordou e montou a tabela periódica.

A neurociência tem investigado o sonho como um momento em que a mente desenvolve grande potência de resolução de problemas e manutenção da saúde mental.

Quando os tempos se tornam difusos e desesperançosos, se faz preciso continuar sonhando. Enquadrado por parte da racionalidade ocidental como devaneio sem importância pragmática, talvez seja no espaço do mistério em nós que resida a esperança de outras relações e organizações que não estamos percebendo.

Pode ser uma melodia, uma teoria, uma estória.

As contribuições dos que insistem em sonhar são bem-vindas.

Nesta pesquisa a aula que sonhei me ajudou a organizar o material que já tinha e um caminho que se apontava, mas eu não via.

Simbolicamente, uma aula no qual nada me recordo do conteúdo, mas que reverberou em mim como presença.

É preciso defender o legado de brasileiras e brasileiros que lutaram, para nos lembrarmos que não somos os primeiros que padecem injustiça e arbitrariedades.

Essa presença sonhada e ancestral me deixou mais forte para seguir.

Para entender a dissertação de mestrado de um estudante da periferia de São Paulo que fez escola pública como uma realização sonhada.

Pelo pai que veio com uma única mala do interior.

Pela mãe também criada na zona leste.

Pelos avós de Minas Gerais e Bahia.

Sonhos trazidos da roça.

Sonhos que vieram grudado na roupa que sacolejava na mala.

Vivemos tempos difíceis, mas somos existências sonhadas.

E toda forma de construção de conhecimento humano, talvez seja isso.

Sonhar outras existências.

Referências bibliográficas

FUSCALDO, Arthur Iraçu Amaral. Ro 'wápari 'nho re: sonhar e pegar cantos no xamanismo a 'uwẽ_xavante. São Paulo, Porto de ideias, 2016

IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. tradução: Jota Mombaça. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva

VIII. Sub-alfabetização, letramento poético e alfabetização autoral

A poesia precisa de uma cultura que a permita (...). Para que a poesia continue a ser possível, para que o humano não se esgote na eficácia, é preciso uma intervenção política que dê primazia à educação.

Silvina Rodrigues Lopes

O Brasil não cumpriu a meta de erradicação do analfabetismo. Não só os milhões de analfabetos, sobretudo adultos e idosos, são números preocupantes como também, a capilaridade e os efeitos de um analfabetismo funcional crescente nas gerações que acessaram a escolarização com efeitos perceptíveis na análise da performance escrita escolarizada, inclusive no ensino superior.

Existe um processo em curso no país de expansão do analfabetismo funcional que vai do ensino infantil até o ensino superior e que analisaremos como um perverso projeto denominado de sub-alfabetização. Segundo o “Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional” (INAF), uma pesquisa realizada por amostragem representativa da população brasileira de jovens e adultos (de 15 a 64 anos de idade) entre os 2000 entrevistados, 1475 eram analfabetos ou tinham pouca autonomia para ler ou escrever, e apenas 525 puderam ser considerados efetivos usuários da língua escrita.

Paulo Freire (1981) já apontava em seus estudos que a escola lidava com o ato da escrita como punição. Era comum no ensino fundamental que um educando que fizesse algum ato considerado como delito no ambiente escolar fosse punido tendo que escrever cem vezes que não repetiria tal ação. Como se ao copiar “*Não devo gritar com a professora*” inúmeras vezes ele compreendesse a dimensão e as consequências de sua ação e não simplesmente aumentasse sua raiva da professora e por extensão, do próprio ato da escrita.

Se ao educando considerado problemático, a proposta de utilização da escrita é a punitiva, ao educando que seja considerado exemplar, que realize todas as atividades e se esforce em todas as avaliações, também não será oferecida uma escritura que expanda e potencialize sua forma de perceber o mundo e construir conhecimento. Ele está utilizando a escrita num movimento contínuo de reprodução. De cópia. Quando a escrita não é punição, ela é mecânica. Junção de sílabas que não dialogam com o mundo de referências dos educandos. Narrativas que não se interessam pelos seus pontos de vista, são copiadas da lousa e vistas posteriormente no caderno. As respostas corretas para as questões não são extraídas da reflexão crítica do sujeito aprendiz, e sim, do texto que deveria ter sido decorado para a prova. Perguntas e respostas compõem um kit pronto nos livros escritos por homens que sabem. Estudar, nesta perspectiva, significa tristemente reproduzir respostas já dadas de perguntas já feitas. Não há espaço para formulação de novas questões e respostas que não estejam sinalizadas em trechos dos textos copiados.

O atual momento exige resistência dos espaços mantenedores e construtores de conhecimento, pois têm se tornado comum o ataque a universidades, a criminalização do pensamento crítico e a desvalorização e perseguição dos profissionais de educação. A aprovação da proposta de emenda constitucional, a PEC 241/55 (2016) que congelou os investimentos federais por vinte anos, deixando a educação dependente da inflação, não ajudarão no combate a estas mazelas. Pelo contrário, demonstram que tal medida, antes de ser necessária para o *“equilíbrio das contas públicas”*, expressa um projeto de manutenção de desigualdades, pois enquanto a educação e a saúde (pilares basais da existência do Estado) foram congeladas, não houve o mesmo “equilíbrio” no perdão de dívidas bancárias milionárias e na reposição dos muitos privilégios dos parlamentares e magistrados.

O projeto de combate ao analfabetismo foi amplamente prejudicado com a medida, mas tal estrago não será compreendido se escamoteado na ideia de “crise”. Teremos, antes, que pensá-lo como projeto que repõe violências que não são somente físicas, mas também simbólicas. Um projeto de sub-alfabetização para sub-cidadãos, excluídos do direito à dignidade humana e da educação de qualidade.

Para combater este projeto perverso de precarização, teremos que apostar nas potências já existentes. Na relação humana entre educador e educando, atentos aos espaços de aprendizagem dentro e fora da escola, sem cair no perigo da pressão e culpabilização dos professores pelos baixos índices de competência escrita e leitora, mas antes, cavar possibilidades de reinventar a formação já existente nas redes municipais e estaduais, ocupá-las com trocas e construção de saberes para que os conceitos sejam alimentados por experiências do terreno escolar.

O desafio é fortalecer práticas atentas ao vocabulário da experiência, pois neste campo não teremos problemas de utilização do acervo. Ele está disponível nos corpos que resistem às perversidades das defasagens estruturais.

VIII. A. Letramento poético

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Rubem Alves

O ensino de literatura no Brasil, tanto em sua estrutura curricular como em sua concepção didática, tem gerado o afastamento da disciplina de suas características artísticas e de apagamento da literatura como experiência estética. Partindo do trecho citado de Rubem Alves podemos pensar se o que está sendo lecionado não são as bolinhas pretas escritas sobre as cinco linhas sem que os estudantes tomem contato com a beleza melódica. Se um ensino calcado em historiografia linear não está enfatizando as ferramentas, não o que elas criam.

O documento norteador para a disciplina no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (2000)²³ trazem avanços com uma visão interdisciplinar e indicação de um caminho de trabalho estético com a linguagem. Um verbo, porém, não é utilizado nos (PCN) no que concerne a literatura. O verbo criar. Produzir ou elaborar são verbos diferentes de criar. Possibilitar uma experiência de compreensão estética expande a relação dos educandos com o próprio ato de leitura. Situar a importância histórica de determinada obra não basta para que ela gere engajamento na juventude contemporânea. Perceber determinada obra como fruto de um trabalho criativo com a linguagem aponta para um diálogo. Diálogo que não esconda as distâncias contextuais e linguísticas, mas que antes, exalte a diversidade e a possibilidade de tomar contato com um material estético que é um recado humano de um tempo distinto. Concordo com o documento no eixo de entendimento acerca da linguagem como disciplina interdisciplinar. A literatura pode contribuir e muito acerca de discussões e conceitos abordados nas outras disciplinas.

Um estudo realizado por Ana Lúcia Silva Souza denominou como letramentos de reexistência (2011) às práticas cotidianas de uso da linguagem do movimento hip-hop:

Para os rappers, a educação e a posse da palavra são marcadas pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações.

SOUZA, Ana Lucia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo, Parábola Editorial, 2011. pg.37*

Além do movimento hip-hop, que no estudo de Ana Lúcia é apontado como agência de letramento, podemos, apesar dos retrocessos, gerar percepções acerca do quanto já se sabe e o quanto se aprende nas atividades do cotidiano. Retomar exemplos como o de Patativa do Assaré e Cora Coralina que deixaram vasta produção poética, mesmo sendo escolarizados somente até o ensino primário. Atividades escritas que sejam impulsionadas pela leitura de poemas, promovendo o que nomeio como letramento

²³ Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) - Parte II : Linguagens, códigos e suas tecnologias http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

poético, tentativa de atender a um pedido que o poeta Carlos Drummond de Andrade fez às escolas brasileiras em 1974 em seu texto: “*A educação do ser poético*”:

O que eu pediria à escola era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A educação do ser poético*. Publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974

Como preservar o fundo lúdico, criativo? Como pensar iniciativas que mantenham o estado criador que constitui a estrutura linguística e literária?

Esta pesquisa levanta a hipótese que o pedido do poeta pode ser, finalmente, contemplado por meio de uma política educacional que considere o ensino do letramento poético. Somente uma metodologia que incentive em seu percurso pedagógico o estado criador pode educar o ser poético. Não se trata de desconsiderar a escrita normativa (que Drummond nomeia como veículo de informação prática e teórica), mas antes entender como uma prática pode fortalecer e ampliar a outra. Para tanto, é preciso entender os padrões utilizados no processo de aprendizagem para não insistir em métodos ineficazes.

A produção de textos é uma faculdade da mente humana. Pensamos linguagem. Defendemos e refutamos ideias por meio de diálogos interiores.

Escrevemos mentalmente de forma incessante. Se tentássemos pôr num papel as palavras enunciadas internamente, nossas mãos não acompanhariam a velocidade de nossas frases mentais.

Então, porque tantos jovens, mesmo após o período de escolarização, são avaliados como não sabendo escrever?

Quando uma pessoa aprende a falar uma língua e, posteriormente, é alfabetizada, ela passa a possuir todo o código que necessita para a produção posterior de qualquer texto.

Nada a separa de um escritor, no que concerne a capacidade cognitiva.

O que difere são os usos sociais da escrita. É a prática, ou ausência dela, que irá determinar a relação que se construirá com este saber que é dialógico, ou seja, é

construído na interação social. Quando alguém fala, sua palavra se encontra com a palavra do outro. Quando alguém escreve, inicia um diálogo com todos outros textos que o precederam.

Volochínov explicita bem este ponto, no texto “O discurso de outrem”:

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem. O discurso de outrem. pg.151*

Drummond fala sobre o fundo criativo. Volochínov sobre o fundo perceptivo. Com termos distintos, as duas noções apontam para o fato dos educandos já possuírem um vasto repertório linguístico, o que nesta pesquisa é denominada como vocabulário da experiência.

Partindo da expressão de Volochínov, “*a palavra vai à palavra*”, podemos pensar o quanto a palavra da juventude atual está sendo considerada nas propostas de ensino.

Diferentemente do que ocorre com outras disciplinas do currículo obrigatório do ensino escolar, a língua portuguesa é a única que os educandos adquirem antes mesmo de iniciarem o ensino fundamental. A constatação óbvia de que os educandos já conhecem tal objeto de ensino e o utilizam em suas práticas cotidianas, nem sempre é considerada, o que faz com que muitos professores se esforcem em transmitir o registro normativo como único objeto ensinado da língua e, por vezes, até mesmo cometendo o que Marcos Bagno denominou *preconceito linguístico*.

Trata-se de um processo esperado o fato dos educandos possuírem registros distintos acerca da língua e que, cabe aos professores no espaço estruturado da sala de aula, topicalizar a disciplina e institucionalizar o objeto. Contudo tal processo didático não

pode desconsiderar a pluralidade de registros, nem violentar a heterogeneidade linguística sobre a antiga bandeira do “*bem dizer, bem escrever*”.

Há de se manter um respiro em sala, um espaço aberto para expressar a variedade linguística em sua dimensão histórica que considere a memória já constituída pelos sujeitos em relação à utilização deste objeto, que é ensinado em sua condição oficial e escolarizada. Considerar a variedade linguística é fundamental para compreender o abismo entre a escola e as formas de ser no mundo, para que a palavra caminhe à palavra, para que os educandos sintam que suas vozes importam e que o mundo perde um intransferível ponto de vista quando alguém deixa de escrever sua própria narrativa. A defesa da escritura poética como saber ensinável se contrapõe a visão literária elitizada e estereotipada de que o fazer poético não se ensina. Se, ao se afirmar isto, o que está sendo considerado é que tal prática não se reduz a uma sequência didática, estou amplamente de acordo. Porém, tal afirmação é perigosa quando deslegitima a construção de conhecimento impulsionada por um ato educativo. Quando defende o inatismo e naturaliza a concepção da escritura poética como uma prática de eleitos. Afinal, antes de se afirmar como poeta e ser legitimada pela crítica literária, determinada pessoa foi estimulada e aprendeu pelas suas experiências a organizar esteticamente e expressar por meio da linguagem escrita seus pensamentos. Insistir na impossibilidade de tal ensino é servir a manutenção de privilégios sociais que passam, indubitavelmente, pelas práticas de leitura e escrita. Afinal a poesia não se limita à colocação de palavras num papel, mas antes é uma forma de perceber o mundo e apreender o que se denomina realidade - que é oriunda da nossa capacidade perceptiva.

VIII. B. Alfabetização autoral

Criar com a palavra.

Promover experiência estética por meio da escrita autoral e da escuta do outro.

Eis o ponto faltante nos (PCN). Eis o ponto primordial. Propor a escritura poética é possibilitar com que o ensino de literatura seja pensado também como criação. Difícil pensar numa sequência didática de matemática que em algum momento o educando não

pratique a resolução de uma equação. Uma aula de física ou química onde se expõe os conceitos e não se realiza as fórmulas. Porém, naturalizamos uma sequência didática em literatura que não propõe criação literária. Talvez porque interesse a determinado grupo, manter a visão de que tal arte é dom inato e não prática. Ou ainda porque utiliza-se materiais de crítica literária, leituras especializadas em determinada obra que, por vezes, afasta e limita a construção de sentidos no contato com a obra que pode disparar uma atividade escrita.

É para escrever com as minhas palavras?

Esta pergunta é recorrente no processo de ensino escolar brasileiro. Ouvia muito quando estudante. Continuo ouvindo no relato de diversos educadores e educadoras.

É para responder com as minhas palavras ou com as do autor?

Questiono-me se há espaço para palavras próprias no ambiente de aprendizagem. Se não há uma ênfase epistemológica equivocada que acredita que para responder algum questionamento é necessário apenas reproduzir um trecho do texto do autor que já respondeu e encerrou a questão. Analisemos a questão, dissecando-a.

Primeira parte: É para escrever?

A dúvida recai não somente sobre o ato, mas sobre a noção fenomenológica do que significa aprender. Aprender, nesta perspectiva, significa provar que se aprendeu, assim o texto copiado e o posterior visto no caderno encerram a matéria como dada. Encerra-se também a curiosidade inerente ao processo de pesquisa (que etimologicamente significa *buscar completamente*) de duvidar, de indagar sobre determinado assunto.

Segunda parte: Com as minhas palavras?

Entender os mecanismos da linguagem e mobilizá-los numa criação textual é um processo que denomino de alfabetização autoral.

Carecemos de um ensino de língua e literatura que mobilize nos educandos a busca pelas palavras próprias. A capacidade de criar com a língua, de perceber sua abstração e arbitrariedade. De perceber sua liberdade e sua clausura.

A etimologia da palavra *autonomia*, oriunda do grego, é nome próprio. *Autos* significa próprio e *nomos* significa nomes, no sentido expandido pode ser compreendido como

normas. Partindo desse sentido originário da palavra, ao pensarmos o ensino da escrita, podemos pensar na relação de diminuição de autoestima quando uma mulher ou um homem não escrevem o próprio nome. Num mundo que acrescenta camadas virtuais a já multifatorial realidade, os iletrados têm, dessa maneira, uma possibilidade identitária impedida. A identidade escrita, simbolicamente representada no ato da assinatura, marca uma relação de poder e dominação. Assumir-se analfabeto diminui o sujeito que se sente menor, incapaz de pertencer ao um mundo que necessita de sua assinatura para validar contratos, transações financeiras e presença em eventos. Não assinar a lista é não estar presente e de fato, trata-se de uma ausência, não de sua existência como sujeito, mas antes, de sua inserção num mundo regido pela escritura.

O mundo organizado na construção de conhecimento por meio da oralidade, não gerava este sentimento. A escrita era atributo elitizado e a acepção da literatura, originalmente denominada como “*Belas Letras*” ainda carrega essa marca social excludente. A busca pela democratização de acesso a espaços sociais diversos passa, inevitavelmente, pela garantia de que os cidadãos se tornem donos do próprio nome, não somente na marca da tinta sobre o papel, mas no oferecimento de uma política pública que atenda as necessidades pragmáticas e expressivas. Esse caminho nos leva a pensar seriamente num projeto de reinvenção educacional. A luta por uma educação que se torne o quanto antes prioridade num país que nunca resolveu sua relação placentária com a colonização.²⁴ Por uma educação que se decolonize e estabeleça parceria profícua com a cultura e pelo estabelecimento de uma rede que promova experiências estéticas e que defenda os espaços comunitários como ambientes de aprendizagem. A defesa do ensino da escritura poética manifesta a busca por essa parceria. Rever uma disciplina basal no ensino formal como a língua portuguesa e sua relação direta com o ensino de literatura sobre os olhos das contribuições de outras iniciativas potentes em projetos culturais. Trata-se do entendimento de que poetizar o ensino da língua e da literatura não é adorno, mas estrutura. É atualizar e aproximar o ensino das pesquisas realizadas em neurociência sobre o funcionamento da mente humana e o mecanismo utilizado para a

²⁴ Termo utilizado por Antonio Candido em “Formação da literatura brasileira”. A relação placentária, para Candido, é quando paulatinamente o Brasil se liberta da sombra da literatura portuguesa e passa a uma manifestação literária genuína

elaboração da linguagem. É compreender que a escritura é uma ação que mobiliza integralmente o corpo e que desconsiderar a corporeidade no ensino prejudica a escritura. É reposicionar este saber num mundo que desenvolveu outros códigos, linguagens e programações. A reposição da escrita como mero registro utilitário não se sustenta num momento pós-internet. Multiletramentos circulam socialmente. Outras formas de comunicação e armazenamento de dados são criadas sem precisarem de utilização da escrita. Se a finalidade deste saber se encerra em seu resultado, tal prática tem prazo de validade. Se não houver a compreensão que o próprio processo de escritura é desenvolvimento cognitivo, de estado de atenção e de possibilidade de construção expressiva e social, seu uso será cada vez mais restrito. Sob esse prisma, aproximar a contação de histórias na aquisição da escrita é tão importante quanto um percurso didático que desenvolva a fase silábica. Promover a escritura em atividades de criação com a palavra é tão importante quanto garantir a alfabetização, daí a utilização dos termos letramento poético e alfabetização autoral para designar esta proposição dialógica que une o entendimento do código com a fruição e a criação estética. Paulo Freire apontou este caminho ao rememorar seu processo de alfabetização:

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 51ª edição- São Paulo. Cortez- pg.24

Alfabetizar sem possibilitar experiência estética e criativa com a palavra é gerar afastamento da prática por não estabelecer diálogo com o contexto vivenciado pelos educandos. É optar por um percurso didático mínimo como projeto excludente, é optar pela sub-alfabetização que visa o controle dos corpos, não sua potencialização.

O ato de se alfabetizar com as “*palavras de seu mundo*” é mais que a preocupação em contextualizar, mas também, criar com as palavras do vocabulário da experiência que pré-existe a escolarização.

A alfabetização autoral visa reconhecer os educandos como sujeitos de direitos constitucionais e promover o acesso a uma alfabetização integral, cidadã e estética. Para isso, a educação precisa ser pensada como política pública, não como mercadoria. Se crianças e jovens forem convertidos a cifras e iniciativas educacionais forem vistas como possibilidades de diferenciação e lucro, a melhoria da educação será defendida como propaganda eleitoral, sem proposições que a efetivem.

A proposição da alfabetização autoral e do letramento poético partem da urgência acerca da compreensão de que a mudança de um ponto de vista altera a história e que todas as vidas e vozes importam.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. Publicado no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1974

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo. Editora Loyola, 1999

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Antonio Candido remate de males, Número especial, Campinas. Editora Unicamp, 1999

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 51ª edição- São Paulo. Cortez

_____. **DONALDO**, Macedo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

LOPES, Silvina Rodrigues. Literatura, defesa do atrito. Chão de Feira, Portugal, 2003

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2000

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2011

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. Parábola editorial, 2009.

SILVA, Ana Lucia. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Jessé. A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VOLOCHÍNOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem. 12ª edição. São Paulo, Editora Hucitec, 2006

IX. Quando o poeta-pesquisador se depara com uma pergunta: para que(m) serve teu conhecimento?

A você que me lê, devo confessar que, enquanto escrevo esta dissertação, estou cansado.

Exausto!

Não sei o ano em que você a lê, mas informo que ela foi escrita entre os anos de 2016 e 2018 - não tenho domínio de como esse período será denominado historicamente, mas aviso que está muito complicado resistir ao imenso retrocesso social e perda de direitos que nos inundam.

A existência dos capítulos narrativos possibilita que eu compartilhe sensações e dificuldades do processo de elaboração desta dissertação.

Entendo que eles são fundamentais na compreensão integral deste material.

Insisto na busca por uma pesquisa que seja lida fora dos muros da academia.

Insisto que a democratização do ensino universitário passa pelo acesso de pessoas com realidades socioculturais distintas que façam ecoar suas vozes dissonantes e cavem outras estradas na carreira acadêmica.

Além do contexto conturbado, existe outro aspecto que faz com que a escrita desta pesquisa seja um ato de resistência.

Por ser um assalariado eu não tenho condições de dedicação exclusiva à pesquisa.

Eu tentei, mas não consegui bolsa de estudos - um Instituto de Artes parece ser o último lugar que receberia um aporte financeiro no momento atual - ainda é muito enraizada a visão de que este campo do conhecimento humano é um penduricalho social ou recreação pueril.

Pessoalmente, confesso, que cansa.

Apesar de ser uma experiência extremamente gratificante e plena em aprendizados, a graduação em Letras na FFLCH-USP foi um período em que eu percebi diversos recados simbólicos de não-pertencimento àquele espaço.

Cansa!

Ter que tirar energia do rim a cada final de semestre.

Um susto atrás do outro porque eu perdi o prazo para entrar no sistema, para fazer ou cancelar matrícula, porque eu e outros estamos sempre exaustos.

Outros.

Os que trabalhavam durante oito horas por dia e depois iam se alimentar de crítica literária, linguística e línguas estrangeiras.

Os que tinham que sair mais cedo das aulas do curso noturno, pois tinham que pegar *ônibus+metrô+ônibus* para voltar para os bairros da zona leste.

E vem me falar de democratização da universidade pública?

Como assim cara pálida?

Quando levantei a mão e falei num encontro sobre este tema na universidade, que aluno de escola pública era um bom tema, mas uma péssima companhia, era mal visto quando não tinha dinheiro para xerox, quando entregava um trabalho na última hora e que a universidade precisaria estar representada por seres diversos que falam por si mesmos, ouvi de uma professora de literatura que eu admirava que dessa forma se perderia a excelência.

O que é a excelência na academia?

Ter lido Foucault, Weber, Marx e nunca ter confrontado seu saber com outras pessoas, além dos muros universitários?

Não!

Eu não tenho condições de dedicação exclusiva à academia, lidem com isso.

Eu tenho lidado com isso e sabe porquê?

Porque algumas condições mínimas permitiram que eu entrasse.

Que eu estivesse aqui e que eu pudesse escrever este texto criticando a academia ao mesmo tempo que estou matriculado num curso privilegiado.

Tem pessoas que não terão esse cansaço, porque sequer terão possibilidade de disputar uma vaga.

Minha vontade é entoar:

-Seja um assalariado, dependa integralmente da força de seu trabalho para seu sustento e só depois pense em defender a meritocracia.

Mérito para milhões de pessoas no nosso país é ter o que comer, voltar vivo para casa, não ser violentada quando saí na rua.

No Brasil, sobreviver é mérito.

Estudar é privilégio.

Mesmo sendo privilegiado percebo que a manutenção de tal conquista custa um suor insano.

Bem simbólico, no muro da educação está pixado: *Para que(m) serve teu conhecimento?*

A frase foi pixada no muro da Faculdade de Educação da USP. O pixo sempre me provocou muito durante o período que estudei lá e ainda me intriga. Lembro que quando cursei as matérias da licenciatura notei que havia poucos alunos oriundos de escola pública e quando havia, muitos acabavam indo lecionar em escola particulares. Ou seja, quando alguém consegue furar a bolha social acaba sendo absorvido pelo mercado, pelo sistema de ensino particular que possui melhores condições de trabalho, impedindo que a devolução do conhecimento seja também pública.

Lembro-me de uma aula da disciplina de didática que um aluno começou a falar horrorizado sobre as condições de uma escola que ele estava realizando estágio. Falava da postura dos alunos, da bagunça, do descompromisso. Enfatizava com muito afínco o descompromisso, que os alunos de escola pública não queriam nada com nada.

Pedi a palavra e comentei que eu havia me formado em escola pública e que o descompromisso não era algo inato, que brotava espontaneamente dos alunos de escola pública e sim que era resultado de descaso e ineficiência de uma política pública integralmente inclusiva e que o descaso se manifestava constantemente nas aulas da Faculdade de Educação da própria USP, com alunos desinteressados pedindo pra assinar a lista para não assistirem à aula. Disse que havia muita consciência crítica para analisar de forma estereotipada os alunos de escola pública e eu não percebia a mesma

preocupação e rigor no próprio percurso de graduandos privilegiados de uma das maiores universidades do país.

Percebi que estar ali exigia de mim um compromisso que tento manter: a devolução pública do meu conhecimento.

Assim como educadoras e educadores que atuavam na periferia alteraram o rumo de minha trajetória, opto por me esforçar em potencializar ações com a juventude na periferia.

Se eu não dialogar com a molecada que me enche de orgulho, renova minha esperança no mundo e move meu entusiasmo, não me interessa a validação.

Se eu não tenho nada a dizer para para a periferia da cidade que me formou antes da universidade, não me interessa o diploma.

Como diz o rapper Emicida: *“Não voltar pra minha quebrada de mão e mente vazia.”*

Minha qualificação é pensar o que eu tenho a dizer para eles.

O que posso construir para que mais jovens estejam cavucando espaços, colorindo de melanina e sonhos as universidades.

A boa notícia é que eu não pretendo parar.

A boa nova é que já tem aprendiz entrando na universidade também.

Nossos encontros agora são na academia que parecia muito distante de nós.

Estamos chegando.

Falta muito, mas todo o meu esforço irá caminhar nesse sentido.

A transformação é coletiva e passa pela arte e pela educação, inevitavelmente.

Força!

X. Em busca de uma literatura decolonial no Brasil

Quem está na academia só poderá mudar a sociedade se fizer uma crítica epistemológica às nossas formas de conhecimento, meios tecnológicos, e principalmente a maneira como operamos patrimônio. Pois, de geração a geração, os moldes coloniais seguem os mesmos: Desperdiçamos a chance de intervir na realidade do país e do povo dispondo de nossos espaços de maneira autoritária, repetidamente nos “recolonizando”.

Ailton Krenak

É tudo sobre os nossos mais de cem anos de solidão vivendo em quartos de despejos.

Sérgio Vaz

O presente capítulo se alicerça na necessidade de decolonizar não somente o currículo e o cânone literário, mas também a própria formação da linguagem e da construção de conhecimento ancorada na hegemonia da racionalidade ocidental.

Reivindicação de uma literatura que seja pensada como um processo dialético de criação e legitimação que não são estanques. Uma literatura nacional que não se entenda como uma herdeira caudatária da literatura portuguesa, como dizia Antonio Candido.

Que se pense com critérios epistemológicos que não apaguem seus múltiplos saberes e nem diminua a multiplicidade de manifestações não enquadradas pela crítica literária eurocêntrica. O pensador decolonial argentino, Walter D. Mignolo (2010), a partir de Aníbal Quijano (que aponta a necessidade de se desprender do binômio ocidental modernidade-racionalidade e que conceitualiza a colonialidade do poder) propõe no conceito de *desobediência epistêmica*, que os estudos realizados nos países que foram colonizados não reproduzam conceitos dos colonizadores. Para que a emancipação se dê também pela estrutura de construção de conhecimento que considere as especificidades dos processos históricos e de suas formações culturais. Afinal, até quando iremos nos pautar pela proposta libertária de autores europeus nos “ensinando” como e quando agir?

Não se trata de negar todo o legado do conhecimento de diversos autores europeus, apenas reconhecer que por serem sujeitos históricos de processos sociais distintos, não abarcam a complexidade e a pluralidade de manifestações dos diversos países que conquistaram independência política, mas ainda lutam por uma independência epistêmica.

A Europa assumiu a direção do mundo com ardor, cinismo e violência. E vemos como a sombra de seus monumentos se estende e se multiplica (...) Ela só se mostrou parcimoniosa com o homem, mesquinha, carniceira, homicida só com o homem. Então, irmãos, como não compreender que não nos convém seguir essa Europa?

Mas, se queremos que a humanidade avance um furo, se queremos levar a humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra: tradução José Laurênio de Melo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. pg. 272*

Descobrir outros caminhos para a humanidade. Um ato de invenção. Urge pensarmos a decolonização do ensino. No que concerne a literatura considero perigoso naturalizarmos o fato de falarmos e escrevermos em português. A língua é a marca de um processo brutal de apagamento cultural e linguístico. É a homogeneização de uma pluralidade de troncos linguísticos de diferentes etnias. Ainda que o documento *Diretório de Índios* (1755) de Marquês de Pombal²⁵ não tenha conseguido apagar totalmente as contribuições indígenas e africanas de nosso idioma, ele simboliza o ensejo colonial de borrar um modo de falar e pensar no território que era colônia. Se partilharmos a língua portuguesa não podemos adotar uma postura subserviente com o país que nos colonizou. Tampouco deixarmos de tomar conhecimento acerca dos outros países que foram colonizados. O ensino da língua e de sua expressão literária não pode se furtar a

²⁵ Lei elaborada em 1755 pela Coroa Portuguesa que estabeleceu diversos pontos acerca do tratamento dos indígenas na colônia. Entre eles, a proibição da chamada língua geral e a obrigatoriedade da utilização e ensino da língua portuguesa (artigo 6)

esta discussão. O corpus elegido como cânone também guarda rastros do pensamento colonial.

Exemplifico com uma pequena descrição curricular:

Estudei Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Na estrutura curricular, o discente dispõe de disciplinas que são obrigatórias e outras que são optativas. As seis disciplinas de literatura portuguesa são obrigatórias. Das seis de literatura brasileira, somente quatro são obrigatórias. As de literaturas africanas de língua portuguesa são todas optativas.

Provavelmente, se questionados, muitos docentes e até mesmo alunos, defenderão tal organização alegando maior quantidade e relevância da literatura portuguesa em detrimento da brasileira, moçambicana, angolana, etc. Contudo, convém indagar se a “*relevância*” é algo inato. Se brota fora das instâncias legitimadoras (como as universidades). Parece-me que não. Se não houver pesquisa e acesso a obras despercebidas nos países que foram colonizados e se elegermos o país colonizador como centro, sempre pareceremos menores e irrelevantes. Se houver incentivo de pesquisa somente aos autores europeus sacralizados, iremos reproduzir constantemente as mesmas citações das mesmas obras. Ensinar que a narrativa inicia no país com a carta de Pero Vaz de Caminha é tão grave quanto afirmar que o país foi “*descoberto*”. Ignorar as múltiplas narrativas indígenas e seu conjunto de saberes da oralidade é reproduzir a visão colonial.

Os portugueses, além de sua língua e escritura, depositaram em nossas terras um modo de nos perceber que, por vezes, introjetamos e atualizamos. Precisamos reinventar nossas narrativas culturais e deixar de pautar nossa história pelos marcos coloniais.

O Brasil é um país campeão de lutas inglórias. Apesar de seus focos de resistência, tornou-se o país onde mais tempo perdurou a escravidão e o único no qual o colonizador decretou a independência. Não ter conquistado e sim “*acordado*” sua emancipação custou uma herança de conivência e até mesmo defesa das arbitrariedades cometidas neste período. No pensamento alimentado pelo senso comum, se mantém os arquétipos de que o português é o desbravador, o índio indolente e o negro servo. Tais estereótipos perduram e ajudam a elucidar a desigualdade de condições e acesso a dignidade no

século XXI. O vergonhoso controle sobre as terras griladas e um sistema judiciário racista são resquícios destes tempos.

A escritora e jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho, numa entrevista concedida e-mail ao portal *Vozes ao Minuto* falou, em determinado trecho da entrevista, sobre a falácia difundida por Portugal de que o país foi um colonizador “*brando*”:

Lisboa foi a grande capital escravagista do mundo, depois de pelo menos um milhão de ameríndios já terem morrido na sequência da chegada dos portugueses ao Brasil. Mas todos estes milhões de pessoas, ameríndios e escravizados africanos, não existem em Belém, o epicentro da memória imperial portuguesa, nem noutro ponto da cidade. Não existe o horror do que lhes aconteceu, tal como não existe quem eles eram: narrativas, artes, lutas. E esse vazio serve o racismo contemporâneo, mantém invisíveis os fios que ligam esses mortos aos afrodescendentes e ameríndios de hoje. É uma negação de toda a história, de que do lado deles também há uma história, da tal corda que liga passado e presente em contínuo, e que fará o futuro.

COELHO, Alexandra Lucas. Entrevista concedida a Pedro Bastos Reis
<https://www.noticiasaoiminuto.com/cultura/836272/portugal-nao-foi-colonizador-brando-ha-inumeras-situacoes-de-racismo-> Acesso em: 31 jul. 2017

Paulo Freire, em sua luta por um ensino que alfabetize e amplie a capacidade de nomear o mundo, é um grande pensador decolonial. Não por acaso os autores da obra *A descolonização das mentes* (2012), José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti - o aproximaram do poeta revolucionário Amílcar Cabral assassinado por lutar pela libertação de Guiné-Bissau e Cabo Verde. Considero o título do livro bem elucidativo. A colonização não é somente a tomada de um território. É também apropriação de um imaginário. Apesar do avanço da lei 11.645²⁶ (2008) ainda é recorrente na prática

²⁶ “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e

docente enquadrar a história e a cultura indígena como fixadas num distante pretérito. Ao situar as etnias indígenas no passado, desconsidera-se a existência dos indígenas no presente e se invisibiliza a luta pela demarcação de terras e pelo direito à sobrevivência.

O *índio* torna-se um tipo, não um sujeito de direitos. É celebrado em seu exotismo e silenciado em sua existência contemporânea. Índio bom é o da ilustração do livro didático com seu cocar e não o que ocupa terras que necessitam ser demarcadas. Os indígenas são relatados como seres que falavam, pintavam e plantavam, verbos no tempo pretérito que elaboram uma narrativa de silenciamento das vivas vozes sobreviventes.

Da mesma forma, as terríveis marcas do período da escravidão são constantemente negadas. Há um esforço negacionista de autores conservadores em afirmar e legitimar a barbárie no país. Ali Kamel, diretor de jornalismo da Rede Globo, chegou ao absurdo de lançar uma obra com o título *Não somos racistas* (2006) no qual o subtítulo consegue ser pior: “*uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*”. Negar o racismo institucional no país não ajudará o autor a compreender porque a jornalista Maria Júlia Coutinho (que trabalha no jornal que ele mesmo dirige) sofreu diversas agressões racistas no Facebook que repercutiu tanto a ponto de toda redação do jornal lançar a campanha “*SomosTodosMaju*” em solidariedade a jornalista.²⁷

Como se sustenta tal tese após este acontecimento?

Negar a existência do racismo no Brasil é mais que desonestidade intelectual. É um projeto de uma elite ignorante e enraivecida que serve como fomentadora de jornalistas reacionários e grupos conservadores que disseminam *fake news* na internet. Tal projeto serve a manutenção de privilégios pois, ao reconhecer as estruturas desiguais que formam o país, tal elite se veria obrigada a assumir que seu capital acumulado, suas

indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.”

²⁷

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>

terras griladas e seus meios de produção e comunicação se originaram da barbárie e do genocídio e não do seu mérito.

O processo histórico no Brasil é marcado por uma classe dominante que constantemente repõe o projeto colonial, nos moinhos de gastar gente, usando o povo pobre como carvão, como dizia Darcy Ribeiro.²⁸

A elite financia um projeto neoliberal que transforma direito em produto e defende a meritocracia de suas próprias fortunas geradas e sustentadas pela herança colonial das oligarquias, pela divisão de terras que remontam as capitanias hereditárias, com terras griladas²⁹ e com pensamentos e escrituras falsamente antigos e que perduram.

Um exemplo da herança colonial é a identidade paulista forjada na figura do bandeirante.

Como justificar que eles nomeiam ruas, rodovias e até mesmo o Palácio do Governador?

Como se já não bastasse a incongruência do local estatal ser denominado *palácio* num país que se propõe república. A aceitação de seus bustos, a celebração de seus “feitos”, carregam mais que a conivência com a barbárie. Promovem a exaltação de genocidas.

O jornalista Leandro Narloch no livro *Guia politicamente incorreto da história do Brasil* (2009) que também poderia se chamar *História do Brasil segundo a revista Veja* defende que os bandeirantes são sim heróis e o motivo alegado é que os jesuítas exageraram o número de assassinatos. Sim, na impossibilidade de provar que eles não mataram, o pensamento negacionista recorre ao bárbaro argumento do “*matou sim, mas não tanto*”.

A literatura nacional não pode se curvar a este projeto. Seu ensino é fundamental na dissipação dos discursos de ódio e estabelecimento de empatia pedagógica e

²⁸ As atuais classes dominantes brasileiras, feitas de filhos e netos de antigos senhores de escravos, guardam, diante do negro, a mesma atitude de desprezo vil. Para seus pais, o negro escravo, o forro, bem como o mulato, eram mera força energética, como um saco de carvão, que desgastado era facilmente substituído por outro que se comprava.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Cia das Letras, 1995. pg.219

²⁹

<https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/metade-dos-documentos-de-posse-de-terra-no-brasil-e-il-egal-7116.html>

solidariedade comunitária. Para isso, se faz necessário defender um ensino literário decolonial que possibilite o contato com a pluralidade de vozes que foram silenciadas no percurso histórico.

X. A. Escritura decolonial como ato de criação cultural

A libertação nacional é, necessariamente, um ato de cultura.

Amílcar Cabral

E porque, na história dos homens, cada ato de destruição encontra a sua resposta - cedo ou tarde - num ato de criação.

Eduardo Galeano (1978)

Os dados acerca da proficiência leitora e escrita no país são alarmantes. O que explica, em parte, a adoção de ideias reacionárias que voltaram a fecundar nas *terras brasilis*.

É preciso militar pela leitura no país. Os índices são baixos. Muitos municípios não possuem biblioteca, nem livraria. Lê-se pouco e quando se lê, os campeões de vendas assustam.

O portal Publishnews divulgou dados dos livros mais lidos no Brasil, desde 2010.³⁰ A lista demonstra que a grande mídia no país tem determinado o que e quem se lê. Um exemplo disso é que o autor mais lido no período foi Edir Macedo (líder da Igreja Universal do reino de Deus e proprietário do Grupo Record). Se nos séculos passados quem “*vendeu*” sua crença violenta foi um padre jesuíta, atualmente é um pastor fundamentalista. O povo segue sendo impelido a “*comprar*” dogmas que o mantêm subserviente.

A pesquisa sobre as obras mais vendidas explicita que quem não possui visibilidade midiática fica restrito a um grupo reduzido de leitores. Assim como ao analisar a ABL

30

<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/07/03/O-ranking-dos-livros-mais-vendidos-no-Brasil-desde-2010>

defendi a formação de um espaço efetivamente voltado à criação e difusão da literatura nacional pois, antes de criticar a formação do cânone se faz necessário criticar a ausência de nomes relevantes da literatura nesse espaço, é preciso também batalhar por uma formação de leitores que só a posteriori poderão construir a própria emancipação.

Livros com preços acessíveis e políticas públicas pensadas na base podem ampliar o número de leitores, mas é preciso analisar outros fatores.

Questiono fortemente a lista obrigatória de obras do vestibular. Não sua existência propriamente, mas sua ausência de contexto, a carga de pressão e trauma que gera antes da leitura e o efeito contrário que pode desencadear, ao invés de garantir o engajamento de jovens a grandes obras literárias, o que há é uma deformação de jovens leitores.

Ao ler determinada obra não porque alguma curiosidade foi despertada ou porque é o livro preferido de um amigo, mas somente porque ela irá “*cair*” nos vestibular o que provavelmente cairá junto é o interesse do jovem. Sem contar o fator filtro social que o afastamento com a proficiência em leitura interpretativa e escrita argumentativa gera pois são saberes basais para as questões e para a redação, fatores determinantes na famigerada nota de corte. Antes do vestibular a relação com tais competências já se consolidou e as marcas são mais traumáticas que positivas.

É preciso pensar um projeto de formação de leitores críticos que consigam estabelecer as próprias relações de conhecimento e emancipação intelectual mas, para isso, o Brasil ainda precisa decretar sua independência.

Seu povo pobre, que vive em margens não plácidas, precisa gritar. Não o grito *fake* do colonizador no Ipiranga e sim, o grito das aldeias, quilombos e favelas. O país marcado pela cor do sangue e da brasa, vêm sendo silenciado secularmente por uma elite torpe que repõe o projeto de dominação colonial. Libertar-se e conquistar sua autonomia é se conscientizar acerca de sua própria potência.

Contra a narrativa unilateral e falaciosa engendrada nesse sistema, a escritura decolonial é a possibilidade de construção e acesso ao imenso legado cultural brasileiro.

Possibilidade de gerar empatia a sujeitos históricos demonizados pelo racismo institucional. De gerar empatia a diferentes pontos de vista históricos e ficcionais.

Mas, antes de ser manifestação, ela é um ato de criação cultural. Nasce e se alimenta no conhecimento acerca da pluralidade cultural do país que necessita ser trabalhada no ensino público, revendo currículos e metodologias que não sucumbam diante da pressão de políticos fundamentalistas que sem nenhum conhecimento sobre a prática docente defendem a culpabilização do educador, a criminalização das culturas africanas e das teorias científicas, impondo abordagens, assédio moral e um currículo obscurantista para o ensino.

A escritura decolonial é criação.

Em um contexto de uma educação verdadeiramente laica, pública e cultural, alicerçada na história de seu próprio povo e na resistência poética diante da barbárie.

Em tempos de perda de direitos, se faz difícil, porém imperioso, mantermos por perto a motivação para prosseguir pesquisando, lecionando, escrevendo e construindo conhecimentos.

Infelizmente, o momento atual é de brutal retrocesso (2016-2018). Tais mudanças caminham para que a escritura poética e a literatura como experiências estéticas e significativas necessitem de outra configuração de consultores, educadoras e educadores, ministério e pensamento decolonial de educação para se efetivarem enquanto política pública, o que não impede que os profissionais de educação dialoguem amplamente com o material, confrontado-o com suas práticas na busca constante pela construção de conhecimentos que forme e se transforme pelos encontros e experiências e não por uma educação pensada para formar mão-de-obra alienada de sua própria condição e característica de trabalho.

Se a macroestrutura sinaliza a ineficiência de uma democracia frágil dirigida pelas grandes corporações, a construção de conhecimentos em arte e educação no país necessita se configurar como espaço de resistência e memória.

Se é verdade que o projeto colonial nunca interrompeu seu curso no Brasil, é verdade também que os povos indígenas, as comunidades quilombolas e diversos grupos no país também não interromperam suas formas de luta pela libertação e afirmação da dignidade humana, que passa, inexoravelmente, pela defesa das manifestações culturais e pelas narrativas que guardam as memórias e os saberes de um povo.

Este capítulo pretende contribuir para ampliar as brechas nos muros erguidos pela ganância.

Ainda que acuadas por bombas, a arte e a educação ainda possuem lanças.

Este texto, feito flecha, mira um tempo onde a educação e a cultura sejam prioridades no país.

Lancemos nossas flechas contra o grande muro.

Uma hora ele racha.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rita Heloísa de. O diretório dos índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII. Reproduzido e disponível em: http://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios.htm .Acesso em: 26 jul. 2017

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos.Belo Horizonte: C/Arte, 1998

FANON, Frantz. Os condenados da terra; tradução José Laurênio de Melo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina: tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 47ª edição, 2007

KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a Lorenzo Leuck
<http://www.nonada.com.br/2017/03/o-pensamento-colonial-se-prolifera-como-praga-ad-verte-ailton-krenak/> . Acesso em: 26 jul. 2017

MEMMI, Albert. Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros: tradução de Marcelo Jacques de Moraes - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. tradução de Angela Lopes Norte- Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de (1689-1755). **O espírito das leis**: apresentação Renato Janine Ribeiro; tradução Cristina Murachco, São Paulo, Martins Fontes, 1996

ROMÃO, José Eustáquio. Paulo Freire e Amílcar Cabral : **a descolonização das mentes** / José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti. — São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SAID, Edward W. **Cultura e Política**: tradução Luiz Bernardo Pericás, São Paulo, Boitempo Editorial, 2003

XI. Quando o poeta-pesquisador reflete sobre sua escritura deslocada

Que fita!

Meus poema me trouxe onde eles não habita.

Emicida

Estive pensando, cá entre nós, que os capítulos ímpares seriam melhor representados pelos originais rabiscados, ao invés de fonte Times New Roman 12.

Diriam melhor de seu processo criativo.

Cabe a você realizar um esforço de imaginação, pois ainda não existe uma versão da ABNT para garranchos.

Um colega de graduação me disse uma vez que nunca iria publicar numa editora grande porque considerava violento transformar sua letra numa fonte padronizada.

Perdia a poesia na tipografia.

Bom, mesmo que padronizado, lá se vão mais palavras.

A maioria dos meus textos, escrevo enquanto balanço num ônibus ou numa lotação (termo paulistano para as vans de transporte público).

Escrevo num caderninho, numa folha avulsa, no bloco de notas do celular.

O tremelique do veículo, o corpo que sacoleja.

Isso perpassa o texto.

Modifica sua textura.

Os solavancos impulsionam meu corpo a se segurar na vida acadêmica como um passageiro que se agarra no bastão do ônibus após uma freada brusca.

Tornar possível a um corpo assalariado a possibilidade da pesquisa.

Trata-se de outra escritura.

A que é jogada no muro acadêmico feito alguém que desce no ponto errado.

A que narra sua dificuldade para firmar sua força.

Os textos são desenvolvidos enquanto me transporto pela cidade.

Isso gerou uma estranha facilidade de concentração para criar com os barulhos e as constantes intervenções do transporte público.

Por vezes, para escrever esta pesquisa, necessitei me locomover pela cidade.

Ainda que tivesse acesso a um local silencioso e tranquilo, minha mente reclamava o retorno de um padrão criado pela necessidade.

Muitos trabalhos da graduação, textos para o blog, poemas e cenas foram escritas nos deslocamentos.

Quando estou sentado em frente ao computador tentando me concentrar para a escrita, minha mente divaga e anseia se locomover.

Minha escritura precisa se deslocar.

É, ela mesma, deslocada.

Escritura que não se quer estagnada.

Que se move buscando outros pontos.

Que se modifica pelas pessoas que encontra.

Pelos textos lidos nos olhos cansados.

Que só aceita entrar na academia se carregar a poeira da rua.

Textos que habitam corpos.

Pesquisa que se faz em estações e avenidas, radiais, marginais.

Nas páginas rebocadas das casas periféricas, referências bibliográficas.

No fone de ouvido que embala a viagem, filosofia contemporânea.

O banco da frente, enquanto escrevo, me pergunta:

Como foi seu dia?

Converso com pixações enquanto escrevo.

Erro a escritura.

Minha escritura erra.

Enquanto tentava escrever um capítulo de dissertação, pariu um poema.

Tal poema circulou pela rede virtual, encontrou olhares e singularidades.

Neste momento, o poema volta a pesquisa.

A escritura deslocada procura estradas ainda não trilhadas:

Não vou me render

Não serei arrastado na lama que rompeu a barragem que impedia a barbárie.

O país não é só isso.

Para cada Gilmar Mendes, tem um Manoel de Barros.

Para cada Aécio Neves, tem um mestre de Congada resistindo à opressão nas mesmas terras mineiras.

Para cada Michel Temer, um Mário de Andrade na paulicéia.

O país não é só um branco de gravata ou toga.

É vermelho na pele indígena.

É preto potente na pele da menina.

É um guri, um piá, um curumim.

É trans!

É trem bão, é da hora, é sinistro, é massa! Ainda que não pareça, passa.

E eles passarão.

Desanima, não.

Menos preocupação e mais ocupação.

O país, novamente, está sendo saqueado. Seu povo pobre dizimado. Mas, até por uma questão de lógica, enquanto estivermos vivos não dá pra decretar derrota.

Minha energia. Meu pensamento e meu afeto se movem pela transformação e pela justiça social.

Para que pessoas não morram pela cor da pele.

Pela orientação sexual.

Por denunciarem injustiças.

Por serem quem são.

O país não é só o Planalto.

A injustiça suprema.

Homens asquerosos.

Um país reacionário.

Quadrado.

É também roda.

De samba.

De capoeira.

De poesia.

É uma espiral.
É a mata, os bichos, as ervas, a arte, o povo. Tudo que nele brota.
É uma idosa distribuindo sopa e cuidando de pessoas em situação de rua.
É uma benzedeira curando as crianças da comunidade.
É um professor mal pago e apaixonado mudando a vida de crianças e jovens.
É um poeta desconhecido.
Uma dançarina sonhadora.
Uma enfermeira incansável.
Um músico genial.
Um gari cantarolando enquanto varre.
Um garçom simpático.
Uma cozinheira incrível.
Um sábio pajé.
Uma mulher quilombola líder comunitária.
Uma criança alcançando o paraíso na amarelinha.
Um bando de gente linda e anônima.
O Brasil é imenso!
Desistir dele é deixar de perceber a beleza que nele contém.
Abrir mão da potência que dele provém.
Vamô junto!
Contra a perda de direitos e o desmonte do país, o lema do povo guerreiro:
“Só a luta muda a vida!”

André do Amaral (2017)

XII. Soube que vocês nada querem escrever: do poema-provocação ao poema-abraço

Mestre não é aquele que sempre ensina, mas quem de repente aprende.
João Guimarães Rosa

Este capítulo surgiu do encontro de experiências, de atravessamentos, na acepção que Jorge Larrosa analisa como “*isso que me passa*”.

O processo de escritura da dissertação me fez reencontrar e pôr em diálogo dois momentos, dois “*issos que me passaram*” como artista educador.

Inicialmente levanto hipóteses para diminuir a distância entre a teoria e a prática, percebendo sua relação indissociável e seus necessários pontos de contato para um processo educativo transformador. Depois, analiso que ao errar o caminho, o educador descobre outros mapas e conecto duas experiências por entender que elas carregam pistas para a compreensão e busca de um ensino literário mais poético, sensível e contextualizado

Escrever é recriar.

Escolhi escrever sobre algo que não havia notado.

Como estudante do curso de Letras. Como morador da periferia da mesma cidade. Como educador, escritor e leitor de poesia, eu ainda não havia proposto a leitura de um poema como forma de diálogo, provocação e resolução de determinado conflito com um grupo de educandos. Tampouco havia escrito um poema especialmente para eles.

Convoco, no presente texto, a experiência que nomeei como *poema-provocação* (2010) para compreender a trajetória até a experiência do *poema-abraço* (2016). Considero as duas experiências complementares, ainda que tenham ocorrido com grupos diferentes, em contextos e tempos distintos. As duas se inserem no que denominei “*Estudos pra nascer palavra*”- oficinas de escritura poética com diferentes grupos que alimentam minhas desconfiças acerca das afirmações estanques sobre o desinteresse dos jovens da periferia em relação aos saberes da leitura e da escrita.

Talvez, de tanto falar, um dia eu ouvi. Foi na brecha, no imprevisível, no improvável, no “*logo ali que eu não havia visto*” no “*algo que estava na minha cara*”. Foi quando, de repente, aprendi a fina matéria que pensava que já estava lecionando. E isso foi transformador.

Compartilho algumas hipóteses desenvolvidas no meu trabalho como artista educador junto a juventude periférica da cidade de São Paulo. Na condição de jovem participante de projetos culturais que virou educador, cada vez que me encontro com um jovem artista morador das margens da cidade eu me reencontro com minha própria história.

Penso que o processo educativo que pretenda estabelecer um diálogo com a juventude deve escapar de modelos preconcebidos e de planejamentos engessados. Deve aceitar o chão movediço acerca do que dará certo e se equilibrar em fios duvidosos a cada atividade. Renovar-se é preciso junto ao jovem, renovar a cada dia, o ânimo, a abordagem. Preocupar-se com ele e lutar pelo aprendizado sem temer o conflito. Não carimbar os educandos como se eles fossem sempre da mesma maneira – nenhum ser humano é integralmente estável. A criatividade e o bom humor podem evitar irritações, mas se faz necessário relembrar firmemente os acordos quando eles parecerem distantes.

É comum se deparar em diversos ambientes educativos algum educador, após o contato com alguma teoria pedagógica, enunciar algo como: “*Se ele desse aula aqui não teria escrito essa teoria*”, ou então, “*É bonito, mas a prática não é tão simples*”.

A ideia, expressa nestas frases, é que existe *alguém que escreve* e *alguém que atua* dentro do universo da educação e que esses dois seres são completamente distintos e se situam em esferas opostas. Se o *alguém que escreve* desse aula, deixaria de escrever, e se *alguém que atua* escrevesse deixaria de dar aula. Em suma, quem faz o mapa não conhece o território e quem se perde no território prefere perambular perdido a consultar o mapa.

Compartilho do pensamento de que o educador, ao experimentar ser produtor de uma teoria acerca do ato educativo, poder ter a relação alterada com seu próprio fazer. Organizar em um texto suas dificuldades pode auxiliá-lo a pensar sobre elas e alterar a rota quando perceber recorrências nos equívocos.

Ser educador na contemporaneidade é aceitar que os desafios se refazem e que não existe uma teoria que contemple esta complexa prática, todas elas são mapas que indicam espaços, mas quem percorre o território é o educador e não adianta xingar o mapa, pois ele não foi criado para substituir o caminho e sim para sinalizar possibilidades. O mapa não foi confeccionado para ser “*aplicado*” e sim consultado quando surgir a dúvida sobre como chegar onde se almeja.

No trabalho como artista educador, consulto muitos mapas, mas aprendo, sobretudo, observando com cuidado o próprio território.

Às vezes saio dos encontros radiante e orgulhoso ao perceber que a proposta foi ampliada e apreendida pelos educandos. Às vezes saio frustrado quando a expectativa não se efetiva, com uma fala ou um gesto inesperado que desestrutura e leva a repensar as abordagens.

A prática do educador possui especificidades que vão além de conceitualizações apartadas da prática profissional. É um território que necessita ser desbravado para ser pensado com mais potência. Daí a necessidade de produções teóricas extraídas a partir de práticas que, após serem avaliadas, possam ser conceitualizadas. Claro que esta produção se daria em uma condição ideal, muito longe da realidade escolar brasileira e seus professores com cargas horárias extensas e baixa remuneração. Carecemos uma visão que se transforme em política pública sobre a totalidade dos aspectos que envolvem o ato de educar e que este processo não terá êxito sem a valorização do profissional de educação e a preocupação constante com sua formação. Apesar da aparente obviedade desta constatação o que vemos são resoluções que a ignoram, culpabilizam professores e criticam propostas alternativas que são punidas por não transmitirem conteúdos estanques.

Quando surgem dúvidas e imprevistos, é provável que ocorram dois movimentos:

O primeiro é o de buscar possibilidades no arcabouço gerado pelo próprio fazer. Acionar algum gesto que esteja associado a resolução de conflito. Neste momento, ainda que um professor se convença, teoricamente, acerca de determinada abordagem pedagógica, o que, de fato, o fará agir num determinado momento conflituoso é a memória que ele possui em relação a resolução. Dessa maneira, ainda que numa

disciplina de licenciatura ele concorde que uma fala gritada é uma conduta a ser evitada, ele acionará o grito se em sua memória ele tiver registrado que a postura de um professor autoritário “*funciona*” para o controle da turma. Pode ser que o grito possa ser compreendido como incontornável, e que quem afirma categoricamente seu equívoco não conhece o contexto de determinada turma. Ou então, a educadora ou educador, podem repudiar o grito, mas ainda assim não conseguirem fazer diferente, por lhe faltarem balizas, referências de outras atitudes possíveis.

Daí passa-se, possivelmente, ao segundo movimento. Buscar referências, pesquisar abordagens como quem procura velas nas gavetas, somente nos dias que não há luz elétrica. Qualquer luz, ainda que pequenina, passa a ser bem-vinda.

Neste segundo movimento, consultamos mapas. Os traçados de quem estudou os territórios que estamos desbravando. Possivelmente, a indicação de mapas se dará no campo pedagógico estrito. Homens e mulheres que pensaram, em diferentes períodos, a arte e a educação. Acontece que, em arte, tal campo se expande a outros nichos de escritos. Uma das experiências que compartilho no presente capítulo, diz respeito à ampliação de caminhos e leituras acerca de como lidar com um conflito que emerge, sobretudo, da diversidade de seres e pensamentos manifestos num grupo.

Quando escolhi, após um dia difícil com a turma, iniciar o encontro com a leitura de um poema eu criei um novo marco para minha própria atuação. Tal acontecimento foi muito significativo para a formulação da oficina de escritura poética que ministro a diversos grupos e equipamentos culturais. Nos meus “*Estudos pra nascer palavra*”, o encontro se dá na vivência de uma relação poética com a escritura que reconstrua a memória em relação a este saber. Que se transforme numa baliza que se contraponha a memória de uma escrita sempre avaliativa, utilitarista, martelada como reprodução e cópia de um texto que não diz respeito e não se interessa em dialogar com quem o escreve.

De 2010 à 2011 eu ministrei um curso destinado a capacitação de jovens para atuação em áreas culturais na Casa de Cultura e Cidadania, localizada na Vila Guacuri, periferia da zona sul de São Paulo.

O Programa - denominado FICCCultura (Formação Inicial e Continuada em Cultura) foi pensado a partir de uma metodologia adotada por cursos técnicos a de “Formação

Inicial e Continuada” e a expectativa era a de que os jovens - que já possuíam o saber empírico das linguagens artísticas - pudessem desenvolver também conhecimentos acerca da captação de recursos, por meio da escrita de projetos culturais.

Ao eleger o período que atuei na Casa de Cultura e Cidadania, poderia ter escolhido muitos acontecimentos, mas escolhi falar do dia que eu - como dizíamos entre os educadores- perdi.

Perdi o interesse da turma. Perdi o planejamento que havia preparado. Quase perdi o desejo de voltar no outro dia.

Há muitas teorias sobre como proceder quando a reação dos educandos é de não comprometimento e, até mesmo, descaso. Das visões punitivas generalistas a restaurativas e contextualizadas, aprendi com a prática a importância do acordo coletivo.

O estabelecimento de regras de convivência validadas pelo grupo evita que a relação seja legislada por regras arbitrárias. A partir do momento que o grupo decide seu próprio funcionamento, estabelece-se uma diretriz, um chão comum que sustenta os encontros.

Sempre considerei importante, no ato de elaboração do acordo, situar meu lugar de fala como educador. Para isso, enunciava os critérios que me fariam intervir, caso necessário. Buscava esclarecer que a *Declaração universal dos direitos humanos* era o documento que, anterior às regras do equipamento em que eu trabalhava, regulava minhas ações e que, caso houvesse uma atitude que ferisse a integridade de outro participante, haveria uma sanção mediada pelo conhecimento dos direitos humanos.

No acordo conversamos também sobre a importância da escuta, de respeito ao espaço de fala do outro e de construção de um espaço harmonioso de aprendizagem.

Até um dia que o acordo foi quebrado.

Não houve escuta. Tampouco espaço harmonioso.

Saí do encontro extremamente frustrado, mentalmente cansado e no dia seguinte eu me encontraria com a turma de novo.

Não havia tempo para consultar mapas.

Não havia boias a agarrar.

Foi quando me lembrei de um poema.

XIV. A. O poema-provocação

Soube que vocês nada querem aprender

Soube que vocês nada querem aprender
Então devo concluir que são milionários.
Seu futuro está garantido – à sua frente
Iluminado. Seus pais
Cuidaram para que seus pés
Não topassem com nenhuma pedra. Neste caso
Você nada precisa aprender. Assim como é
Pode ficar.

Havendo ainda dificuldades, pois os tempos
Como ouvi dizer, são incertos
Você tem seus líderes, que lhe dizem exatamente
O que tem a fazer, para que vocês estejam bem.
Eles leram aqueles que sabem
As verdades válidas para todos os tempos
E as receitas que sempre funcionam.
Onde há tantos a seu favor
Você não precisa levantar um dedo.
Sem dúvida, se fosse diferente
Você teria que aprender.

Bertold Brecht – Poemas: 1913-1956

Rio de Janeiro, Editora 34, 2006.

Seleção e tradução: Paulo César de Souza

Quando li o poema “*Soube que vocês nada querem aprender*” de Bertolt Brecht percebi que, por mais que me esforçasse em organizar uma fala que demonstrasse a gravidade do que havia ocorrido e a urgente necessidade em refazer o acordo coletivo

de convivência, o poema acessava camadas mais profundas do que as palavras gastas de uma possível bronca pedagógica. Ao ler o poema percebi a potência daquele acontecimento.

No meu enunciado, logo na conversa inicial, em roda, eu disse aos educandos que eu havia refletido sobre o que havia ocorrido no encontro anterior e que a reflexão me fez lembrar de um poema que eu iria compartilhar com eles.

Não foi uma bronca. Tampouco uma resposta. Foi uma provocação.

Através desta experiência, me permite uma constatação. A potência poética, na prática do educador, não deve ser reduzida a um tema e sim modificar a forma de mediação com os educandos.

A partir do caminho aberto pelo poema, pudemos refletir coletivamente sobre a quem interessava o descaso de parte do grupo acerca dos saberes da leitura e da escrita. Seria ele um impulso natural ou algo construído culturalmente? O fato de grande parte do grupo nunca ter lido um livro significava que os livros, necessariamente, não tinham nada a dizer para eles?

Questionei as falas que afirmavam categoricamente que não gostavam de ler, perguntando somente: Qual livro você não gosta de ler? Posso assistir quatro filmes em uma semana, gostar de dois e detestar dois, isso não significa que não gosto de ver filmes. Da mesma maneira, posso ler alguns livros, gostar muito de uns e não tanto de outros, mas isso não me leva a sentenciar o ato da leitura e de forma genérica, enunciar que não gosto de ler.

Se o tema do encontro tivesse sido o poema, possivelmente, não geraria engajamento e interesse. Mas, como foi mobilizado na estrutura da aula, ele desencadeou mais que interesse. Ele possibilitou uma experiência. Os educandos me sabatinaram de perguntas sobre quem havia escrito, em quem período, se o livro era meu e outras tantas questões que fariam um professor de português morrer de orgulho.

Desde esse dia, aprendi que como educador eu não deveria andar só. Convocaria poetas de diferentes períodos para me guiarem na estrada curvilínea da educação.

Passei a refletir sobre minha trajetória na escola pública e os relatos que ouvia dos jovens. Notei que pouco havia mudado. A literatura, quando muito, continuava sendo lecionada como um mero tema.

Os saberes da escrita e da leitura, quando reduzidos a temas, perdem o potencial de gerar experiência, ao se apagar o contato direto com as práticas e se privilegiar a mediação de materiais que “falam sobre” determinada obra, sem que de fato ela seja lida. No campo da escrita, escreve-se reproduzindo regras para uma escrita adequada, sem que se possibilite a investigação direta da palavra criadora. Sem que, de fato, os educandos experimentem um exercício de produção escrita utilizando seu vasto acervo pessoal, sua percepção e estranhamento acerca do mundo, o que chamo de vocabulário da experiência.

Ao privilegiar a historiografia literária e a gramática no percurso didático, a escola converte os educandos a observadores passivos do conteúdo abordado que não estabelece pontos de contato com suas formas de perceberem e vivenciarem o mundo.

Quando os saberes da leitura e da escrita são compreendidos em diálogo, não em monólogo, as palavras passam a compor um jogo interacional que considera os educandos como seres portadores de palavras e de vida, que são as matérias primas do fazer literário.

Podemos considerar os poemas como condensados de vida. Tais condensados de vida necessitam manter-se respirando, sem imposições descontextualizadas que minem o ar de seus versos. Afirmar que um livro precisa ser lido somente porque consta na lista obrigatória do vestibular é reduzir o arcabouço de conhecimento a uma função meramente utilitarista.

No livro de Ray Bradbury *Fahrenheit 451* (1953) Montag (bombeiro responsável por queimar livros), ao ser movido por forte curiosidade, passa a lê-los. Numa passagem em que fala com sua mulher - que solicita que ele queime também os livros que escondeu, - ele responde que o que faz se interessar por livros é que há uma vida por trás deles.

A beleza da literatura não se resume ao objeto livro. Tampouco a estilística ou determinada forma de escrita. A beleza da literatura reside na sua capacidade de diálogo atemporal entre seres diversos, entre pessoas de diferentes culturas, pontos de vista,

pensamentos e desejos. Na sua possibilidade de gerar conhecimento e empatia, que são elementos fundamentais no combate a barbárie gerada pela ignorância humana. Por meio da leitura do poema, Brecht (que escreveu num período sombrio, um poema que provocava a juventude de seu país) venceu o espaço-tempo e enviou um recado para os jovens da periferia de São Paulo.

O poema- provocação gerou grande impacto no andamento do curso. Não tive mais problemas em relação ao comportamento do grupo. Ouvi deles que notaram que eu me “importava” com o aprendizado da turma e que tinham dificuldades em relação aos conteúdos abordados na escola. Foram dois anos de convivência e aprendizados. Como o objetivo central do curso era a escrita de projetos culturais, eles passaram a solicitar atividades que diminuíssem a defasagem na trajetória de formação escrita. Passamos a conviver com muitos poemas. Montamos uma pequena biblioteca na sala.

Tal acontecimento conquistou um espaço em minha memória e em minha prática como educador. Esforço-me, constantemente, em lembrar (sobretudo nas horas difíceis) os lugares que o poema provocou em mim e neles. Lembrar que o poema uniu. Conscientizou sobre os saberes que estavam sendo negados. Parodiando o poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu poema *A flor e a náusea* (1945), minha vontade era entoar:

“ Um poema substituiu uma bronca
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
(...) ilude a polícia, rompe o asfalto

Façam completo silêncio, paralise os negócios
garanto que a poesia nasceu
(...) seu nome não está nos livros

XIV. B. O poema-abraço

Recebi um convite de uma companheira de mestrado, do Instituto de Artes da UNESP, que leciona artes numa escola pública.

Quando comentei no grupo de pesquisas sobre minha dissertação em escritura poética e sobre a oficina que ministrava, ela me relatou a dificuldade dos alunos do nono ano em escrever o trabalho de conclusão de curso. Disse que eles tinham “*travado*” em determinado ponto e que muitas estratégias haviam sido testadas, sem muito êxito.

Aceitei o convite, cruzei a cidade (da periferia da zona leste para a periferia da zona sul) e fui ministrar a oficina de escritura poética na EMEF Marina Melander.

Os alunos de quatro turmas foram divididos em dois grupos e eu conduzi dois encontros, de cerca de duas horas cada, naquela manhã.

Ao chegar notei que primeiro grupo estava espalhado pela sala, em grupos menores. Pedi que fizessem uma roda e começamos o encontro.

A oficina é bem adaptável. Conduzo considerando o tempo disponível, a quantidade de pessoas e as intervenções que fazem (que pode alterar toda a proposta). Mas, em sua estrutura, o que abordo e a forma que conduzo, não diferem para um grupo de artistas educadores ou de educandos. Para um coletivo de dança ou teatro, aprendizes de equipamentos culturais ou uma turma de pós-graduação. Inclusive, as recorrências nos relatos sobre uma memória negativa em relação à escritura é um ponto comum, independente do grupo.

Tivemos uma manhã prazerosa, os dois grupos se mostraram disponíveis e produziram textos muito sensíveis e potentes. O disparador que eu havia dado era simples: Após mudarmos os lugares que estávamos na roda, pedi que observassem como o ponto que ocupavam no espaço, alterava a percepção. Depois pedi que escolhessem um ponto na sala e escrevessem do ponto de vista do local escolhido. Podia ser do ponto de vista da janela, do teto, do armário, desde que se esforçassem para especificar bem o ponto, no exercício de “*transver*” as coisas, que propõe Manoel de Barros.

Durante a oficina, procuro esclarecer que não há obrigatoriedade - nem em escrever, nem em ler o texto produzido. Reservo um espaço para compartilhamento dos textos por entender que este exercício é importante para o aprendizado da escritura que se dá também na escuta da palavra do outro.

Nos dois grupos, muitos leram. Quase estouramos o tempo, para poder ouvir a todos. Brinquei que estava vivendo o sonho do professor de português quando perguntei se alguém queria ler e quase todos levantaram a mão.

Lembro-me do primeiro jovem que leu o que havia escrito. Seu texto provocou grande impacto na turma. Falava sobre solidão, rejeição e resistência de uma maneira poética e profunda. Ao final da leitura, eu pedia que eles não revelassem o ponto escolhido e que os demais educandos tentassem adivinhar. A turma adivinhou que se tratava de um buraco na parede e ele confirmou, nos mostrando o furo ao lado do armário. A forma como relacionou o ponto escolhido com a condição humana foi muito potente. A professora depois me contou sobre sua luta contra a homofobia na escola. Luta que se dava de maneira combativa e poética.

Lembro com imenso carinho de textos que compararam o olho humano com a janela. Que refletiram sobre o que pensava a lousa sobre o conteúdo que os professores escreviam nela. Ou que pensava um pedacinho do chão tão pisado e ignorado. Fiquei encantado com aqueles jovens. Feliz pela escritura poética me possibilitar tantos encontros incríveis. Revi, na curiosidade de alguns, meus anseios e dúvidas no período escolar.

Logo na semana posterior a minha ida à escola, chegou-me a primeira carta.

Uma jovem que se reconheceu numa fala que tive sobre gostar de escrever, mas não da forma como a escritura era trabalhada na escola. A carta dizia ainda que por timidez ela não falou na oficina, mas queria expressar o quanto o encontro foi importante para ela.

“Quando falou os poemas, eu fiquei imaginando um de cada vez e quando o André foi falando que ele na escola não gostava de copiar, mas sim de expressar de uma maneira que ele sentia, eu me identifiquei bastante com ele, pois quando estou sozinha eu começo a pegar meu caderno e ir me soltando com ele”

Trecho da carta de uma educanda que participou da oficina

Posteriormente, recebi um fanzine de outro aluno. A professora brincava que eu o havia “descoberto”, pois ele modificou substancialmente seu comportamento na escola, depois da oficina. Mostrava-se mais interessado e propositivo. Durante a oficina, seu corpo agitado parecia fazer grande esforço para não sair correndo da sala. Percebi que

estava atento e interessado, apesar da movimentação constante. Até que, durante uma fala minha, ele fez um comentário. Como falou muito rápido eu entendi somente a palavra “*enquadramento*”. Naquele momento, eu estava falando sobre ponto de vista e notei que ele havia feito uma relação interessante. Pedi que repetisse para todos, com calma. Ele então explicou. Disse que o que eu estava falando sobre ponto de vista, fez com que ele se lembrasse de um exercício sobre enquadramento de imagem na aula de artes. Elogiei a relação que ele fez e utilizei sua fala como exemplo. Seu corpo continuou inquieto, mas um pouco mais eufórico. E alegre.

O fanzine que recebi dele me contava o que a linguagem corporal inquieta tinha tentado me falar. Ele descrevia suas dores, suas perdas e seus monstros, mas com muito humor, o que apontava uma organização emocional e uma coragem de encarar os próprios bichos.

Recebi ainda um caderno poético, organizado pelos próprios educandos. Pediram que eu lesse a introdução e mais alguns textos. Inclusive um texto do jovem que escreveu sobre o furo na parede. O novo texto falava sobre máscaras sociais.

Assim, duas linhas foram tecendo minha relação com os educandos, pelas mãos da professora de artes.

A primeira era conhecer o histórico deles. Ouvir que eram considerados as piores turmas da escola e que alguns professores haviam desistido de lecionar na escola, por conta deles. Ouvir que alguns professores defendiam uma espécie de currículo mínimo, reduzindo conteúdos por acreditar que as turmas não aprenderiam. Não me cabe sentenciar os professores. Minha experiência se deu de forma distinta e, diferentemente do contato que tive com outras turmas, minha atuação na escola se deu em apenas algumas horas. Mas, me permito pensar que talvez por eu não ter um conceito prévio sobre as turmas, eu não reduzi o que havia preparado, não subestimei a capacidade deles, tampouco tive problemas com o engajamento na oficina. Sem contar que a mediação da professora, atenta e preocupada com o desenvolvimento de cada um deles, permitiu um espaço para que uma experiência poética significativa acontecesse. Meu olhar não estava acostumado, talvez por isso, pude perceber outras manifestações deles.

A outra linha foi sendo tecida pela produção de textos e pela leitura prazerosa que eu tinha a cada semana. Até que os alunos pediram à professora para ler algo que eu havia escrito. Decidi não enviar-lhes um poema escrito em outro contexto e me propus a escrever algo especialmente endereçado a eles.

Queria que meu escrito ecoasse a potência do encontro que tivemos na escola. Lembrei-me, ao escrever, de um instante sintomático do encontro. Quase ao término do horário com o segundo grupo, quando estávamos no momento de compartilhamento e leitura, acabou a luz da escola. A sala ficou escura, mas como era manhã, a luz solar adentrava um pouco a sala, permitindo que nos víssemos. No momento que acabou a luz, alguns esboçaram um grito. Outros permaneceram em silêncio. Eu perguntei somente se podíamos continuar, se todos ainda queriam prosseguir para que fosse possível ouvir os textos das pessoas que desejavam ler. Eles responderam que sim e prosseguimos. Brinquei que a luz vinda da janela deixava o encontro ainda mais poético. Pouco tempo depois, a professora de artes entrou na sala, ofegante. Estava preocupada com o andamento da oficina, quando notou o apagão. Não imaginava que veria aquela inusitada cena:

Jovens lendo e ouvindo poemas, numa luz lusco-fusco. Contou-nos que aquela era uma cena inédita e histórica.

Retomei em mim a gostosa sensação daquela manhã e escrevi um poema para eles. O poema-abraço é tudo o que desejo quando me recordo daquela manhã. Ele nomeia o poema e a experiência.

Poema abraço

A poesia é uma menina
Que dança uma música que só ela ouve

A poesia é um menino
Brincando de esconde-esconde com o tempo

É um verso apagado

Uma carta nunca entregue
Uma fala silenciada

A poesia também é um direito
Direito de continuar estranhando o mundo
De pintar o céu de vermelho
De preferir as borboletas aos carros
De jogar bola com o sol quando ele se põe

A vocês, jovens estudantes, quero desejar
A alegria de uma leitura não obrigada
A rebeldia de um poema não solicitado
A capacidade de duvidar das certezas
E do ódio que sai da TV e senta no sofá

Que o brilho que vi em vossos olhos
Invada a cidade e ilumine corações embrutecidos
Que a capacidade de respeitar o outro
Seja vosso ensino fundamental
E que vocês se formem na escola aberta da vida

Precisamos que homens e mulheres renovem a esperança
Refaçam a morada do planeta para que nela caiba todos os seres
Que a poesia nos una, que as palavras nos aproximem
Que estes versos encontrem vocês dispostos
Recebam este poema como quem recebe um abraço

André do Amaral (2016)

O presente capítulo não se pretende fórmula.
Ao educador e educadora atentos, a sugestão é que reflitam sobre as raízes históricas do descompromisso dos educandos, antes de adjetivá-los como seres “*naturalmente desinteressados*”.

Os múltiplos comportamentos, manifestos num grupo, são também construções sociais. O gosto é amplamente construção cultural e deve ser sim questionado e não sentenciado como um valor absoluto. É impossível alguém gostar de um livro que nunca leu.

Se o processo artístico-pedagógico se dá em equipamentos da periferia, há de se ter atenção redobrada para não reproduzir visões estereotipadas que são cotidianamente reforçadas pelas narrativas midiáticas, o que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie denomina como “*o perigo da história única*”.

Ao ser influenciado por esta violenta programação, o educador pode limitar o conteúdo a ser abordado com determinado grupo. Ou enunciar algo como: “*Se eles aprenderem a sentarem e ficarem sem gritar, já está ótimo*”.

Não, não está!

Antes de serem vistos como “*problemas*”, os educandos passaram por problemas. Não compete ao educador determinar, previamente, o lugar que os educandos ocuparão no mundo. Tampouco subestimar a capacidade de cada um.

Em resumo, o capítulo pode ser sintetizado num enunciado: Quando um poema substitui uma bronca, a poesia aponta um novo caminho para a construção da relação entre sujeitos, por considerar a forma, a estrutura do que está sendo dito e não somente seu conteúdo. Ao solicitar um poema escrito por quem está falando de poesia, os alunos apontam um interesse real pelo sujeito que está defendendo a poesia, numa relação humanizada, viva, que aponta um recado: Existe sim lugar para a literatura na escola, desde que ela seja mediada sem desconsiderar os sujeitos leitores. Sem que haja preocupação em impor uma narrativa hegemônica.

Que esta pesquisa contribua para um ensino que se dê partindo da premissa que as pessoas envolvidas no contexto educacional são portadoras de potências que necessitam ser ampliadas, não por narrativas impostas, e sim, por formas plurais de se ler e escrever a própria narrativa. Para isso, é imprescindível se inteirar da importância de sua versão para a história, de seu ponto de vista para a construção do tecido da memória social.

Que os espaços educacionais mantenham a poesia. Que poemas sejam consultados da mesma maneira que os moradores de uma tribo consultam o mais velho, antes de tomarem uma decisão.

Que o poema seja provocação.

Seja abraço.

E que possamos devolver a potência poética aos nossos encontros.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Palestra proferida no TED Global (2009)

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro, Editora Record, 52ª edição, 2003

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro. Biblioteca Azul, 2012

BRECHT, Bertolt. **Poemas (1913-1956)**. São Paulo, Editora 34, 2000

XIII. Quando o poeta-pesquisador anseia por uma literatura que não seja chique

Não dou mais valor às coisas fúteis da vida
Acho que estou aprendendo a viver
O sofrimento educou minha mente
E mesmo assim não consigo entender
MC Felipe Boladão

Compartilho com você, neste capítulo, dúvidas e anseios em fragmentos.

Fui contratado como artista orientador de literatura pelo Programa Vocacional e o primeiro movimento foi me questionar acerca do que isso significava.

O termo *literatura* é genérico e possui um imaginário, oriundo da escolarização, como algo enfadonho. A primeira estratégia foi oferecer oficinas de escrita poética para abranger diversos interesses.

No CEU Heliópolis, localizado num complexo educativo e cultural, após ampla divulgação, articulei parceria com a ETEC ministrando oficina para os alunos que cumpriam horários com o professor de literatura, aos sábados de manhã (horário da orientação). Após duas oficinas, consegui um número de jovens interessados e iniciei um trabalho focado na escrita poética.

Realizei uma orientação plural que ia desde um jovem que compunha letras de funk a uma mulher que queria publicar um livro sobre suas memórias.

Um sábado de 2016. CEU Heliópolis. Quase nove da manhã.

Entro no local onde irei conduzir o encontro.

Antes de ir à biblioteca carrego minha caneca até à copa, ao lado da administração, em busca de café. A segurança do equipamento é realizada por uma empresa terceirizada.

Uma mulher, que trabalha nesta função, já havia me visto outro dia, me vê com a caneca e me pergunta:

- É você que dá aula de rugby?
- Não, eu sou do Vocacional. Dos encontros de literatura.
- Ah, literatura. Que chique!

Sorrio e caminho até a biblioteca para me encontrar com um simpático e sonolento grupo de adolescentes. O timbre da frase dela ainda ressoa em mim. E não, não se trata de analisar de forma individualizada a fala. Interessa mais pra mim que, além de espontaneidade e humor, ela carrega outra marca. A marca elitizada do termo *literatura*.

Analise o contexto:

Um artista educador criado em periferia, atuando na periferia.

Alguém que foi estudante de escola pública se encontrando com jovens que estudam em escola pública e um encontro de literatura é mais estranho que o de rugby (que eu nem sei como se joga).

O rapaz da Gleba do Pêssego está em Heliópolis, mas ao ser mediado pelo termo *literatura* sua proposta se torna chique, distante.

Outro sábado de 2016. CEU Heliópolis. Quase dez da manhã.

Cada participante do grupo realiza uma breve apresentação.

Relatam alguns pontos da relação deles com a literatura e a escrita:

- *Minha mãe que me matriculou. ela falou que eu preciso aprender a ler literatura e parar de ler as besteiras que eu leio.*

Outro sábado de 2016. CEU Heliópolis. Dez ou onze da manhã.

Aprendo sobre aplicativos de escrita e redes sociais de compartilhamento de textos.
Eles me ensinam sobre outras plataformas, leituras e escrituras.
Como passei tanto tempo sem saber o que era *fanfic*?
Eles produzem textos lindos.
É muito bom estar com eles sem que as leituras e as escrituras estejam previamente estipuladas.

Outro sábado de 2016. CEU Heliópolis. Algo entre nove e meio-dia.

O jovem (o único que nunca faltou) me mostra músicas que gosta e me fala que a maioria dos MC's de funk que ele curte já morreram. Todos jovens, de forma trágica. Excetuando o MC Zoio de Gato que morreu num acidente de carro, os outros foram assassinados. Lista de MC's:

Careca

Primo

Duda do Marapé

Zoio de Gato

Felipe Boladão

Daleste

São essas profanas escrituras, nada chiques, embaladas pelo ritmo do funk, que ornavam seus dias, que diziam de seu mundo, que dialogavam com sua sensibilidade.

São essas poéticas que o motivaram a se expressar.

São esses os poetas que rasgam em seus versos palavras que lhe comunicam.

Em nenhum texto de crítica literária eles seriam considerados literatura.

É a partir deles que inicio um contato com o jovem.

Descubro que gosto de algumas músicas.

Ele também gosta de algumas que eu apresento.

Trocamos referências.

Ele compõe algumas músicas e me mostra suas letras.

Fico sabendo de um estúdio musical no CEU e reservo um horário para gravarmos algumas de suas canções, uma delas inclusive, proposição minha, misturando a batida de funk e alguns versos de Patativa do Assaré.

Eu arrisco uma percussão.

Nos divertimos.

A música fica bacana.

Instituto de Artes - UNESP, algum dia de 2018 (tentando terminar a dissertação)

São muitas indagações, digressões, e o sistema é imenso.

Nos quer culpados e sedados.

Daí vem minha tentativa de superar a letargia e a apatia que o atual momento nos tem causado.

Acredito que devemos batalhar pelo terreno da imaginação, pois até esta terra foi colonizada, controlada e manipulada.

Num mundo que consome imagens e narrativas num ritmo frenético, a literatura é um espaço de resistência de imaginários.

Por isso acredito tanta na literatura que abandonou os salões com lustres e passou a morar numa vila ecológica, no morro, no sertão, na perifa.

Distante das regras de etiqueta autoritárias e arbitrárias.

Os contos do Irmãos Grimm, de Andersen, as fábulas de Esopo e as estórias que minha mãe lia pra mim e para os meus irmãos me fizeram voar com narrativas que me transportavam para além da vida que me cabia viver.

Anseio por uma literatura que seja tudo, menos chique.

Chique é um adjetivo que marca um conceito elitista que perdura em nossa sociedade estruturada na criminalização da pobreza. E se os pobres não escreverem suas próprias narrativas sempre serão culpabilizados.

XIV. Estudos pra nascer palavra

Há que apenas saber errar bem o seu idioma

Manoel de Barros

Roteiro/base - Estudos pra nascer palavra

Conversa sobre a necessidade de desconstrução da memória negativa em relação à escrita.

Qual a última vez que você escreveu algo sem ser informativo ou avaliativo?

Você se lembra a última vez que escreveu algo somente para se expressar, sem expectativa de uma leitura posterior?

O "erro" da visão normativa, o desvio da norma padrão, da gramática, interessam para a poesia.

1.Primeiro enunciado poético: A palavra como experiência.

Leitura de um trecho do poema: "Cante lá que eu canto cá" - Patativa do Assaré

Prática escrita: Autobiografia sensorial.

Se eu fosse: Uma cor. Um som. Um cheiro. Um lugar.

(Leitura coletiva)

2. Segundo enunciado poético: A máquina de fotografar instantes

Leitura do poema: "O fotógrafo" de Manoel de Barros.

Prática escrita: Fotografar insignificâncias.

Revelação das fotos no caderno-álbum.

(Leitura coletiva)

Conversa final.

“*Estudos pra nascer palavra*” é o enunciado que dei para designar um conjunto de práticas de escritura poética. Pretendo contribuir com outras práticas e saberes ao relatar o percurso que desenvolvi e continuo desenvolvendo, ciente de que não há receita ou fórmula a ser aplicada e sim, elaboração e constante abertura e atenção aos processos.

Utilizo os conceitos esboçados no capítulo *fundamentos da escritura poética*.

A escritura poética me propiciou grandes encontros na vida.

Além dos espaços onde possuía vínculo empregatício e atuava junto aos jovens, ministrei encontros de formação de educadores e educadoras, formação com coletivos artísticos e vivências em parceria com grupos de teatro e dança.

Iniciei, em 2007, a graduação em Letras na FFLCH-USP e tomei contato com diversas linhas teóricas que foram sendo atravessadas pelo meu cotidiano de morador e educador dos outros cantos da mesma cidade não universitária.

Os estudos pra nascer palavra nasceram do incontornável confronto oriundo de minha convivência semanal com os estudos linguísticos acadêmicos e as profanas escrituras periféricas.

Realizei um amálgama dessas múltiplas contribuições visando a expansão do acesso ao conhecimento nos locais onde atuava. Visando a deselitização dos estudos de escritura poética e a consciência do ato de escrever como ação que não segmenta corpo/mente.

Tal estudo surgiu de uma necessidade.

Ao ser convidado a lecionar num novo curso da Casa de Cultura e Cidadania, o FICCultura, elaborei um plano de aulas para que, ao final do curso, os jovens fossem capazes de escrever projetos culturais de captação de recursos - objetivo central do curso. A iniciativa era interessante, mas como grande parte das investidas privadas na cultura, era distante do contexto daqueles jovens. O plano de aulas foi elaborado em diálogo com os jovens que, inicialmente, não estavam inteirados do processo. O curso que estava sendo pensado *para*, passou a ser *com* os jovens e isso alterou toda a relação.

Um dos eixos semanais denominei “*práticas de leitura e escrita*” e nesses encontros havia espaço para experimentação e criação com a palavra.

Eles não só escreveram os projetos culturais previstos e captaram os recursos para suas iniciativas, como desenvolveram outra relação com esses saberes.

Tal experiência me mostrou a urgência de criação de outro pensamento com a palavra.

Qual a última vez que você escreveu algo que não fosse informativo ou avaliativo?

Você se lembra a última vez que escreveu algo somente para se expressar, sem expectativa de uma leitura posterior?

Recorrentemente faço estas perguntas nas oficinas.

O objetivo é trazer um ponto de atenção sobre os usos que fazemos da escritura e como elas demonstram uma relação construída com este saber durante o período de escolarização. Recorrentemente também ouço a expressão: “*eu não sei escrever*” e a comparo a outro enunciado: “*eu não sei desenhar*”. Ambas as afirmações de pessoas que foram escolarizadas só é possível a partir de uma expectativa em relação a produção gerada no ato de escrever e desenhar.

Na oficina, ao pensarmos juntos o que é a escrita chegamos a memória que carregamos em relação a este saber. Esta memória, geralmente, é negativa, carregada de traços que associam o ato físico da escrita a uma sensação de desconforto, de stress, como quem faz uma prova na qual não se sente preparado. Assim condiciona-se a mente a relacionar a escrita a um incômodo.

Outra memória comum está relacionada a ênfase no registro. Escreve-se algo quando necessita-se lembrar de alguma informação ou dado. Acontece que a prática, a aproximação ou afastamento de determinado conhecimento com uma mente que opera por padrões, determina um saber que será descartado por não ter se tornado um hábito. Desse modo podemos falar em aquisição do hábito da escritura como falamos de aquisição do hábito de leitura.

Ao fazer uso da escrita somente em suas funções utilitaristas, de avaliação e registro, tende-se a considerá-la como um saber que não diz respeito à capacidade expressiva, reduzindo sua potencialidade e relegando tal intento a um grupo seleto de escritores e escritoras, vistos como seres excepcionais. Obviamente, não se trata de defender que todos seremos escritores ao praticar a escritura poética e sim perceber que a memória

escolar gasta e acostuma as palavras e que é necessário desconstruir esta memória para criar outra relação com este saber basal da construção do conhecimento humano.

O que considero importante abordar é a noção de erro. Na gramática ela serve como parâmetro avaliativo, porque nisto reside a função da gramática, padronizar os usos e determinar a forma correta de utilização da norma culta da língua.

Essa definição não serve para o fazer poético. Errar na língua é uma ação da escritura poética. Se abordamos somente a gramática e suas noções não iremos promover experiência estética com a palavra. Não se trata de demonização da gramática, nem hipervalorização da escritura poética, o que se torna imperioso é a diferenciação que promova a complementaridade, não o apagamento.

Sentado em roda com um grupo de jovens estudantes, com um coletivo artístico, com educadores, com doutorandos, com perfis distintos em diferentes espaços, o caminho proposto é tremendamente parecido (as experiências me validaram a hipótese de que é necessário apenas ser alfabetizado para se inserir plenamente nos exercícios, sem que haja distinções díspares nas produções escritas dos grupos).

Os relatos das dificuldades e a potência dos textos também unem a pluralidade.

Ao notar os múltiplos relatos fui percebendo que o foco da oficina era mais esvaziar que preencher. Mais respiração e percepção de si e do outro do que técnicas para a escrita. Percepção que o corpo que escreve, também dança.

A parte expositiva de apresentação da proposta serve como um aquecimento. Percebo o grupo durante minha fala e também ouço os apontamentos gerados a partir de questões que vou mediando.

Minha explanação é pensada no que defendo nesta pesquisa: a produção de textos é uma ação humana que realizamos mentalmente de forma ininterrupta, precisamos conscientizar a existência deste processo cognitivo e escolher um ponto de atenção, um cisco que nos perturba ou encanta, para que movidos por esta inquietação possamos elaborar uma escritura que nasce desse estado atento e não de um esforço mental por buscar dispendiosamente palavras que já se excedem em nosso dicionário mental.

Alguns que começaram o encontro relatando traumas com a escrita, passam a querer um tempo maior para escrever. Isso se dá porque a escrita foi gerada por um disparador que

causou percepção, não obrigação. Que despertou curiosidade sem cobrar registro. Sem exigir que a escrita fosse mobilizada de forma pragmática.

Um aspecto de extrema importância é o que nomeio de materialidade não-dispersiva.

Um fazer crucial em tempos de multitelas é organizar a utilização de materiais que não criem links com outros afazeres. Existem inúmeras possibilidades de utilização de smartphones e outros aparelhos na escrita, uma escritura criativa que reproduz a mensagem instantânea por exemplo, mas no caso específico dos encontros que ministro, utilizo materiais não dispersivos.

Levo um caderninho (folhas grampeadas) para cada participante. A ideia é criar uma relação com um objeto nascido no encontro, sem marcas do cotidiano. Além dos caderninhos o material que carrego comigo são os livros que contêm os poemas disparadores para os enunciados poéticos e um caderno presenteado por uma amiga onde só escrevo a lápis. Se o que se pretende é a reconstrução com o saber da escrita, evita-se desse modo, objetos como o caderno que a pessoa já carrega e que pode fazê-la lembrar, ainda que inconscientemente, um modo de operar que a paralisa.

Não há motivo para proibição dos famigerados celulares, mas o que é necessário é um acordo de que a experiência será integralmente vivenciada se houver disponibilidade para não reproduzir padrões que já cristalizamos.

Considero importante o estado de atenção criado na leitura de um poema do livro não numa tela cuja a projeção se torna maior que o corpo das pessoas, motivo que me faz evitar o *power point*.

Os enunciados poéticos trabalhados são, em sua maioria, realizações das propostas poéticas, da *didática da invenção* de Manoel de Barros.

Também são utilizados outros poetas, mas o mestre de obras obras é o Manoel. Sua obra completa brinco que é minha bíblia. É uma versão de capa branca e dura. Está bem suja pelos muitos cantos que já visitou. As folhas estão amareladas contando também da ação do tempo nos poemas.

No roteiro/base que abre o capítulo há duas práticas: a *autobiografia sensorial* e *fotografar insignificâncias*. São disparados pelos poemas *Cante lá, que eu canto cá* (1978) de Patativa do Assaré e *O fotógrafo* (2000) de Manoel de Barros.

A prática da autobiografia sensorial é utilizada para gerar o efeito do *transver* (olhar da imaginação que o poeta requisita ao mundo), olhar que estranha a si mesmo enquanto expande a maneira de se perceber. Para além de um nome, os participantes passam a ser a cor azul ou laranja, o som da chuva, do mar, o cheiro do café feito na hora.

Ao ouvir as escolhas sinestésicas as pessoas se conectam pelas similitudes e dessemelhanças, se humanizam de forma inusitada, são atravessados por um sentimento de empatia.

Outro exercício de auto-estranhamento biográfico interessante é enunciado pela leitura do poema *Auto-retrato falado* (1993).

Eis um trecho:

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco
Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão,
pessoas humildes, aves, árvores e rios.
(...)
Me procurei a vida inteira e não
me achei - pelo
que fui salvo.

**BARROS, Manoel. *Auto-retrato falado* in
Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010**

O poema é o próprio enunciado que provoca os participantes a pensarem num autorretrato sem recorrer às referências identitárias gastas.

Utilizo, recorrentemente, exemplos de nomeações infantis que privilegiam a formação da imagem na composição semântica. Há um livro que demonstra diversas dessas definições, recolhidas pelo professor Javier Naranjo: *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças* (2013).

Falo também sobre como a relação estabelecida com a língua pela criança ainda não se cristalizou, por isso essa plasticidade cria imagens poéticas, sem o peso de uma razão que pode ser castradora.

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa
era a imagem de um vidro mole que fazia uma
volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta
que o rio faz por trás de sua casa se chama
enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem

**BARROS, Manoel. *Uma didática da invenção in
Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010***

São muitos os enunciados poéticos de Manoel de Barros. A criação de desobjetos ou de desenhos verbais como *sapo é um pedaço de chão que pula*. A leitura e criação de textos a partir de seus poemas geram diversas relações e proposições. A partir do poema *O fotógrafo* criei o exercício de fotografar o ínfimo utilizando o furo do papel.

O que pode nossa imaginação ao se deparar com trechos de imagens emolduradas num jogo que quando nos tornamos adultos abandonamos?

Deixamos de perceber a magia do desvelar do outro, do espaço.

O outro que some, a imagem que escurece.

As insignificâncias, a dor de uma folha caída, o esforço de um graveto que segura uma pedra, a saudade do vento, o não-perceptível, factível, torna-se exprimível na linguagem. A poesia quer ser silêncio. A escrita quer ser voz. Nascidas da impossibilidade, quando se esgotam as palavras explicativas, quando a vida toca o sem sentido é só por meio da palavra poética que algo sutil se reconstitui como o canto de uma benzedeira que impede que uma ferida continue sua trilha pelo corpo. O verso estanca o jorro que nos faria esmorecer.

Não por acaso nas cosmogonias no princípio era o verbo e o verbo se fez carne.

Na escritura poética a carne se entende verbo.

A transformação que facilitará o nascimento de palavras não virá de um projeto que apresse a alfabetização, nem que pressione os jovens na redação do vestibular. A transformação passa pela formação de uma roda onde gente escuta gente de forma íntegra, atenta.

Eis a busca dos estudos.

Em roda, durante algumas horas, podemos viver uma temporalidade que se opõe ao tempo cronológico.

Em roda, durante algumas horas, escutamos poesia e pensamos a existência.

O tempo se dilata e parece querer se espreguiçar.

Um silêncio se instaura enquanto os corpos escrevem.

As feições são tranquilas.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro, Editora Record, 52ª edição, 2003

ASSARÉ. Patativa. **Cante lá que eu canto cá – Filosofia de um trovador nordestino**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 7ª edição, 1989

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

NARANJO, Javier. Javier. **Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças**. Editora Foz. São Paulo, 2016

XV. Quando o poeta-pesquisador se lembra dos jovens de hoje

Em 2015 eu trabalhava na Programa Fábricas de Cultura e após uma experiência de homenagem à equipe de orientadores e educadores realizada pelos aprendizes, eu escrevi um texto. Lembrei-me deste texto durante a feitura da pesquisa e compartilho abaixo com você por entender que ele carrega uma tentativa de marcar a potência que emerge dessa juventude:

*

Trabalhar com arte e educação é acreditar que a poesia é capaz de curar. Num mundo cada vez mais enfermo, onde pessoas tomam doses cavalares de ódio diário (entregues em domicílio), recitar um verso, dançar ou cantar olhando para os olhos de alguém, é uma medida preventiva revolucionária.

Sinto-me privilegiado por vivenciar momentos lindos e intensos que envolvem meu fazer profissional, constantemente.

Jovens que são estigmatizados e taxados pela pele, pela roupa, pelo bairro que moram, me ensinam sobre convivência em grupo, respeito à diversidade e sobre uma arte que vaza dos poros em corpos inteiros e entregues que renovam a lista de “razões para ainda acreditar na humanidade.”

Para além do privilégio de conviver com tais acontecimentos em meu fazer, carrego um compromisso de comunicar a potência dessa juventude, seus olhares pro mundo, suas expressões e sua poesia num país que lhe fecham oportunidades e escolas.

Minha vontade é de que as pessoas que decidem medidas que irão afetar a vida desses jovens, estivessem em uma grande roda conosco, minutos antes da liberação da entrada da plateia para o espetáculo, recitando:

- *Eu uno sua mão na minha, eu uno meu coração ao seu, para que juntos possamos fazer aquilo que eu não quero e que eu não posso fazer sozinho*

Seguido de um sonoro:

- *Merdaaaa!!!!* – pra dar sorte.

Vontade que ouvissem suas vozes dizendo que estão transformados, que são gratos, que ali naquele espaço do ensaio puderam, finalmente, serem quem são – sem medo de serem reprovados.

Vontade de que os homens e as mulheres que legislam a distância estivessem conosco sentados ao centro numa sala multiuso, quando os artistas-aprendizes agradeceram o processo, o aprendizado e lecionaram generosidade e poesia- enquanto caíam folhas secas em nós, ouvíamos:

– *Nós enxergamos vocês além do uniforme!*

Pronto.

Estava desfeita a fronteira entre quem ensina e quem aprende.

Vontade que antes de assinar o fechamento de escolas, aprovar a redução da maioria penal ou decidir o método de ensino mais adequado para milhões de crianças e jovens, estas pessoas saíssem de suas cadeiras acolchoadas e encontrassem as pessoas que serão auxiliadas ou prejudicadas a cada canetada, a cada disputa autocentrada entre partidos, a cada ataque aos opositores.

Que antes de falar sobre os “*jovens de hoje*”, eles se lembrem de que os tais jovens possuem suas próprias vozes, ideias, expressões e leituras de mundo.

O movimento de ocupação das escolas mostrou a força dessa juventude.

E você, que recebe constantemente notícias que nomeiam os jovens de vândalos como se todos fossem descomprometidos e perigosos, proponha-se a um exercício: Busque formar seu olhar para além da televisão, encontre com os jovens, converse com eles, não forme uma opinião sem conhecê-los, sem olhá-los, sem perceber que eles possuem anseios e sonhos muito parecidos com os que você ainda mantém ou deixou morrer.

Os tais “jovens de hoje” são seres humanos que recebem toda a carga da loucura de nossa sociedade doentia e que, apesar disso, estão conseguindo construir um mundo melhor.

Para mim, nem tão jovem mais, é uma honra caminhar com eles!

*

A lembrança deste texto me tomou e as memórias dos processos artísticos vivenciados me habitaram. Assim como eu tomei a palavra para marcar esta pesquisa, me reencontro com minha história ao encontrar a juventude periférica da cidade de São Paulo. Encontro pessoas e não temas. Encontro a palavra extraída das experiências, das gírias que surgem para expressar olhares não contemplados no ensino formal, da inventividade de subjetividades atravessadas por velozes estímulos digitais que se chocam com a proposta estática e monocórdica do ensino médio das escolas públicas brasileiras.

Ao se deparar com as transformações no processo de ensino-aprendizagem, é comum o discurso de culpabilização da juventude, no raso argumento de que *eles não gostam de escrever* ou *escrevem tudo errado, graças a internet*. Sustentar, num processo com a juventude, a dúvida, nos mantém atentos às mudanças sociais e relacionais impulsionadas pela revolução tecnológica, que deslocou o lugar estanque ocupado por *quem sabe*. Afinal, para responder uma questão fechada, decorada, descontextualizada, já existe o Google.

O fato dos jovens participantes de projetos que manifestam engajamento em atividades escritas nos espaços de ensino não-formal, em interações nas redes sociais e em blogs serem os mesmos que manifestam desinteresse pelos trabalhos com a escrita nas escolas sinaliza a ineficiência em escutar ativamente as mudanças que essas vozes estão clamando.

Qual é o lugar da palavra para a juventude contemporânea?

Antes de responder tal questão, precisamos analisá-la sem parâmetros fixados previamente.

Atualmente, no Brasil, para além da delimitação etária, a depender do local social onde se habita, a experiência juvenil se altera bruscamente.

Uma jovem negra, moradora da periferia, estabelece uma relação muito distinta com a cidade se comparada a um jovem branco morador de um bairro nobre da capital.

Há fronteiras simbólicas espalhadas pela cidade, delimitando qual espaço está destinado a cada perfil juvenil.

Talvez um consenso na diversidade de experiências juvenis seja que a maneira como está a palavra está sendo tratada no ensino formal é mais um elemento na série: O que eu faço com isso?

Este capítulo que finaliza a pesquisa aponta para um novo momento.

Para um tempo de escuta ativa das vozes que bradam que as fórmulas gastas já não lhe cabem.

Jovens taxados e subestimados.

Constantemente silenciados.

A palavra da juventude já sinaliza outros rumos para o ensino. Ao ocupar as escolas demonstraram extrema apropriação, zelo com o espaço, capacidade de organização de aulas e debates. Para mim que estive junto a alguns deles, compreendi que o movimento secundarista sinalizou não só a ineficiência do atual modelo como propôs uma forma de fazer diferente e ampliar o conceito de gestão democrática.

Os aprendizes das Fábricas de Cultura da zona leste, durante os seis anos que atuei como orientador de dramaturgia, me apontaram outra maneira de aprender e de construir processos criativos de forma colaborativa.

Existem muitos trabalhos interessantes em escrita criativa, criação literária, diário de bordo de processos artísticos e dramaturgia colaborativa que apontam pistas importantes para a reformulação do pensamento sobre o ensino. Em muitos territórios onde me encontrei com a juventude sai reafirmando minha crença na força dos encontros.

À comunidade de Vila Guacuri e Heliópolis na zona sul.

Às comunidades de Cidade Tiradentes, Vila Curuçá, Sapopemba, Itaim Paulista e Belém na zona leste.

Aos muitos bairros que passei, ouvi e aprendi com a juventude.

Salve o movimento secundarista, os coletivos artísticos, os saraus, os slams, o movimento hip-hop.

Aos “jovens de hoje”, meu respeito e gratidão por estarem por perto e lutarem por um país mais solidário. Lembro-me deles neste último capítulo desejando um tempo que os permita viver e manifestar poeticamente suas potencialidades.

Epílogo - linhas finais

Na semana de finalização da dissertação, li uma matéria sobre graves problemas emocionais desenvolvidos por pessoas que estão cursando o doutorado.

A tarefa de produzir conhecimento não deveria ser um fardo.

Muito menos motivo de padecimento mental e desgaste.

Tais dados deflagram um sistema doente.

Um mundo melhor passa, inevitavelmente, pela pesquisa científica, mas isso não pode justificar o prejuízo à saúde de quem pesquisa como se adoecer fosse um mal necessário da trilha acadêmica. Não deveria ser.

Se a escritura poética humaniza, a pesquisa acadêmica precisa ser mais poética para ser mais humana.

Ter lido sobre esta pesquisa, na reta final, foi sintomático.

Durante um processo que foi conduzido com leveza, no finalzinho, senti a pressão em fechar, aparar todas as arestas, formatar, revisar, dar conta das demandas acadêmicas enquanto a vida continua sendo a vida com seus momentos irrepetíveis.

Eu que preenchi umas boas linhas defendendo a escritura poética, que conduzo encontros de criação com a palavra, quando ela se torna obrigatória, quando ela precisa ser provada, legitimada, qualificada, consigo manter a poesia?

Fazê-la ser corpo, ser íntegra?

Consigo seguir meus próprios apontamentos?

Ou em casa de ferreiro...

Pode a leveza do poeta driblar a ansiedade do pesquisador?

O que fazer quando termina?

Sentir-se um gênio?

Sentir-se uma farsa?

Sentir-se humano.

O que escrever antes de terminar.

Opto por celebrar o fim e expor o processo. Em sua ansiedade e incerteza. Em sua beleza e fragilidade. Em sua potência e ingenuidade. Assim, desarmado.

Quando olhei o que já realizava, notei o que fazia e ao que me dedicava, percebi uma pesquisa. Ela já existia e continuará existindo e não, não havia motivo para que ela fosse escrita de forma impessoal. Se uma professora me deu um nome artístico, nesta pesquisa, me dei um epíteto: poeta-pesquisador.

Percebi que o poeta-pesquisador não iniciou a pesquisa no momento que iniciou a escrita desta dissertação, nem irá finalizá-la quando defendê-la.

Percebi que sua proposição é contínua que não se encerra num resultado, e sim altera a forma de percepção da realidade, em sua camada ficcional e sua disputa constante de narrativas, a gramática do poder e a possibilidades das profanas escrituras.

Talvez, de forma legítima, alguém se indague o que leva um pesquisador eleger como objeto de estudos a escritura poética, num tempo tão fraturado por outras temáticas.

Em outras palavras: o que pode a poesia em tempos de cólera?

O século XXI em que desponta uma revolução da diversidade cultural, também padece de uma espécie de contrarreforma fascista.

A linha teórica denominada “*pós-estruturalista*”, apesar do reconhecimento de suas importantes contribuições, é acusada por alguns teóricos de fuga conceitual. Ao se deparar com o difuso e sombrio tempo histórico presente, aborda-se a linguagem.

Seria ela, obsessão acadêmica, o tema sobreposto a qualquer outro.

Ela é o pântano, não o monstro.

Trago a mim e ao meu tempo histórico, esta indagação.

Sim elegi adentrar o pântano, mas para encontrar o monstro em seu habitat.

Notar seu rugido, perceber suas pegadas, seus hábitos.

Ao reler a pesquisa, me parece ter encarado seu olhar e ferocidade.

Seu modo de operar e se mover.

Não saio com medo.

Nem com desejo de aniquilá-lo.

Saio atento para que a areia movediça hegemônica não me afunde.

Para que a gramática do poder não me paralise.

Saio fadado a prosseguir defendendo a poesia em tempos embrutecidos.

Sem segregar os aspectos artísticos/estéticos dos pedagógicos/educativos, da estrutura da pesquisa emerge sua proposição:

Educar poeticamente é potencializar o pensamento.

É radicalizar o conceito de autonomia, promover empatia, construir uma sociedade compassiva.

Desejo que este manifesto contribua para processos artísticos e educacionais que não segreguem nossas múltiplas inteligências, não desconsiderem a corporeidade, os aspectos neurológicos e emocionais e que construam o estado de atenção ao agora, instante do corpo poético, morada de nossas potências.

Carta a você que me lê

Instituto de Artes - UNESP- São Paulo, 2018

Um poema, afinal

Quando as palavras tocam
a tessitura do silêncio
capta-se um instante

Ao querer compartilhá-lo
busca-se novamente o verbo
significativo e belo

É ele que manifesto,
você pensa

Ele não está mais lá,
mas ainda resta uma presença

André do Amaral (2018)

Lanço esta pesquisa-manifesto.

Nela vão minhas potências e fragilidades.

A empolgação do começo e o cansaço ao fim.

Nela vão respiros e resistências.

Aguardo o encontro com leituras que lhe darão motivos de existir, feito os minutos anteriores à entrada da plateia no teatro.

Que esta pesquisa semente seja acolhida em terras férteis.

Talvez perceba nela contribuições ao seu pensar e ao seu fazer.

Talvez, feito um espectador insatisfeito, lhe pareça sem cabimento.

Em parte, estranhamente, concordamos.

Nela não cabem as referências para além das bibliográficas, as sensações, pensamentos, vozes e corpos que encontrei e evoquei para que ela fosse possível.

Contudo, eis a obra!

Não se engane com sua aparente grandiloquência.

Esta pesquisa é pequenina.

Feito uma parteira da zona rural de algum município do Brasil, ela só quer, com sua presença, facilitar nascimentos.

Tecida entre os anos de 2016 e 2018 com linhas que agasalham uma existência (ela não quer que você pegue friagem).

Num exercício de dupla metalinguagem, escrevi sobre a escrita, pesquisei sobre a pesquisa.

Ao final lhe digo:

Deixe este manifesto!

Perambule pela rua que mora como se não a conhecesse.

Ande sem objetivo traçado, comece um percurso sem dominar os acontecimentos que irão surgir.

Leia. Leia a movimentação, os olhares, os sons e silêncios.

Perceba, sem ansiedade, os muitos textos que sua mente incessantemente produz.

Viva primeiro, escreva depois. Escrever é edição, não acúmulo.

Esteja presente no próprio corpo. É dele que emerge a escritura.

Viva poeticamente não como quem se isola, pelo contrário, como quem está muito atento às múltiplas camadas do que se convencionou chamar de realidade.

Escrever esta carta é me despedir e também agradecer.

Não mais terei sua companhia, você que me lê, já que aqui me despeço acreditando na beleza incontornável do fim.

Que a escritura, a leitura, a poética da vida nos encontre atentos e que possamos ser seres melhores que criem uma terra melhor para habitar.

A você que me lê, que me leu, que me encontrou, gratidão!

Que a poesia te visite e seja acolhida.